

Isabela Custódio Leitão

*Anglicismos no Português do Brasil: um
estudo lexicográfico Aurélio - Houaiss*

Araraquara
2006

Isabela Custódio Leitão

*Anglicismos no Português do Brasil: um
estudo lexicográfico Aurélio - Houaiss*

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
e Letras – Unesp – Campus de Araraquara - para
a obtenção do título de Mestre em Lingüística e
Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof^a.
Dr^a. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Araraquara
2006

Isabela Custódio Leitão

*Anglicismos no Português do Brasil: um
estudo lexicográfico Aurélio - Houaiss*

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
e Letras – Unesp – Campus de Araraquara - para
a obtenção do título de Mestre em Linguística e
Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof.
Dr^a. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Prof^a. Dr^a. Clotilde de Azevedo Murakawa

1º Examinador(a)

2º Examinador(a)

Araraquara
2006

Aos meus pais, Antônio e Ani,
pelo apoio incondicional.

Agradecimentos

A Prof^a. Dr^a. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, professora e orientadora, pela paciência, pela compreensão, pela oportunidade, por todos os conhecimentos transmitidos.

Ao Prof^o. João Moraes e a Juliana, pela ajuda e confiança.

Aos meus irmãos, em especial, a Elisa, pelo estímulo e pela ajuda constante.

Ao Mauro, pela dedicação e amor.

A Maria Carolina, grande amiga, pelo incentivo e disponibilidade.

Resumo

O léxico do português brasileiro contemporâneo é a todo tempo ampliado por unidades lexicais oriundas de outras línguas, principalmente, da língua inglesa, os chamados anglicismos. Assim, é importante verificar se os dicionários de maior circulação nacional Aurélio 3.0 (1999) e Houaiss 1.0 (2001), em versões informatizadas, mantêm alguns critérios de seleção desses novos vocábulos, e em caso afirmativo, se esses critérios são comuns aos dois dicionários. Ao comparar as unidades de ambas as obras lexicográficas, os principais fatos encontrados referem-se: à grafia das unidades; à semelhança da definição, que ora é melhor apresentada por um dicionário, ora por outro e, à falta de identidade da definição. Além disso, verificou-se a grande presença, em ambas as obras, de unidades definidas por remissiva e sinonímia. Selecionadas as unidades provenientes de língua inglesa fez-se necessário, ao compará-las, buscar sua contextualização, a fim de esclarecer diferenças encontradas. Usando o banco de dados do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara foi possível, em alguns casos, dizer qual a melhor definição, qual a grafia mais usada; no entanto, alguns problemas também foram encontrados como, por exemplo, unidades cujas ocorrências não podem ser explicadas por nenhuma das acepções apresentadas pelos dicionaristas. Diante da análise, pode-se concluir que não há um procedimento lexicográfico uniforme que oriente ou que norteie a inserção de unidades lexicais de língua inglesa nos dicionários Aurélio 3.0 (1999) e Houaiss 1.0 (2001), como também, não há ainda, no Brasil, critérios metodológicos que dêem suporte a esse tipo de inserção lexicográfica.

Palavras-chave: Léxico, Dicionário, Análise Lexical, Anglicismos, Definição, Ortografia.

Abstract

The contemporary brasilian-portuguese lexicon is always amplified by lexical units that come from other languages, mostly from English, which are called anglicisms. Thus, it is relevant to verify if the electronical version of Aurélio 3.0 (1999) and Houaiss 1.0 (2001), that present large circulation in Brazil, maintain any criterions to elect these units and if these criterions are common to both dictionaries. The main features that emerge by the comparison of both dictionaries are: the difference in the orthography of the lexical units, the similarity in the definition, varying the best definition between the two dictionaries, and the lack of identity in the definition. Moreover, it was certified that the units were often defined by synonymy and remission. Because of the comparison of the English units, in both dictionaries, it was necessary to study the context in which each term occur, in order to elucidate the divergences. Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras — Campus Araraquara database, provided, in some cases, a manner to attest the best definition of an unit and to estipulate its more used orthography. However, some problems could also be found in this work, such as lexical units that could not be explained by any of the entries of the dictionaries referred to. In conclusion, it can be said that there is not an uniform lexicographical procedure that conduct the insertion of English lexical units in the Aurélio 3.0 (1999) and Houaiss 1.0 (2001) dictionaries, as well as there is not yet a theory that supports this kind of lexicographical insertion.

Key words: Lexicon, Dictionary, Lexical Analysis, Anglicisms, Definition, Ortography.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Obras de referência e constituição do corpus	10
1.2 Justificativa	10
2 ASPECTOS TEÓRICOS	12
2.1 Processos de ampliação lexical e sua tipologia.....	13
3.2 Os empréstimos lingüísticos e sua tipologia	15
3 DESCRIÇÃO DOS DICIONÁRIOS AURÉLIO E HOUAISS 20	
3.1 O dicionário Aurélio 3.0 (1999)	20
3.1.1 A microestrutura	23
3.2 O dicionário Houaiss 1.0 (2001)	27
3.2.1 Organização da microestrutura do dicionário.....	32
4 METODOLOGIA.....	38
4.1 Corpora do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara	39
5 ANÁLISE DOS ANGLICISMOS.....	41
5.1 Identidade ortográfica, identidade conceitual e registro no Corpora Lex.....	41
5.2 Identidade ortográfica, identidade de definição, ausência de registro no Corpora Lex	52
5.3 Identidade ortográfica, semelhança de definição (Houaiss é mais apropriado) e registro no Corpora Lex	55
5.4 Identidade ortográfica, semelhança de definição (Aurélio é mais apropriado) e registro no Corpora Lex	78
5.5 Identidade ortográfica, semelhança de definição (Houaiss é mais apropriado), ausência de registro no Corpora Lex.....	90
5.6 Identidade ortográfica, semelhança de definição (Aurélio é mais apropriado), ausência de registro no Corpora Lex.....	96
5.7 Identidade de definição, diferença ortográfica e registro no Corpora Lex.....	100
5.8 Semelhança de definição, diferença ortográfica e registro no Corpora Lex.....	102
5.9 Semelhança de definição (um dos dicionários apresenta uma definição mais completa ou um número maior de informações), diferença ortográfica e ausência de registro no Corpora Lex	107
5.10 Ausência de identidade na definição, identidade ortográfica e registro no Corpora Lex.....	108
5.11 Definição remissiva em uma das obras lexicográficas; registro no Corpora Lex ..	109
5.12 Definição remissiva em um dos dicionários; ausência de registro no Corpora Lex	124
5.13 Outros casos relevantes	130
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
7 REFERÊNCIAS.....	139

1 INTRODUÇÃO

Os empréstimos lingüísticos são umas das formas de verificação da presença de uma língua estrangeira em outra língua. A globalização faz aumentar ainda mais a transmissão de palavras entre línguas; as modernas tecnologias produzem objetos, técnicas e mesmo novos conceitos que passam de um país a outro carregando consigo os vocábulos que as denominam. Dessa forma, as mudanças lingüísticas ocorrem para atender as necessidades de seus usuários.

Esse fato intensificou-se no momento histórico atual, mas já é conhecido e verificado há tempos, e mesmo assim, muitos “puristas” ainda condenam essa forma de enriquecimento da língua, a exemplo desse fato, o Projeto de Lei 1676/99, de autoria do deputado federal Aldo Rebelo (PC do B – SP) que objetivava, segundo seu autor, proteger, defender e promover a língua.

No caso da língua portuguesa, verificam-se influências bem mais antigas: nos anos que se seguiram à Idade Média até o início do século XX, por exemplo, o português muito importou da língua francesa, já que, a França era, naquele momento, o modelo de civilização. Com a Primeira Revolução Industrial essa influência passou à Inglaterra, devido à importação de meios de transporte, comunicação e prestação de serviços ligados a eles.

A língua portuguesa brasileira recebeu também grande influência do espanhol, menos identificada pela proximidade morfológica entre as línguas, essa influência se fez em decorrência da vizinhança territorial. Localizadas ou ligadas à gastronomia verificam-se, também, influências italiana, alemã e japonesa, vindas com os migrantes e intensificadas durante as Grandes Guerras.

A influência maior, no entanto, que substituiu a da Inglaterra, foi a norte-americana. Por fatores econômicos e tecnológicos e até certo ponto por fatores sociais.

O português do Brasil é marcado ainda por um grande número de empréstimos provenientes da língua indígena, não encontrados no português de Portugal.

Todas as línguas sofrem direta ou indiretamente influência de outras; no Brasil, no momento atual, a influência maior, tanto tecnológica, como sócio-cultural é a americana. Entretanto, quais unidades léxicas constam nas mais consultadas e utilizadas obras lexicográficas do Português Contemporâneo do Brasil? O presente trabalho tem como objeto de análise os empréstimos estrangeiros provenientes do inglês e registrados como recentes por dois grandes dicionários de língua brasileiros: um mais recentemente editado – Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0 (2001)– e outro reeditado –, Dicionário

Aurélio Eletrônico Século XXI. Versão 3.0 (1999), ambos em suas versões eletrônicas. Nesse trabalho, os dicionários serão, a partir de então, tratados apenas por Houaiss 1.0 (2001) e por Aurélio 3.0 (1999).

1.1 Obras de referência e constituição do *corpus*

O léxico português brasileiro contemporâneo é a todo tempo ampliado por unidades léxicas provenientes de outras línguas, principalmente anglicismos. Assim, é importante questionar quando tais anglicismos devem ser dicionarizados, que status devem alcançar para entrar no maior acervo léxico de um língua. Cabe, aqui, da mesma forma, perguntar se os dicionários de maior circulação nacional mantêm algum critério de seleção de novas unidades, e, em caso afirmativo, se esse critério é comum entre eles. Desse modo, o trabalho objetiva analisar a presença dos estrangeirismos no léxico brasileiro, verificando o tratamento lexicográfico dado a eles .

Para tanto, o trabalho contou com três corpora que foram comparados e analisados, um constituído a partir do levantamento de todas as unidades léxicas que o Aurélio 3.0 (1999) registra como recém incorporadas à língua, das quais apenas as de origem inglesa foram utilizadas; outro que conta com todas as unidades léxicas registradas como oriundas do inglês pelo dicionário Houaiss 1.0 (2001) e, o Corpora do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras com suas ocorrências de 1950 até 2000.

1.2 Justificativa

O léxico de uma língua é constituído pelo léxico comum, pelas criações vernáculas e pelos empréstimos de línguas estrangeiras. Ele permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo porque nos mostra a quantidade e o tipo de conhecimento que ele detém. O fundo comum do léxico caracteriza a língua e é tão resistente quanto a gramática porque as noções que ele expressa, de um lado, não são afetadas por mudanças econômicas e sociais e, de outro, porque são de uso geral e coloquial. Esse fundo comum é sustentáculo da estrutura de uma língua. O restante do vocabulário pode modificar-se de uma forma mais ou menos rápida, porque reflete a vida sócioeconômica de um povo.

A presença de estrangeirismos na língua, ao contrário do que muitos pensam, não contribui para a modificação ou extinção da língua, pois eles não fazem parte desse léxico comum e ainda estão sujeitos às regras de formação de palavras do português, à sua morfologia e sintaxe e são pronunciados de acordo com o sistema fonológico do português. O léxico de qualquer língua é, desse modo, resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e outras línguas.

É difícil prever se um vocábulo que circula hoje na língua ainda estará nela daqui a alguns anos; terá seu significado acrescido de novas conotações, será registrado em alguma obra lexicográfica da língua, principalmente quando se trata de um estrangeirismo. A forma corrente mais precisa para se verificar tudo isso é o dicionário, maior acervo lexical de uma comunidade lingüística. Daí a importância de se verificar o tratamento lexicográfico que essas grandes obras lexicográficas dão a esses vocábulos, oriundos de outras línguas, comprovando se há uniformidade: de registro, de grafia, de definição nessas obras ou se há diferenças.

Para contextualizar, mostrando o uso real dessas unidades, esse trabalho conta com um terceiro corpus: o do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Esse *corpora* é composto por 77 milhões de ocorrências colhidas na Literatura Dramática, Jornalística, Romanesca, Técnica e Oratória.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

A criatividade humana é a principal responsável pelo aparecimento de novas unidades lexicais em uma língua. A sociedade inova-se constantemente e por isso é preciso que se criem novas unidades a fim de nomear os novos elementos na realidade extralingüística; essa inovação se dá através da criação neológica, resultante dos processos que a língua dispõe para formar novas unidades: composição e derivação – mecanismos herdados do latim –, ou então, de empréstimos lingüísticos, mudanças semânticas e composições onomatopéicas. Desse modo, consideram-se os empréstimos lingüísticos como uma forma de ampliação lexical.

O léxico é o conjunto de unidades de uma língua que está à disposição do falante; é acervo de cultura, contendo em si as crenças e experiências acumuladas de uma dada comunidade lingüística; dos níveis da língua é o que carrega a maior carga de cultura. Adapta-se aos valores socioculturais dessa comunidade, amplia-se com suas necessidades de nomear inovações científico-tecnológicas e mudanças sociais. Segundo Biderman (1992, p.399) “[...] num vocabulário estão sintetizadas a vida, os valores e as crenças de uma comunidade social”.

Sobre uma perspectiva cognitivo-representativa, o léxico é, segundo Vilela (1995), a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística; sobre uma abordagem comunicativa é o conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam-se entre si. Desse modo, é o conjunto das palavras fundamentais de uma língua, e caracteriza-se, contrariamente a vocabulário, como geral, social e essencial.

Cada sociedade, através de seus membros, cria e conserva sua língua e é essa criatividade a responsável pela ampliação do léxico. A sociedade capitalista moderna está sempre desejando o novo, construindo, reinventando e, por isso, novos termos são oferecidos e criados com o objetivo de oferecer novos conceitos, nomear inventos, acompanhar a evolução humana. A trajetória de um neologismo em qualquer língua é sempre imprevisível, se ele será difundido e passará a constar até mesmo de dicionários da língua ou se será simplesmente esquecido, não há como prever.

No mundo contemporâneo, a ciência e a tecnologia são, segundo Biderman (1978, p.166), os fatores principais que atuam na criação neológica. Isso se dá pela incessante necessidade de ambas formarem, constantemente, “[...] um instrumental léxico para as suas novas necessidades de expressão”. Tais campos contribuem muito para a expansão do léxico não só de linguagens especiais, mas no âmbito da linguagem geral, uma vez que, a ciência e a

tecnologia estão continuamente mudando a nossa vida: criações materiais e mentais de cientistas e técnicos, mudanças sociais suscitam novas unidades, geram novas realidades, desencadeiam novas nomenclaturas.

Quanto aos empréstimos lingüísticos, objeto deste estudo, Sandmann (1997) mostra que quando culturas e línguas estão em contato, a presença de intercâmbios é algo natural, podendo ainda uma língua exercer sobre outras uma influência maior do que recebe. Classifica, ainda, esses empréstimos como secundários em comparação aos processos vernáculos da língua, levantando posteriormente a questão de que talvez os empréstimos hoje, principalmente do inglês, não sejam tão secundários assim.

De acordo com Sandmann (1991), os falantes têm dois momentos: o chamado analítico, aquele em que o falante analisa e interpreta as unidades constantes no léxico, e o sintético, o momento em que forma ou entende as unidades novas.

2.1 Processos de ampliação lexical e sua tipologia

O conceito de neologia é muito anterior ao aparecimento do termo, uma vez que o processo neológico acompanha o desenvolvimento do acervo lexical de todas as línguas. Segundo Alves (1996), o *Grande Dicionario Portuguez* ou *Thesouro da Língua Portuguesa*, de Frei Domingos Vieira, de 1871-1874, em seu quarto volume registra o termo *neologia* como a “invenção ou introdução de termos ou locuções novas em um idioma”.

Ainda de acordo com Alves (1996, p.11), o conceito de neologia “[...] refere-se a todos os fenômenos novos que atingem uma língua.” Guilbert (apud ALVES, 1996, p. 11) considera neologia como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais e também as inovações lexicais provenientes de outros idiomas, os empréstimos. Alves (1996) cita ainda a definição de neologismo apresentada por Jean-Claude Boulanger – “unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito numa língua.” (apud ALVES, 1996, p.11) De acordo com Biderman (1978, p.158), neologismo é “[...] uma criação vocabular nova, incorporada à língua”.

Os neologismos resultam de um conceito novo dado a uma unidade lexical já existente na língua (neologismos semânticos) ou de unidades novas introduzidas na língua (neologismos formais), podendo, nesse caso, serem oriundos de outras línguas (empréstimos

lingüísticos) ou resultantes de processos de formação de unidades que a língua dispõe – criações vernáculas.

O próprio mecanismo de comunicação humana impede a vivacidade de um neologismo fonológico para garantir a eficácia da mensagem. “A criação onomatopaica procura reproduzir um som, o que impossibilita que o seu significante seja imotivado.” (ALVES. 1990. p.12) Sobre essa criação, é importante ressaltar ainda que ela não é totalmente arbitrária, uma vez que se baseia no barulho, ruído, grito, no som produzido por algum objeto.

Os neologismos sintáticos constituem-se a partir da combinação de elementos já existentes na língua. A derivação prefixal é um processo muito produtivo no português contemporâneo podendo o prefixo acrescentar variados significados como oposição, grandeza, pequenez, exagero. A derivação sufixal atribui “[...] à palavra-base a que se associa uma idéia acessória, e com frequência altera-lhe a classe gramatical.” (ALVES. 1990. p.29). O processo de formação de palavras por composição implica na justaposição de bases autônomas ou não, sendo que a unidade composta funciona como um item lexical único. A composição revela uma relação sintática subordinativa ou coordenativa. Pode ser ainda formada por compostos de bases presas, híbridos ou ser do tipo sintagmática que se processa “[...] quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica” (ALVES, 1990, p.50). Um outro tipo de composição especial é a composição por siglas ou acronímia resultante da lei de economia discursiva; o sintagma é reduzido de forma que se torne mais eficaz no processo de comunicação, muitas das vezes esse tipo de composição produz ainda derivado:

→ VIP

[Ingl., sigla de Very Important Person, 'pessoa muito importante'.]

S. 2 g.

1. Pessoa de considerável influência ou prestígio.

Adj. 2 g.

2. Diz-se dessa pessoa.

3. Diz-se de local destinado a ela: sala VIP. (AURÉLIO 3.0, 1999)

A conversão ou derivação imprópria é um tipo de formação lexical no qual a unidade léxica tem sua distribuição alterada sem que haja manifestação de mudanças formais. Exemplos muito comuns são o uso de palavras como *Keds* e *Melissa* que se referem a uma marca específica (que fabrica não só esses modelos, mas também outros) para denominar um tipo de tênis e de sandália plástica, por exemplo.

Muitas palavras já existentes na língua recebem novas definições e passam a englobar novos conceitos ou denominar novos objetos, são, entre outros, os chamados neologismos semânticos: *fluxico* (mexerico, flor artesanal utilizada em roupas ou acessórios), *irado* (muito bravo, muito bom).

A truncação é um tipo especial de formação de abreviação em que uma parte da unidade lexical, geralmente a final, é abreviada: *refri* (refrigerante), *restô* (restaurante).

Na palavra-valise, também denominada cruzamento vocabular, palavra *portmanteau* ou contaminação, uma parte de cada uma das duas bases são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item no léxico; uma perde sua parte final e outra a sua parte inicial, como é o caso de *loirexia* (loira + anorexia).

A reduplicação consiste na repetição duas ou mais vezes de uma mesma base a fim de constituir um novo item lexical. Esse tipo de formação é pouco produtivo no português contemporâneo, Alves (1990), exemplifica-o com a unidade *trança-trança*.

Recebe o nome de derivação regressiva a criação de uma nova unidade léxica que se deve à supressão de um elemento considerado de caráter sufixal, de acordo com Alves (1990).

Os neologismos formados por empréstimo passam por diferentes níveis de adaptação ao entrarem na língua. O estrangeirismo entra na língua e é denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma. Passa então a ser traduzido sempre em seguida do seu uso, tentativa essa que muitas vezes é logo deixada de lado, a partir do momento em que os falantes já assimilam com facilidade o novo conceito; podendo ser então, submetido a um processo de adaptação morfo-fonológica ou, em outros casos, decalcado (traduzido).

3.2 Os empréstimos lingüísticos e sua tipologia

Segundo Carvalho (1989, p.33), na relação entre duas línguas, “[...] a vizinhança ou coexistência espacial tende a modelar o léxico de uma e de outra por um recorte analógico objetivo” e, deste modo, cada língua mantém sua fonética; no entanto, introduz um novo conceito gramatical ou conceitual. Também em contatos esporádicos e sistemáticos há interferência, embora em menor grau.

Tomando como base a consequência destas relações entre os sistemas lingüísticos, Voadlo (apud CARVALHO, 1989, p.33) os classifica em: (i) sistemas *homogêneos*, de acordo com o qual, são pouco receptivos a termos alógenos, deixando com que o empréstimo

permaneça na língua como termo não-nativo (a título de exemplificação, pode-se citar o checo, que é adverso a toda influência estrangeira); (ii) sistemas *heterogêneos* que são receptivos a termos estrangeiros, integram e adaptam os novos vocábulos à sua estrutura; um exemplo representativo seria o albanês, língua na qual, há apenas 8% de vocábulos nativos; e, (iii) sistemas *amalgamados*: receptivos a empréstimos provenientes de línguas que sejam a ela análogas estruturalmente, dentre os quais estariam as línguas neolatinas.

Alguns lingüistas admitem a existência das chamadas línguas mistas, formadas a partir da fusão de dois tipos de sistemas, com elementos de diferentes naturezas, fonemas e morfemas de origens distintas. Conforme Carvalho (1989, p.34), estas línguas constituir-se-iam pelos dialetos *pidgins*, dialeto lingüístico simplificado usado na comunicação de diferentes comunidades lingüísticas e originário da língua do colonizador, não sendo língua materna; pelos falares crioulos, resultantes da adoção do *pidgin*, transformado em língua materna; e pela língua franca ou *sabir*, denominação que engloba todas as mesclas lingüísticas de contato para a intercomunicação em situações bilíngües e plurilíngües.

Podemos, então, afirmar que os falares *pidgins* e crioulos são resultantes do contato entre colonizado e colonizador em diversas partes da América, África e Ásia e ocorrem devido ao contato e intervenção lingüístico-cultural.

Esse contato ocorre, com menor freqüência, entre diversas línguas, provocando inovações e mudanças, estas devem-se à própria natureza da língua e, ao fenômeno dos empréstimos que Bloomfield (apud CARVALHO, 1989, p.35), definiu como “[...] a adoção de traços lingüísticos diversos daqueles pertencentes ao sistema tradicional”.

Carvalho (1989, p.35) apresenta ainda a definição de Haugen, para quem “o empréstimo é uma tentativa de reproduzir numa língua os padrões lingüísticos já existentes em outra”, e, também, a do neogramático Herman Paul, que considera o empréstimo consequência do contato entre línguas.

As causas dos empréstimos podem enumerar-se em dois grupos: os inseridos na língua devido ao contato interpessoal, à convivência dos falantes: proximidade territorial, colonização de um povo por outro em guerras e conquistas territoriais, e os mediados por canais artificiais, ocasionados por contatos à distância: devido à influência e intervenção política ou cultural, por exemplo, influência essa que alcançou uma propagação maior com o desenvolvimento da imprensa. A mudança ocorre de forma contínua e lenta dentro do próprio sistema.

Mattoso Câmara Jr.(1975), empregando terminologia bloomfieldiana, define empréstimos íntimos como empréstimos resultantes do contato íntimo em um mesmo

território entre populações que falam diferentes línguas. Esses empréstimos são de substrato, quando uma população é conquistada e adquire a língua dos dominadores; de adstrato, quando há coexistência entre duas línguas e evidencia-se aí uma situação de bilingüismo; e superstrato, quando os dominadores adotam a língua dos dominados.

Exemplificando para a língua portuguesa, Câmara Jr. apresenta como substrato do português as línguas iberas pré-românicas, que formam um conjunto pequeno e fragmentado. Como superstrato, seriam em sua maioria germânicos e decorrentes da presença dos impérios bárbaros na península, principalmente o visigodo, mas essa contribuição chegou até o português já muito romanizada. Os germanismos têm, dessa forma, “[...] uma origem românica geral” (CÂMARA JR, 1975, p.199). E o adstrato mais importante é o árabe, representam elementos de diversos campos semânticos como a agricultura, alimentação, denominações territoriais, técnicas de engenharia, ofícios, objetos, pesos e medidas.

Como exemplo de empréstimos íntimos, Carvalho (1989) cita ainda o latim/português (e demais línguas neolatinas), nessa circunstância, ocorreu à imposição lenta e gradual dos povos vencedores aos vencidos, permanecendo os primeiros dentro do seu esquema social, assimilando a nova língua. Insere-se nesse tipo ainda as conquistas normandas da Inglaterra: inglês/francês, o que explica o grande registro de termos franceses na língua inglesa; também, a imigração alemã na América, já que, os imigrantes carregam consigo traços de sua língua materna para a dominante.

A respeito dos empréstimos culturais, provenientes de contatos “[...] a maior ou menor distância, sempre na base de um intercâmbio cultural” (CÂMARA JR, 1975, p.200), reconhece-se no português arcaico a influência do provençal e do francês. Muito se tem também do italiano e espanhol. Hoje, a principal influência decorre dos Estados Unidos, sendo os anglicismos os empréstimos culturais que mais se incorporam ao português do Brasil.

Bastante encontrados, os empréstimos externos ou culturais são resultantes do contato político, social, comercial e militar entre os povos. Esses empréstimos possuem ainda uma variante: o empréstimo *dialetal* que ocorre devido às diferenças regionais, sociais e aos jargões especializados de uma mesma língua e afeta de modo diferente o sistema lingüístico, podendo afetar até mesmo sua estrutura. A passagem de termos de terminologia especial para a linguagem geral é tida como um tipo de empréstimo dialetal ou empréstimo interno.

Ao classificar-se o empréstimo externo de acordo com sua origem, surge também o conceito de hibridismo: compostos de elementos provenientes de duas línguas distintas.

O estrangeirismo pode ainda ter as mais variadas procedências e é classificado também como anglicismo, galicismo, helenismo, latinismo, italianismo, arabismo, espanholismo.

Os empréstimos dialetais, culturais ou íntimos são responsáveis em grande escala pela renovação vocabular, uma vez que, em sua maioria, são de natureza lexical, sendo raros os casos de empréstimos fonológicos e sintáticos – sistemas mais resistentes e fechados a mudanças que o lexical. Em sua maior parte, os empréstimos tendem a adotar a morfologia e fonologia da língua que os importou. É importante ressaltar ainda que todas as línguas do mundo trazem em seu sistema marcas de empréstimos, sejam culturais ou íntimos. Segundo Câmara Jr. (1975), uma língua deve ser definida, diacronicamente, em seu conceito de *falar* ou *Língua Local*, mesmo porque as pequenas comunidades têm certa solidariedade com os falares fronteiriços quando entre elas não existem conflitos de elegibilidade e estrutura.

De acordo com Carvalho (1989, p.44), “[...] o empréstimo constitui-se na fase de instalação e adaptação do termo. O termo pode ser rejeitado, adotado ou substituído.” A terminologia do futebol é apresentada por Carvalho (1989, p.44) a fim de exemplificar em português esse caso: o jogo *football* existia na Inglaterra; com a introdução do esporte no Brasil, introduziu-se, também, sua terminologia. Alguns estrangeirismos foram adotados e adaptados: futebol, gol, pênalti; outros, apesar de inicialmente usados, foram posteriormente rejeitados: *goal-keeper* (goleiro), *center-forward* (ponteiro), *back* (zagueiro).

A adaptação de um termo estrangeiro nem sempre ocorre em sua forma escrita, muitos permanecem escritos na sua forma de origem e são sentidos sempre como elementos estrangeiros. Costuma-se considerar os termos de grafia estrangeira como *xenismos* – assim designam-se as palavras que permaneceram na sua forma original apesar da grande frequência de uso. São exemplos de *xenismos*: nomes próprios como Marly, Giovanni; nomes de lugares: Washington, Houston, Berlin, Côte d’Azur. Também, há muitos *xenismos* que representam realidades locais de outras culturas: aiatolá, saquê, savoir-faire. Muitas vezes, a tradução dessas palavras é evitada, a fim de dar maior força ao texto jornalístico ou literário.

Quanto à forma fônica, ao introduzirem um termo estrangeiro em seu sistema lingüístico, os falantes de uma língua já o adaptam fonologicamente, mesmo que essa adaptação não ocorra na escrita. A adaptação do vocábulo pelo falante ao sistema fonológico de sua língua materna ocorre sem nenhuma preocupação de fidelidade à língua de origem: “[...] os fonemas da língua exportadora não se conservam na língua importadora”. (CARVALHO, 1989, p.45).

Depois de adotado e adaptado de várias formas, o *estrangueirismo* passa a denominar-se *empréstimo*; todos os sistemas lingüísticos apresentam marcas de empréstimos e desenvolveram, para estes, processos de adaptação.

De acordo com sua forma de adoção, Biderman (1978) reconhece três tipos de estrangeirismos:

- (i) o *decalque*, quando se adota uma versão literal do lexema, modelo na língua originária;
- (ii) a *adaptação de forma estrangeira à fonética e ortografia brasileira*, normalmente, se dá quando o empréstimo já há muito entrou na língua (exemplos: balé ao invés de ballet);
- (iii) a *incorporação do vocábulo com sua ortografia e fonética originais* (best-seller, check-up)

Para Weinrich (apud CARVALHO, 1989), quanto à forma de adoção, o empréstimo pode ser ainda *simples* – constituído de uma unidade lexical apenas –, ou *composto* – constituído de mais de uma unidade lexical (exemplo: *week-end*); muitos empréstimos *compostos* são, no entanto, adotados como *simples*: *pull-over* – pulôver, *roast-beef* – rosbife. Além disso, a adoção pode ser *completa* – adoção do conjunto significante mais significado (nhoque, basquete), ou *incompleta* – adoção de um novo significante para um significado já existente na língua (*griffe* - francês, sinônimo de marca - português).

Quanto à forma de derivação, os empréstimos podem ser classificados em *diretos* e *indiretos*. O empréstimo direto é aquele que deriva diretamente da língua fonte: futebol, por exemplo, que derivou de sua língua de origem, do inglês *football*. O indireto tem a língua fonte como intermediária no processo de adoção: humor (português), do francês *humeur*, mas emprestado para o português do inglês *humour*.

O neologismo semântico é apenas um empréstimo de significado, uma vez que esse empréstimo constitui-se de palavras já existentes na língua e utilizadas com uma nova acepção, podendo ainda, muitas vezes, ser causado pela semelhança de formas ou também por traduções equivocadas.

3 DESCRIÇÃO DOS DICIONÁRIOS AURÉLIO E HOUAISS

Os dicionários Aurélio 3.0 (1999) e Houaiss 1.0 (2001), principais objetos dessa análise, apresentam-se em versão impressa e também em CD-ROM. No presente trabalho optou-se por usar a versão em CD-ROM de ambos, a fim de facilitar principalmente por permitir cópias e colagens e, também, pela facilidade de manuseio encontrada.

Ambas as obras lexicográficas propõem-se a descrever o léxico do português contemporâneo do Brasil de forma uniforme e clara, justificando essa descrição em suas introduções e informando ao consulente todo o conteúdo que prometem apresentar, como será visto nesse capítulo.

3.1 O dicionário Aurélio 3.0 (1999)

A primeira edição do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, foi publicada em 1975 e mantém-se, de acordo com o prefácio de sua versão eletrônica – Aurélio – Século XXI (versão 3.0) –, como a principal e mais difundida obra lexicográfica de língua portuguesa do Brasil. Segundo ainda a Editora Nova Fronteira, responsável pela publicação do dicionário, no Brasil o termo *Aurélio* tornou-se sinônimo de dicionário.

A 2ª edição do Dicionário, ampliada em cerca de 30% em relação à primeira, saiu no ano de 1986. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira morreu em 1989, nessa época, já havia iniciado os trabalhos de revisão do seu dicionário para o lançamento da 3ª edição.

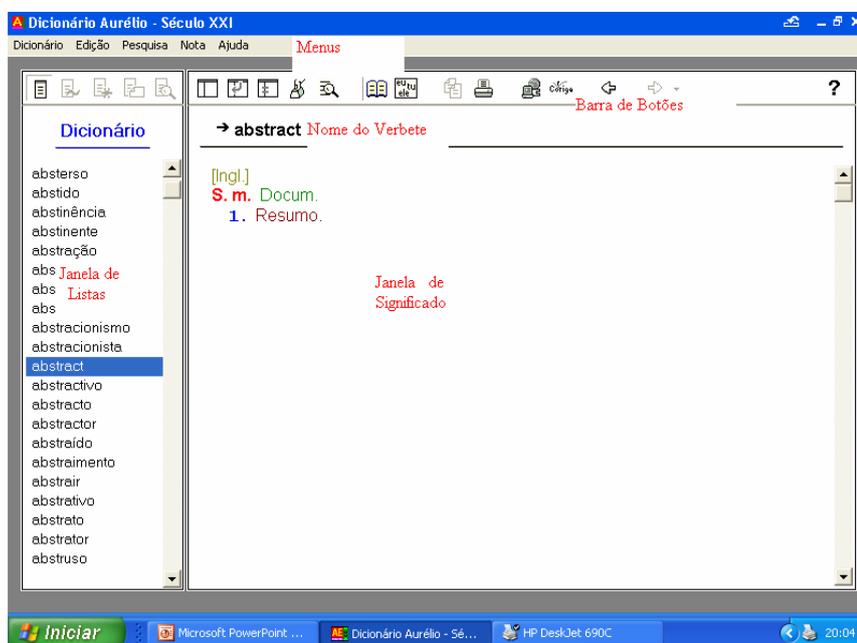
Depois da morte do principal autor e coordenador, o Dicionário tem sido orientado e atualizado por Margarida dos Anjos Ferreira e Marina Baird Ferreira.

O presente trabalho utilizou em sua análise o Aurélio 3.0 publicado em 1999 que teve seu acervo ampliado em 25% em relação à edição anterior e conta com 345 mil verbetes, locuções e definições, e dezenas de milhares de exemplos e abonações literárias abrangendo um total de quase 1.400 autores.

O manual do dicionário Aurélio – Século XXI (versão 3.0) é bem explicativo e parece atender às necessidades do consulente, pois a fim de explicar as ferramentas de busca e manuseio dessa versão, toda a introdução parece ter sido remodelada, levando em conta estes

questos, diferentemente do manual da versão impressa que mantém ainda como apresentação introdutória o seu *Prefácio à Primeira Edição* de 1975.

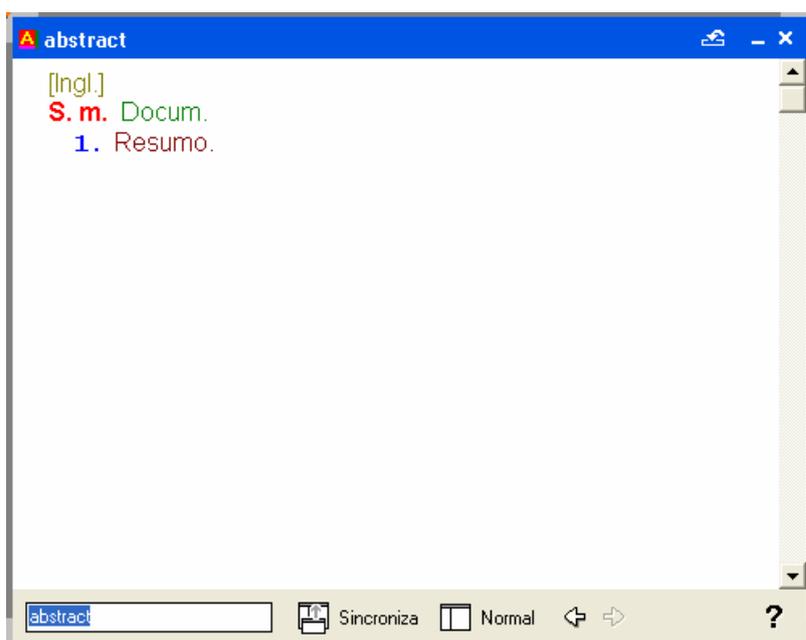
A interface gráfica do Aurélio 3.0 (1999) apresenta-se basicamente do seguinte modo:



(AURÉLIO 3.0, 1999)

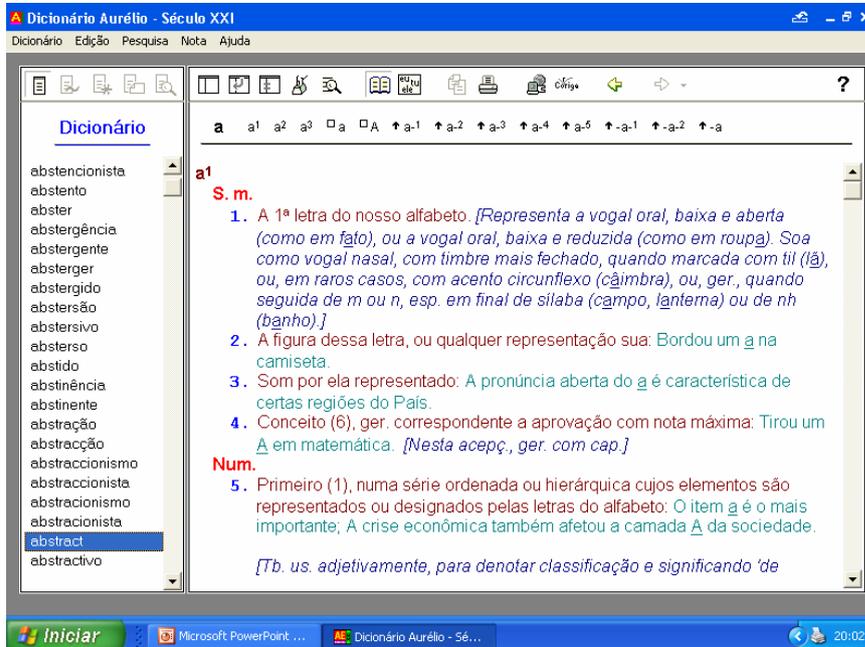
O dicionário Aurélio 3.0 (1999) dispõe de três modelos de apresentação para sua interface gráfica:

- (i) um *Modo Reduzido* que apresenta apenas a definição do verbete solicitado:



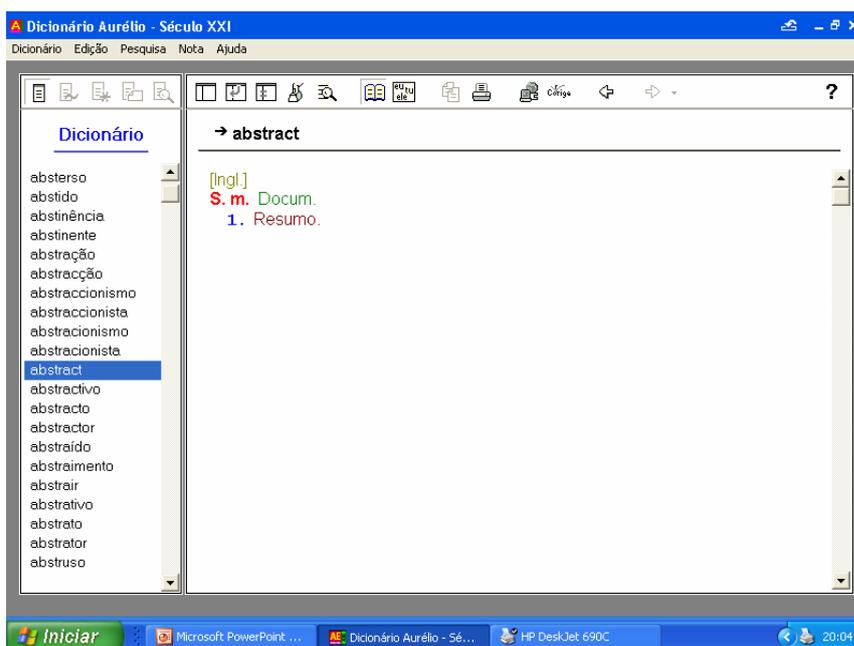
(AURÉLIO 3.0, 1999)

- (ii) um modo que sincroniza a definição, ou seja, permite que você percorra a janela de listas, mas não modifique a de significado (os verbetes arrolados na janela de listas não são visualizados na janela de significado):



(AURÉLIO 3.0, 1999)

- (iii) um modo que exibe a definição automaticamente, permitindo que quando arrolados na janela de listas os verbetes sejam simultaneamente visualizados na janela de significados:



(AURÉLIO 3.0, 1999)

No dicionário Aurélio 3.0 (1999), assim como no Houaiss 1.0 (2001), o verbete pode ser obtido a partir de uma lista ordenada alfabeticamente, sendo digitado, ou pode-se simplesmente clicar sobre a unidade, caso esteja presente em uma definição, por exemplo. No Aurélio 3.0 (1999), é possível ainda que a partir de uma unidade lexical qualquer, mesmo que digitada com algum erro, de partes de palavras (sufixos, por exemplo) obtém-se uma lista de verbetes por semelhança fonética ou ortográfica.

O dicionário funciona ainda como dicionário reverso, ou seja, encontram-se verbetes pelas *palavras-chaves* contidas em suas definições; apresenta-se a conjugação verbal; permite que sejam associadas notas específicas do consulente a cada verbete; disponibiliza ao consulente a possibilidade de cópia e colagem. Essas funções também estão presentes no Houaiss 1.0 (2001); destaca-se, entretanto, o fato de o Aurélio 3.0 (1999), além de conjugar verbos, reconhece, também, formas conjugadas.

É disponibilizada ainda pelo dicionário a possibilidade de escolha de cores, letras, entre outras configurações e uma adequação da colagem a formatação do texto no qual ela é inserida.

3.1.1 A microestrutura

A janela de significado do verbete apresenta o texto integral do Novo Dicionário Aurélio – Século XXI. Para maior legibilidade e clareza, o verbete foi separado em “objetos”, isto é, itens classificatórios da informação. Através de encaixes, uso de ícones ou marcas especiais é que se dá a identificação dos objetos na janela, podendo o consulente de acordo com a configuração de seu monitor, configurar essas informações por cores, tamanho e realce definidos por ele próprio.

A estrutura do verbete (texto do dicionário ou a janela do verbete) é composta pelos seguintes itens, cada um identificado por uma cor, ícone ou marca especial:

- Nome do Verbetes
- Ortoépia
- Etimologia
- Categoria Gramatical
- Regência Verbal
- Acepções
- Homógrafos

- Rubrica
- Exemplos ou Abonações
- Achegas
- Remissivas
- Locuções
- Sinais Especiais

Alguns verbetes são antecidos por um ícone de identificação, como ocorre com os lexemas provenientes de outras línguas, que são nosso objeto de estudo. Os principais ícones são: o *triângulo*¹ [↑] que indica que o verbete é um elemento de composição (exemplo: *inter-*), o *quadrado* [□] mostrando se tratar o verbete de uma sigla ou símbolo, ou de uma *abreviatura* (exemplo: *CE*) e a *seta* [→] demarcando ser o verbete uma palavra ou expressão estrangeira (exemplo: *marketing*).

Os verbetes homógrafos são abertos na mesma janela de significado e identificados pelas seguintes diferenças: por hífens (quando se trata de elementos de composição), pelos *números-índice* ou pelas *ortoépias* (pronúncias) distintas. Essas indicações apresentam-se na barra de título da janela de significado, e clicando em uma delas, o verbete desejado é posto no alto da janela.

Nos outros casos, a *ortoépia* localiza-se na primeira linha do texto, ocorrendo quando é necessário deixar claro a pronúncia do lexema.

A etimologia também aparece na primeira linha do texto, na maioria dos verbetes (não ocorre em todos), e é mostrada entre colchetes, como no exemplo :

→ **wade-giles**

[Ingl. (< antr. [Thomas] Wade e [Herbert] Giles).]

S. m. Graf.

1. Sistema de escrita com caracteres latinos, criado em 1859 por Sir Thomas Wade e desenvolvido por Herbert Giles, e que se tornou, no Ocidente, o modo mais familiar de transcrição de nomes chineses.

[Atualmente começa a ser suplantado pelo pin-yin (q. v.).] (AURÉLIO 3.0, 1999)

O verbete é dividido em suas categorias gramaticais e, dentro de cada uma delas, em suas acepções. A regência verbal apresenta organização similar à categoria gramatical.

¹ O dicionário denomina triângulo ao sinal gráfico que identifica o verbete como elemento de composição, apesar de esse sinal parecer-se mais com uma seta. Veja:

↑ **ab-** ↑ ab-1 ↑ ab-2 (AURÉLIO 3.0, 1999)

As definições dentro de cada verbete são numeradas a partir de um e representam as diversas acepções do verbete. Os números são colocados em relação à categoria gramatical ou à regência verbal.

Unidades lexicais homógrafas, com a mesma grafia e origens diferentes, são marcadas com número-índice começando pelo número um a partir do nome do verbete. No Aurélio 3.0 (1999), separam-se ainda por uma linha horizontal, mas ocorrem dentro de uma mesma janela.

→ **spot**

→ spot¹

[Ingl., f. red. de spot-light.]

S. m.

1. Foco (11).

2. Rád. Telev. Designação usual de mensagem publicitária breve veiculada em rádio ou televisão.

[É mais us. para rádio; em TV se utiliza ger. o termo comercial (q. v.).]

→ spot²

[Ingl.]

S. m.

1. V. spot market: "Durante a manhã, o grama [de ouro] negociado no spot ... acusou valorização nominal de 3,8%." (Gazeta Mercantil, 16.1.90.)

◇ Spot market.

1. Compra e venda de mercadorias, moeda estrangeira, etc. com pagamento em dinheiro e entrega imediata; mercado à vista.[Tb. se diz apenas spot.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

A rubrica é uma abreviatura que se liga de um modo geral ao assunto, ao uso, frequência do verbete, podendo referir-se ao verbete inteiro ou apenas a uma acepção específica. Dessa forma, pode ocorrer junto à categoria gramatical quando se aplica a todas as acepções desta categoria, ou ainda, junto a uma acepção quando se aplica apenas a ela. São exemplos de rubricas: Geol. (geologia), Quím. (química), Bras. (brasileirismo), P.us. (pouco usado), P.ext. (por extensão).

As abonações, retiradas de textos de obras de escritores das literaturas portuguesa e brasileira, ou exemplos, assinalados em texto do próprio autor são visualizados na forma de símbolos (ícone de documento, para os exemplos e de livro, para as abonações) ao final de uma acepção ou na própria janela, de acordo com a configuração que o consulente preferir.

Achegas são complementos ou explicações suplementares, notas gramaticais ao texto de uma acepção ou de todo o verbete e apresentam-se em todos os casos entre colchetes; as

mais recorrentes são as gramaticais que indicam sinonímia, plurais irregulares ou de palavras compostas, conjugações de verbos, entre outros.

As notas remissivas, muito presentes na obra, fazem-se sempre precedidas de V., e quando indicam uma acepção definida do verbete, remetido após a unidade, pode aparecer um número entre parênteses; tal fato também ocorre quando se trata de um número elevado (indicando o homógrafo).

As locuções ou expressões, em que a unidade lexical principal constitui o verbete, ocorrem em um espaço especial do verbete, após o espaço destinado as suas acepções primeiras; as locuções são precedidas de um sinal próprio, podendo conter os mesmos objetos usados para a unidade lexical.

Além dos sinais já mencionados, o dicionário Aurélio – Século XXI (versão 3.0) utiliza-se ainda de alguns sinais que têm significados especiais. Por exemplo: [---] remete o leitor para uma locução, substitui o adjetivo que dela faz parte; [/] indica mudança de verso; [//] marca mudança de estrofe; [=] igual a; [+] soma; [-] subtração; ['] multiplicação; [,] divisão; [>] proveniente de ou maior do que; [<] origem de ou menor do que; [/ /]; intercalação de um fonema (ex.:/a/); [~] remissiva; [()] número da acepção, ou definição. Alguns exemplos ilustram a explicação acima:

alegria

[De alegre + -ia1.]

S. f.

1. Qualidade de alegre²: A nota característica de seus quadros é a alegria.
 2. Estado ou condição de alegre: Tem um gênio privilegiado: nunca perde a alegria.
 3. Sentimento de felicidade, de contentamento, satisfação, júbilo: A alegria de ser mãe notava-se-lhe nos olhos; "Neste retiro os longos dias passo, / Sem alegrias e sem dissabores" (Ricardo Gonçalves, Ipês, p. 37).
 4. Tudo quanto alegre, contenta, jubila, exulta: Os filhos são a sua única alegria; Foi uma alegria para todos sua vinda pelo Natal.
 5. Divertimento, distração, prazer: Sua única alegria é a leitura.
- ~ V. alegrias. (AURÉLIO 3.0, 1999)

danaide²

[Do fr. danaïde < gr. danaís, ídos.]

S. f.

1. Espécie de roda hidráulica que imprime à corrente de água vários movimentos rotatórios. (AURÉLIO 3.0, 1999)

macacada

[De macaco + -ada1.]

S. f.

1. Macacaria (1).
2. V. macaquice (1).
3. Bras. Os amigos, ou as pessoas da família; a turma: "Tens família numerosa, / só de filhos uma grossa, / fora avós, tios e manas? / Vence a crise desgraçada! /

veste toda a macacada / nas Casas Pernambucanas!" (Antigo anúncio em bondes cariocas.) (AURÉLIO 3.0, 1999)

O Aurélio Eletrônico 3.0 (1999) disponibiliza ao consulente, ainda, outras funções como variadas formas de escolha de um verbete a fim de obter o seu significado; a partir de um segmento qualquer, mesmo se digitado com erro, é possível ao consulente verificar uma lista de verbetes semelhantes fonética ou ortograficamente; usando de unidades truncadas, ou de partes de unidades (sufixos, por exemplo) o dicionário apresenta, também, uma lista completa de verbetes existentes no dicionário, que satisfazem aquela formação. A obra funciona também como dicionário reverso; apresenta completa conjugação verbal e é capaz de reconhecer flexões (plural, feminino, flexões verbais). O consulente pode adicionar notas próprias ao verbete que desejar, assim como disponibilizar partes que pretenda utilizar em outros arquivos na *Área de Transferência*.

O manual justifica que toda essa inovação e vasta possibilidade de manuseio da obra deve-se à evolução da comunicação, das mensagens codificadas e ao registro destas, principalmente, no que se refere à informatização das mais diversificadas áreas do conhecimento ocorrida de forma mais acelerada nos últimos anos. Apesar de todas as mudanças, a língua continua sendo a principal forma de informação e comunicação, daí a equipe visualizar a necessidade de preparar instrumentos para o adequado uso da língua em um universo crescentemente informatizado, possibilitando, também, o uso preciso e rápido.

Em 2004, a Editora Positivo adquiriu os direitos de publicar a obra lançando nova versão do dicionário em papel e em CD-ROM (versão 5.0).

3.2 O dicionário Houaiss 1.0 (2001)

Em suas notas explicativas, a equipe do dicionário Houaiss 1.0 (2001) apresenta três pressupostos iniciais, nos quais fundamentou o dicionário: levantamento de uma abrangente quantidade de nomes cujas entradas tivessem definições baseadas nos estudos da equipe de etimólogos; levantamento e análise atenciosa dos elementos mórficos da língua, baseando-se no estabelecimento de grandes famílias lexicais, e maior esforço possível de datação das unidades léxicas a serem definidas.

Por se tratar de uma primeira edição, a primeira fase da obra foi principalmente de coleta de dados, atitude que visa já, nesse momento, o cumprimento das bases pré-

estabelecidas. Também foi necessário à equipe de elaboração do dicionário um amplo trabalho de verificação da história e do desenvolvimento dos formantes de palavras na língua (prefixos, sufixos, infixos, grafemas, desinências, terminações e demais elementos de composição antepositivos, interpositivos e pospositivos), pesquisa essa que teve como resultado um total de 13.295 unidades, posteriormente transformadas em verbetes.

O manual introdutório explica que a etimologia do dicionário, a partir de então, melhor organizou a história dos étimos imediatos de cada entrada, restando, apenas, referir aos lexemas o elemento mórfico que lhes servira de étimo remoto, não necessitando repetir em cada verbete dados comuns à família à qual a palavra definida pertencia.

Quanto ao trabalho de datação, a introdução explica que a obra baseou-se em uma análise detalhada e minuciosa de extensa bibliografia, a qual é apresentada pelo dicionário. A datação assinalada corresponde ao ano ou século do primeiro registro no português e consta em aproximadamente metade das unidades léxicas apresentadas.

A elaboração do dicionário levou 15 anos para ser concluída e participaram desta elaboração 34 redatores generalistas e especialistas, e 43 colaboradores externos, mencionados na lista da equipe editorial, alguns interligados em tempo amplo pela rede do banco de dados do *Instituto Antônio Houaiss*, além de colaboradores de Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique.

Em uma segunda fase, de acordo com o manual da obra lexicográfica, fez-se a conferência do material coletado e redigiu-se sua padronização, estabelecendo-se a configuração final. Nessa etapa, também, acrescentaram-se aos textos estabelecidos um maior número de informações úteis aos consulentes (rubricas temáticas, dados sobre regionalismo, nível de uso, estatística de emprego e registro diacrônico das acepções, sinônimos, antônimos, coletivos, notas de gramática e uso das palavras, informes onomasiológicos, entre outros).

De acordo com o manual introdutório, é preocupação do dicionário definir realmente os conceitos das unidades lexicais analisadas; tece-se nesse aspecto uma crítica em relação a grandes obras que lançam mão da prática da *sinonimização*, fato que resulta, muitas vezes, em erros, ou seja, lexemas escolhidos como sinônimos nunca são definidos. No entanto, apesar de toda essa preocupação da equipe, muitas falhas desse tipo fazem-se presentes.

Há ainda explícito nas notas introdutórias a presença de grande esforço para alcançar terminologias exatas, mas claras, fato, porém, que pode causar dúvidas a muitos consulentes porque dificilmente se dominará todas as áreas da terminologia, mesmo porque, esse dado é comum a todos os dicionários.

Uma vez estabelecido o texto do verbete, promoveu-se um confronto com um expressivo dicionário da língua portuguesa desde o século XVI e com um relevante número de léxicos contemporâneos de outros idiomas, todos referidos em sua bibliografia geral.

O Houaiss 1.0 (2001) conta com aproximadamente 228.500 unidades léxicas; segundo o dicionário não há privilégio de faixa cronológica ou geográfica determinada da língua, mas busca-se considerar diacronicamente fenômenos da língua portuguesa contemporânea do Brasil e de Portugal, e de forma seletiva, vocábulos da língua antiga e da arcaica, que têm registro justificado devido ao percentual de ocorrência na história da literatura portuguesa.

O dicionário se caracteriza ainda como uma obra com vocação lusofônica, pela pesquisa em torno de dialetismos brasileiros e portugueses e por registrar palavras e locuções dos crioulos orientais e africanos de origem portuguesa, além de diversos vocábulos de outros idiomas como, por exemplo, do chinês e de algumas línguas da África que foram incorporados ao léxico por se registrarem em obras literárias que usaram como língua de expressão o português.

abagace

substantivo de dois gêneros

Regionalismo: Moçambique.

1 indivíduo de qualquer de certas tribos vátuas que habitam as margens do rio Save

adjetivo de dois gêneros

2 relativo a abagace ou a essas tribos (...)

bugacho

substantivo masculino

Regionalismo: Beira.

novelo pequeno (...)

cabalindade

substantivo feminino

Regionalismo: Cabo Verde.

comportamento impróprio, escandaloso ou indecente (...)

dabi

substantivo masculino

Rubrica: entomologia. Regionalismo: Guiné-Bissau.

m.q. *percevejo-de-cama* (...)

fabór

substantivo masculino

Regionalismo: Timor Leste.

algo que se faz para alguém de graça; favor, obséquio (...)

maamba

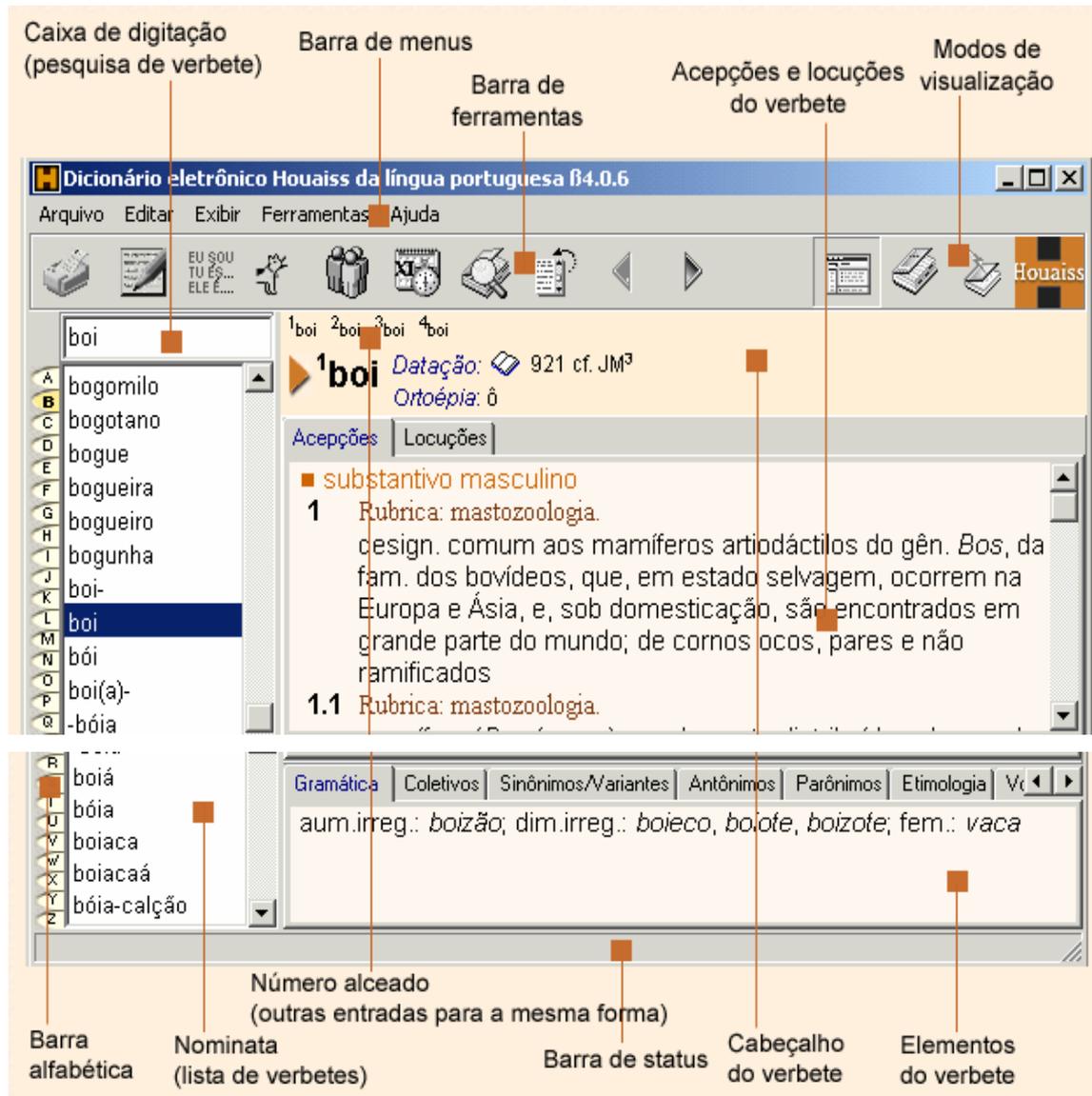
substantivo feminino

Rubrica: etnografia. Regionalismo: Angola.

possessão de espírito ou feitiço (HOUAISS 1.0, 2001)

A obra lexicográfica intitula-se ainda como um dicionário abrangente que se equipara ao “[...] que [há] de mais moderno no gênero pelo mundo” (Houaiss 1.0, 2001)

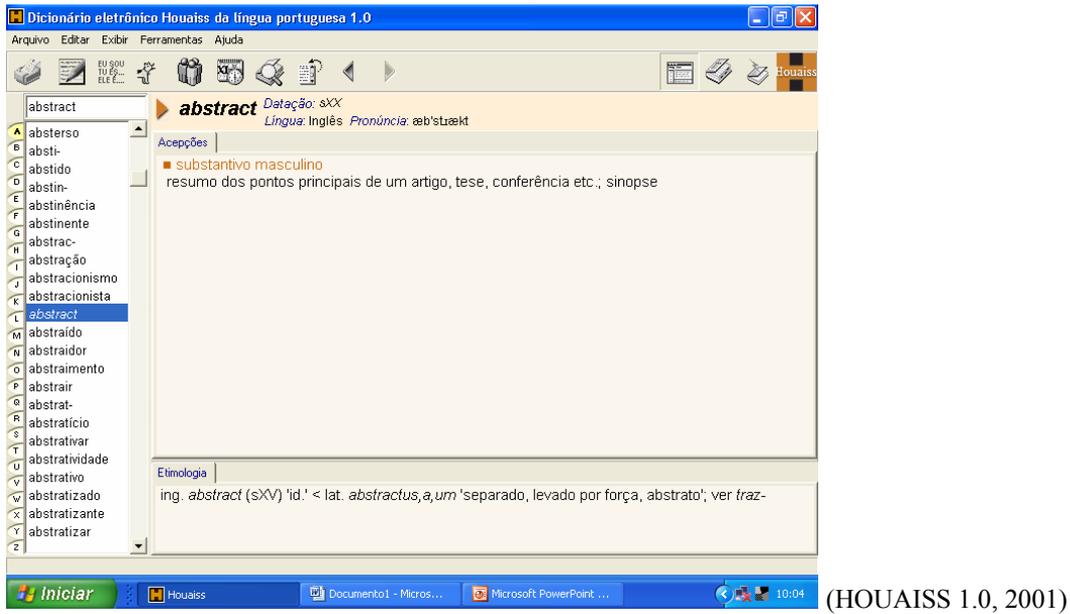
A interface gráfica do Houaiss 1.0 (2001) diferencia-se um pouco da do dicionário Aurélio, como se pode observar a seguir:



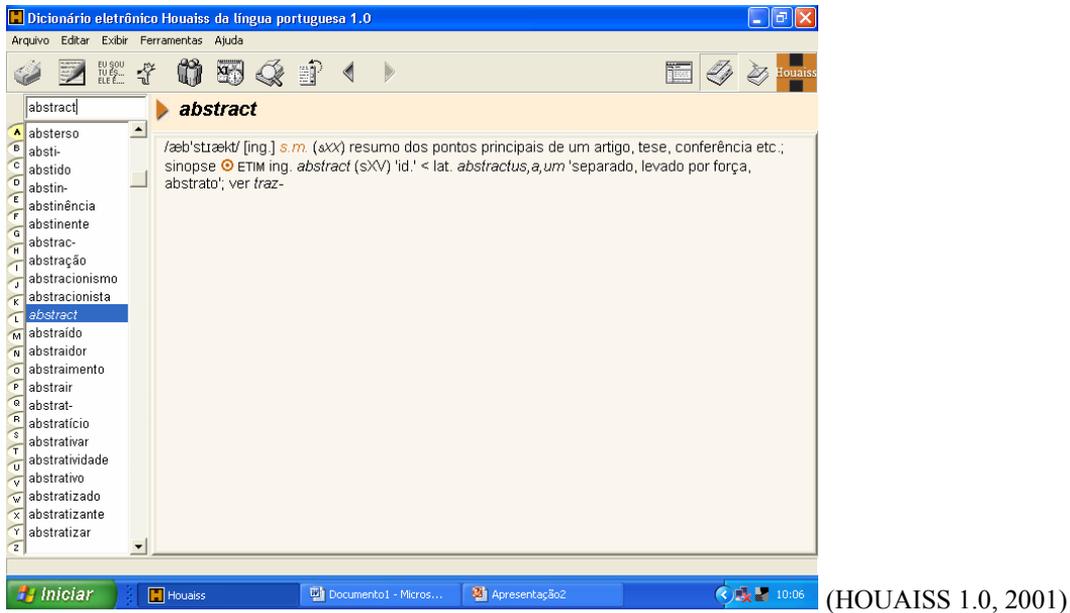
(HOUAISS 1.0, 2001)

Há também, nessa obra, três formas de visualização do verbete:

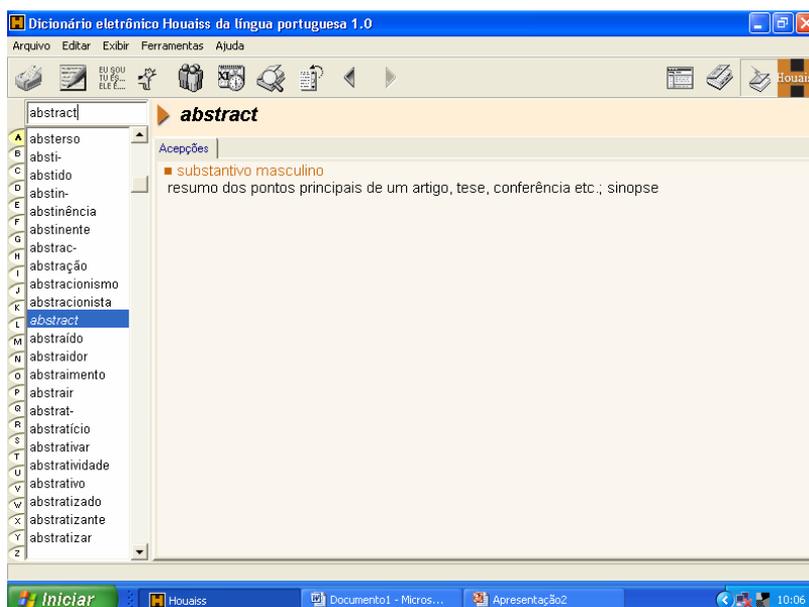
- (i) *o modo interativo*, no qual você escolhe a informação que deseja e, ao clicar nessa informação, ela automaticamente é visualizada:



- (ii) o *modo tradicional*, que apresenta as informações assim como no dicionário impresso, usado no presente trabalho para facilitar a cópia e colagem de informações:



- (iii) o *modo expresso*, muito semelhante ao modo reduzido apresentado pelo Aurélio, apresenta a informação de modo simplificado, limitando-a ao significado, classe de palavras, rubrica temática ou regional:



(HOUAISS 1.0, 2001)

3.2.1 Organização da microestrutura do dicionário:

1 **entrada** + 2 **ortoépia/pronúncia** + 3 **língua** (só pal. ou loc. estrangeiras)/(**tradução literal**)/**marca registrada** + 4 **classe gramatical** (em sub-blocos e blocos) + 5 **datação** + 6 **acepções: numeração** + 7 **regências** (só verbos)/qualificativos complementares de conjunções, numerais e pronomes + 8 **derivação semântica e acepção restritiva** {uso do *freq.*} + 9 **rubrica temática** + 10 **regionalismo** + 11 **nível de uso** + 12 **estatística de emprego** + 13 **registro diacrônico** + (**plural com sentido próprio**) + 14 **locações** + 15 **gramática** (ou **uso ou gramática e uso**) + 16 **etimologia** + 17 **sinonímia** + 18 **antonímia** + 19 **coletivos** + 20 **homonímia** + 21 **paronímia** + 22 **vozes de animais** + 23 **onomasiologia** (*Detalhamento do verbete*. In: Houaiss (versão 1.0, dezembro de 2001)).

A entrada ou unidade léxica é o vocábulo, locução, frase ou elemento de composição que inicia o verbete, sendo objeto de definição e de informação. Apresenta-se sempre em negrito e em um tipo de letra arredondado, tratando-se de língua portuguesa; unidades léxicas oriundas de outras línguas apresentam-se em negrito de tipo itálico. Usa-se letra maiúscula quando se tratar de símbolos científicos, siglas que assim ocorrerem, marcas comerciais se assim registradas, verbetes chamados etnônimos brasílicos ou palavras em que esse uso é obrigatório: nomes sagrados, mitônimos, astrônimos. Registram-se com iniciais minúsculas as palavras que em sua língua de origem se escrevem com maiúscula, como, por exemplo, os substantivos alemães.

As unidades lexicais homônimas, homógrafas e homófonas têm um algarismo alceado à esquerda da unidade léxica definida. A sua ordem de numeração de entrada liga-se à data em que ocorreram pela primeira vez no português, quando esta é conhecida. Caso não se

conheça esta data, a unidade lexical mais conhecida, ou que apresente sentido mais recorrente, apresenta-se primeiramente.

Ao tratar das unidades homônimas, homógrafas e não homófonas, o dicionário não apresenta este alçamento nas entradas já que a ortoépia justifica-as como palavras de entradas distintas. No registro apresentam-se primeiramente as homônimas, homógrafas e não homófonas de timbre aberto.

A ortoépia ou indicação normativa da pronúncia de uma unidade lexical e a transcrição fonética são apresentadas entre barras, imediatamente após a entrada. A transcrição fonética apresenta-se em palavras e locuções de outras línguas, ao passo que a ortoépia é indicada em verbetes da língua portuguesa somente.

Ao tratar-se de entradas estrangeiras, a obra lexicográfica registra a pronúncia em transcrição fonética. O manual do dicionário ressalta que há, no entanto, um pequeno número de palavras estrangeiras para as quais “o dicionário não fornece [a transcrição fonética], por não tê-las obtido em tempo útil para esta.” (HOUAISS 1.0, 2001)

Um outro esclarecimento quanto à pronúncia é a opção do dicionário, ao tratar de pronúncias divergentes:

- (i) entre o inglês norte-americano e o britânico, optou-se por representar a primeira delas, por mais corrente no mundo atual;
- (ii) em relação ao latim e grego, respeitou-se, na transcrição dos vocábulos, a marcação das vogais longas e breves segundo o sistema tradicional, utilizando-se os *diacríticos* ` (*braquia*) e $\bar{\text{}}$ (*macro*) sobrepostos à vogal, para indicar se é breve ou longa, respectivamente;
- (iii) na pronúncia reconstituída do latim clássico, a quantidade geralmente recai na penúltima sílaba da palavra;
- (iv) ao lado da pronúncia reconstituída do latim, utilizada para os vocábulos do latim clássico, em que c e g seguidos de i ou e soam /k/ e /g/, respectivamente, o dicionário fornece também, em alguns casos, a sua pronúncia corrente, a do latim eclesiástico ou a do latim escolástico.

Acerca das unidades léxicas provenientes de outras línguas, o manual do dicionário apresenta ainda outros esclarecimentos: indica posteriormente à pronúncia, no caso das unidades léxicas estrangeiras, a língua a que pertence tal unidade ou locução. Essa indicação faz-se entre colchetes e de forma abreviada, quando se trate de línguas de empréstimo mais corrente ao português, e entre colchetes e por extenso nos outros casos.

Para as unidades lexicais ou locuções de línguas estrangeiras, além da indicação de sua língua, o dicionário apresenta, em alguns casos, uma tradução literal do seu significado entre aspas seguindo-se da abreviação *lit.* (de literalmente). Isso ocorre em casos em que tal tradução não se faz *ao pé da letra* no texto da acepção que o dicionário fornece ou ainda quando essa informação não consta na etimologia.

A classificação gramatical da unidade léxica segue as informações de pronúncia e ortoépia; essa informação apresenta-se sempre em itálico, abreviada, com letras minúsculas, pontos intermediários ou finais, e sem espaços em branco entre seus elementos. A essa categoria acrescentam-se indicações de locução, redução, abreviatura, sigla, símbolo e apositivo. Tratando-se de verbos, a regência aparece separadamente da classe gramatical; essa informação regencial repete-se em todas as acepções, mesmo sendo a mesma. Entre a classe e a primeira acepção, pode haver outros elementos, como, por exemplo, uma datação.

A datação vem entre parênteses e segue-se à classe gramatical. Ela registra a data do primeiro registro conhecido ou estimado de uma palavra, indicando a fonte onde ocorreu ou da primeira obra lexicográfica que a incluiu em seu acervo.

O manual do dicionário cita e explica as várias fontes usadas para a demarcação da datação, detalhando toda a simbologia e mecanismos criados para que o consulente possa através do material de pesquisa solucionar suas dúvidas. Por exemplo, a fim de demarcar cronologicamente o vocabulário medieval (até o século XV) usou-se, principalmente: o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, do filólogo José Pedro Machado (JM), *retrodatações* levantadas por estudiosos, como o Prof. José Alves Fernandes, da Universidade Federal do Ceará, e abonações documentadas por Antônio Geraldo da Cunha e seus colaboradores. Mas evidentemente essas obras não deram conta de todo o vocabulário do português medieval; foi necessário à equipe lançar mão de outras obras e para tanto outros mecanismos precisaram ser elaborados para fins de indicação, todos apresentados e detalhados de modo exaustivo no dicionário.

Quando o dicionário apresentar ao consulente informações adicionais referentes à datação, essas estão registradas ao fim do campo da etimologia, após ponto-e-vírgula e a abreviatura "f.hist.", apresentando com letra arredondada, as formas históricas com grafias diferentes da atual. Esse registro compreende a data, em redondo, e a forma gráfica, em itálico.

A datação de um verbete refere-se, a princípio, tanto à classe gramatical do primeiro bloco do verbete quanto à primeira acepção nele registrada. Em casos em que outras informações precisavam ser explicitadas, como ocorreu na etimologia, o dicionário lança mão

de casos especiais, mas na maioria das vezes, o que ocorre é uma explicação maior a cerca dessa datação no campo destinado à etimologia. Também, em alguns casos os critérios morfológicos interferiram na datação do verbete, fato bem detalhado no manual do dicionário.

No campo da definição usam-se números para diferenciar as acepções e subitens numéricos para acepções restritivas, mas que se seguem a acepções mais gerais. O dicionário Houaiss 1.0 (2001) não abona com textos literários as acepções que registra, diz valer-se para esse efeito da abonação feita pela datação, que simplesmente não é transcrita. Alguns exemplos de uso das palavras, locuções e regências registradas, freqüentemente inspirados em abonações recolhidas em livros, jornais, revistas, catálogos, comunicações, entre outros são apresentados pelos redatores; esse exemplos mostram-se entre parênteses angulares (< >), sem ponto final, e não usam letras maiúsculas, exceto nos casos em que isto seja exigido pela norma da língua, muitas vezes a unidade definida é abreviada:

referir
(...)
bitransitivo e pronominal
4 fazer menção a; reportar(-se), aludir(-se)
Ex.: <os mestres referiram atos exemplares aos alunos> <ele se refere à viagem>
pronominal (...)

caminho
(...)
4 Derivação: por extensão de sentido.
espaço percorrido por um corpo em movimento
Ex.: <o c. do pássaro no céu> <o c. do sol na galáxia> (HOUAISS 1.0, 2001)

Quanto à ordem de apresentação das acepções, como já foi dito, parte-se daquela com datação mais antiga, ou quando não é possível, da mais conhecida. Ao longo da definição, diferentes acepções, mas que apresentam alguma ligação, por exemplo, por derivação semântica, ligam-se através de remissões.

A rubrica temática visa informar ao consulente a área de conhecimento a qual determinada unidade lexical pertence, vindo nesse dicionário após o número referente à acepção e em versalete (**1** ÁLG ... **2** BOT ... **3** QUÍM ...); quando se trata de locução um ponto foi usado entre a abreviação da primeira e a abreviação da segunda palavra. No caso de a rubrica referir-se a todas as acepções do verbete, vem antes do número correspondente à primeira acepção.

Todas as formas de apresentação da rubrica mantêm-se para *estatística de emprego*(não explicada pelas notas introdutórias do dicionário), *regionalismo*, *nível de uso* e *registro diacrônico*.

São exemplos demarcados como regionalismos pelo Houaiss 1.0 (2001): os estados ou regiões brasileiras (podendo vir essa informação detalhada entre parênteses), brasileirismos (dialeatismos usados em quase todo o território nacional), lusismo (dialeatismos usados em quase todo o território português), entre outros.

A expressão “regras de uso” refere-se à faixa lingüística de expressão em que a unidade lexical ou a acepção é utilizada. O dicionário informa os seguintes níveis de uso nas unidades, locuções e acepções que registra: sentido absoluto *abs.*; linguagem formal *frm.*; linguagem informal *infrm.*; jargão da droga *drg.*; linguagem policial, de delinquentes ou de criminosos *cr.*; tabuísmo *tab.*; uso impróprio *impr.*; linguagem eufemística *euf.*; linguagem pejorativa *pej.*; linguagem irônica *iron.*; palavra ou acepção jocosa *joc.*, e linguagem hiperbólica *hiperb.*

As informações do registro diacrônico servem para contextualizar no tempo o emprego de determinadas unidades lexicais. Para essa obra, classificam-se em *arcaísmos* as unidades lexicais ou variantes usadas do português medieval até o português camoniano (século XVI), quando ocorreu a extinção do seu emprego dentro desse intervalo. Agrupam-se como *antigos* os vocábulos, locuções, expressões e acepções usados na língua do século XVI ao XIX, mas que já não são empregados desde o início do século XX. E determinam-se como *Obsoletos* e *obsolescentes* as unidades, locuções ou acepções que deixaram de ser empregados já no século XX, ou cujo uso se acha em processo de marginalização. A *Arqueologia verbal* é a categoria atribuída a palavras e acepções (não vivas na língua) resgatadas dos vocabulários de línguas antigas (latim e grego), depois de se adaptarem aos modelos atuais a sua fonética e grafia.

Na obra, as observações são introduzidas no corpo da definição, tendo para tanto um sinal ou símbolo específico, podendo indicar *maiusculização*, formas não preferenciais, antinomia conceitual, casos especiais de datação, classificação verbal, regência, indicando forma aportuguesada de vocábulo estrangeiro e exceções quanto à composição de palavras hifenizadas.

Quanto às remissões, podem ocorrer de forma a indicar sinonímia somente, para excluir áreas do conhecimento – normalmente utiliza-se para tanto da rubrica-, podendo realizar-se ainda de modo direto (imperativa) ou indireto (discreta, sugestiva).

O dicionário apresenta também para grande parte dos vocábulos referências quanto ao uso gramatical, além de sinonímia, antonímia e plural.

O manual do Dicionário Eletrônico Houaiss 1.0 (2001), em alguns casos, busca detalhar de forma tão minuciosa seus objetos e elementos que compõem a microestrutura do

dicionário que acaba tornando-se maçante. Talvez, em uma edição futura possa o consulente encontrar nessa obra tudo aquilo que espera ser apresentado por ela após a leitura de sua apresentação, manual e demais notas introdutórias; o dicionário apresenta um grande volume de informações, no entanto, não é sistemático.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho visa a analisar o procedimento lexicográfico dado as unidades léxicas provenientes de outras línguas pelos dois dicionários apresentados no item 3. Para tanto, constituiu-se um corpus com todas as unidades demarcadas no Aurélio 3.0 (1999) como provenientes de outras línguas. Devido ao grande volume (1642 unidades léxicas oriundas de outras línguas e marcadas como recentemente incorporadas, sendo 652 de língua inglesa), definiu-se que somente os anglicismos seriam objeto da análise nesse momento.

A análise partiu do Aurélio 3.0 (1999) por ser esse dicionário anterior ao outro e por apresentar uma marcação mais facilmente visualizada² (ao rolar a janela de listas) para as unidades léxicas provenientes de outras línguas. Além disso, o verbete do Aurélio 3.0 (1999) apresenta um menor número de informações, em relação ao Houaiss 1.0 (2001), e a tarefa parece ser mais fácil ao analisar, desse modo, um verbete que apresenta um menor número de informações para depois compará-lo com aquele que se propõe a apresentar um maior número, como é o caso do Houaiss 1.0 (2001).

Posteriormente, procedeu-se, então, a um levantamento de todas as unidades lexicais marcadas como oriundas da língua inglesa pelo dicionário Houaiss 1.0 (2001). Nesse momento, 1072 unidades foram arroladas.

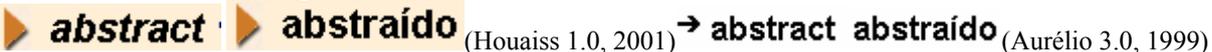
Selecionadas essas unidades, apoiando-se em nas bases teóricas, o trabalho promoveu uma análise comparativa destes dois *corpora*, verificando dados como a ocorrência ou não das unidades levantadas no Aurélio 3.0 (1999) no dicionário Houaiss 1.0 (2001). Nesse momento, foi possível extrair todos os anglicismos comuns entre as duas obras lexicográficas.

Ao confrontar os dois verbetes, privilegiou-se, principalmente, a definição apresentadas por ambos, assim como sua forma de apresentação e a grafia adotada por cada um deles para a unidade léxica analisada.

Para eliminar eventuais dúvidas em relação a trajetória, mudança ou adoção de uma outra acepção da unidade em relação a sua língua de origem, foram usados os dicionários Longman (1993) e Michaelis (2005), o primeiro inglês-inglês, e o segundo inglês-português.

O modo encontrado para corroborar a necessidade de dicionarização de um anglicismo foi a busca das unidades léxicas comuns às duas obras lexicográficas no Corpora do

² O dicionário Houaiss 1.0 (2001) também marca com o negrito itálico as unidades léxicas oriundas de outras línguas, mas essa marcação parece ser menos identificável em meio ao todo:

 **abstract** (Houaiss 1.0, 2001) → **abstract abstraído** (Aurélio 3.0, 1999)

Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Junto com a definição e grafia, a presença ou ausência no corpora foi o outro mecanismo distintivo – classificatório – utilizado na análise das unidade.

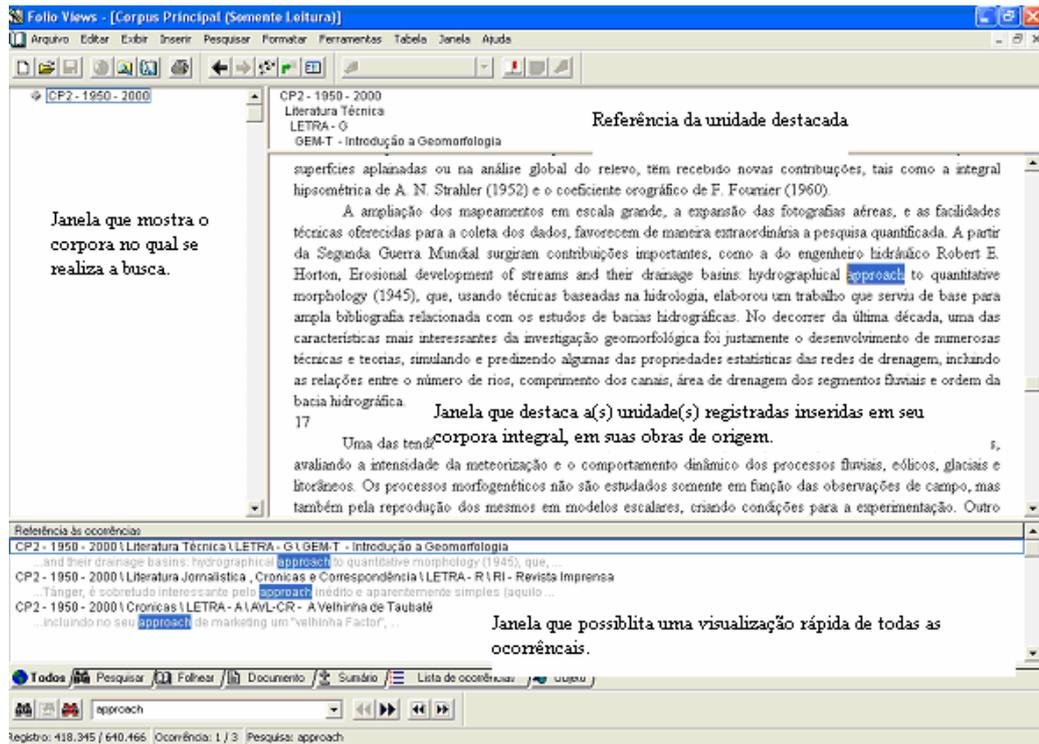
4.1 Corpora do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

O banco de dados do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, que será denominado, a partir desse ponto denominado como Corpora Lex ou Corpora, foi elaborado pelo Prof. D^o. Francisco da Silva Borba, entre outros, buscando observar a ocorrência das palavras que circulam na língua em prosa do Brasil, a partir da segunda metade do século XX.

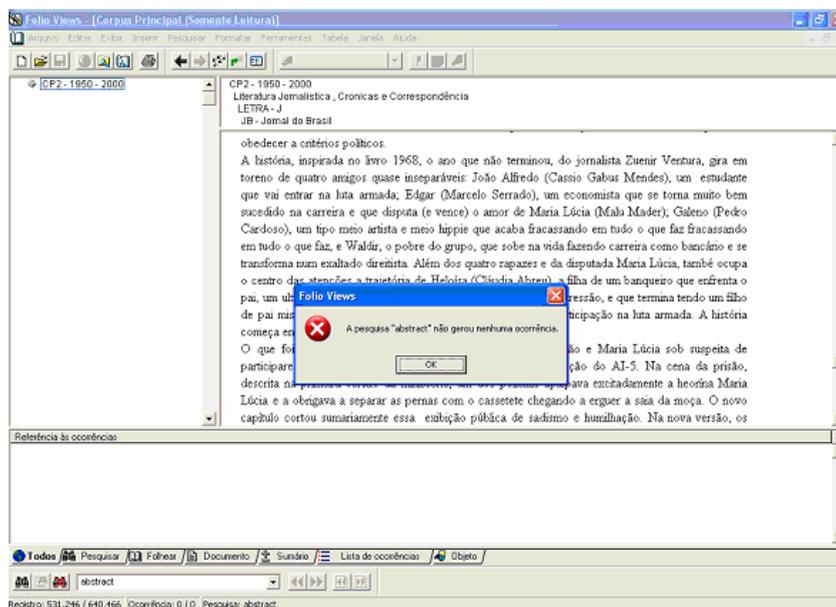
Esse *corpora* constitui-se de aproximadamente 77 milhões de ocorrências, sendo 11 milhões colhidos em literatura romanesca, jornalística, técnica, dramática e oratória, 7 milhões correspondentes a quatro anos de publicação da revista *Veja* (1992-95) e 59 milhões provenientes de dois anos de publicação do jornal Folha de São Paulo. No corpus predomina a modalidade jornalística, o que é importante pela variedade de autores, assuntos e enfoques. Desse modo, o léxico é composto por uma somatória de realizações individuais de pessoas diferentes, com diferentes perfis e conhecimento de mundo e não apenas do vocabulário ativo e passivo de uma equipe de um único grupo.

O *corpora* foi organizado em um programa especial para busca e armazenamento de dados – Folio Views 3.1, hoje, substituído pela versão mais recente³ – que compacta todos esses dados. Esse programa disponibiliza uma janela especial de pesquisa que deve ser acionada cada vez que se deseja iniciar uma nova pesquisa. Inserindo-se a unidade desejada no campo destinado a busca, usam-se as ferramentas disponibilizadas na lateral da tela para percorrer as ocorrências que aparecem destacadas no texto. A fonte de cada uma das ocorrências é registrada em um campo destinado a essa função que se localiza no lado superior da tela.

³ A interface gráfica aqui destacada é da versão 4.2 do programa Folio Views. No presente trabalho, inicialmente a versão utilizada foi a 3.1, substituída em suas últimas buscas pela versão 4.2, devido à modernização do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara, local em que está disponibilizado para consultas.



Na parte inferior da tela, localizam-se: algumas ferramentas de pesquisa, que não foram aqui utilizadas; a janela para inserção da unidade a ser buscada; as barras para arrolar na janela que destaca a(s) unidade(s) contextualizada(s); o número de registros total do corpora e número de ocorrências encontradas. Quando nenhuma ocorrência é registrada, como ocorre com a unidade *abstract*, a seguinte mensagem é apresentada:



5 ANÁLISE DOS ANGLICISMOS

Como já foi exposto no item 4, após o levantamento das unidades lexicais do Aurélio 3.0 (1999) provenientes de outras línguas, de todos os anglicismos do Houaiss 1.0 (2001), iniciou-se a análise das unidades. Foram analisadas todas as unidades comuns às duas obras lexicográficas Aurélio 3.0 (1999) e Houaiss 1.0 (2001). Nessa análise constrativa, além da definição e ortografia, foi diferencial a presença da unidade ou sua ausência no *corpora*.

Além das unidades comuns, algumas outras unidades, presentes em apenas uma das obras lexicográficas, mas com alguma frequência no *corpora*, foram aleatoriamente selecionadas e analisadas, a fim de documentar a falta de critérios e, também, notificar a ausência dessas unidades, recorrentes na língua, possibilitando ainda compará-las a outras registradas na obra lexicográfica e ausentes no *Corpora*.

Segundo Biderman (1984, p.31), um verbete tem um formato característico:

“após a palavra-entrada na sua forma canônica ou lema, vem a indicação da categorização léxico-gramatical da mesma. Segue-se uma paráfrase de significado, ou das várias acepções de sentido no caso de palavras polissêmicas; ou ainda construções e/ou usos, no caso de palavras instrumentais. A seguir, vêm outras informações gramaticais sobre a palavra-entrada do tipo: plural irregular, formas verbais irregulares etc.”

A autora salienta ainda a presença nos dicionários de quadros paradigmáticos dos modelos de conjugação verbal e de declinação pronominal em línguas que possuem uma morfologia complexa. Admite também a importância de informações referentes à pronúncia em línguas em que a distância fônica é maior. Quanto aos sinônimos ou antônimos, ressalta a utilidade de cruzar referências.

A definição, segundo a mesma autora, deve ser construída com um linguagem simples e comum, ou seja, a partir de unidades básicas e frequentes na língua, garantindo o fácil entendimento do consulente.

Visto isso, analisando cada uma das unidades comuns aos dois dicionários é possível dividi-las nos seguintes grupos: (unidades que apresentam)

5.1 Identidade ortográfica, identidade conceitual e registro no *Corpora Lex*

Algumas das unidades lexicais registradas pelos dicionários analisados Aurélio 3.0 (1999) e Houaiss 1.0 (2001) não apresentam nenhum problema quanto à identidade ortográfica e conceitual quando comparadas. É caso, por exemplo, da unidade *baby-dool*:

[Do ingl. baby-doll pyjamas.]

S. m.

1. Traje feminino de dormir, espécie de pijama muito curto. (AURÉLIO 3.0, 2001)

/ˈbejbi ˈdAl/ [ing.] s.m. (1956) roupa de dormir feminina, leve e curta, ger. de duas peças □ GRAM pl.: *baby-dolls* (ing.) □ ETIM ing. *baby* 'bebê' + *doll* (c1700) 'boneca' (prov. de *Doll*,hipoc. do antr. *Dorothy*) (HOUAISS 1.0, 1999)

No entanto, ao verificar a ocorrência da unidade no Corpora, observa-se o registro da unidade com grafias diferentes das apresentadas pelos dicionários: em todas as ocorrências, a unidade aparece como é grafada em sua língua de origem: *baby-doll*, em um caso é grafada, ainda, sem a presença do hífen.

No meio dos protestos, Cláudia acorda e fica alguns segundos assustada, entre o sonho e a realidade, até descobrir que o que zebra a sua pele era a sombra da persiana. Vai feliz, no seu "**baby-doll**", pedir o café à Balbina. (O CRUZEIRO)

Dr. Fifinho é que resolveu ficar no domicílio mesmo, advertindo que a hora era grave e de sacrifícios, pretextando obrigações contraídas com o Vasconcelos - para a boa causa, frisava - e enfiou-se praticamente dia e noite no apartamento de Aldete, que estreou uma bonita série de **baby-dolls**, já descuidado a respeito da empregadinha, que se mostrara nada vigarista, até rigorosamente discreta, chamando-o respeitosa e amiudadamente de Dr. Rufino - veja como a gente pode se enganar! (OS DEZ MANDAMENTOS)

Quando resolveu usar a cor, telefonou do salão de beleza para casa, prevenindo Sérgio. "Ele abriu a porta e quase caiu duro. Mas depois me levou um **baby doll** lilás para vestir. (REVISTA CARAS)

Há dois registros dessa unidade no Corpora do Laboratório de Lexicografia.

A unidade lexical *bit* também apresenta identidade conceitual nos dicionários em análise:

[Ingl., comb. das iniciais de bi(nary) (digi)t, 'dígito binário'.]

S. m. Inform.

1. Unidade mínima de informação em um sistema digital, que pode assumir apenas um de dois valores (ger. 0 ou 1).

Bit de paridade. Inform.

1. Numa seqüência de bits, aquele que é adicionado ao final e que deve forçar um número par de bits com valor 1, a fim de verificar a existência de erros na transmissão de dados. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/b^ut/ [ing.] *s.m.* (1948) INF dígito binário [símb.: *b*] **1** menor parcela de informação processada por um computador **2** algarismo do sistema binário que somente pode assumir as formas 0 ou 1 □ f.aport. geral: *bite* □ GRAM pl.: *bits* (ing.) □ ETIM ing. *bit* (1948), acrônimo de *binary digit* e adotado em informática em diversas línguas (HOUAISS 1.0, 2001)

Quanto a sua presença no corpora, três registros foram encontrados:

Foi realizado entre os dias dez e doze de outubro último, em Tupã, São Paulo, o primeiro congresso brasileiro de direitos de trabalho rural e previdência social, promovido pelo **Bit-Rural** (...) (GUIA RURAL)

Chamamos de **BIT** (abreviação de *binary digit*) a uma unidade elementar de informação. Através de bits 1 e 0 podemos representar todos os caracteres que constituem a informação. (...)Mas, ainda nesse caso, não estamos livres da necessidade de "programar o computador", pois, como dissemos, ele não entende nada além do **bit** 1 e do bit 0. (...) Se o computador só entende a linguagem do **bit**, é possível programá-lo escrevendo instruções apenas com combinações de 1 e 0. (INFORMÁTICA E SOCIEDADE)

A unidade lexical *bug* apresenta identidade no conceito dado por ambos os dicionários:

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. Erro de programação.
2. Defeito de execução de um programa (ger. causado por inconsistência no seu código ou por incompatibilidade com outros programas, que estejam simultaneamente em execução). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/bʌg/ [ing.] *s.m.* INF defeito, falha ou erro no código de um programa que provoca seu mau funcionamento □ GRAM pl.: *bugs* (ing.) □ ETIM ing. *bug* (1622) 'insetos tipo percevejo, piolho' p.ext. pej. 'defeito ou imperfeição inesperada' ou p.met. 'o que suga, mantém-se escondido ou disfarçado para causar dano ou obter algo por meio ilícito'; voc. ing. de orig.desc. (HOUAISS 1.0, 2001)

Apenas um registro é encontrado no Corpora:

Enfim, como vimos, do calcário ao croissant temos aí pousos e decolagens na "sustentável leveza do ser", nocauteando até **bug** do milênio na missão de abater apetites insaciáveis. Mas o que aqui foi descrito é apenas uma silhueta desse dossiê. (GAZETA PARANÁ)

A unidade *charleston* apresenta identidade de definição entre os dicionaristas, apesar da linguagem mais rebuscada do Houaiss 1.0 (2001) :

[Ingl.]

S. m.

1. Tipo de foxtrote (q. v.) muito animado, em compasso quaternário, surgido na década de 20, e em que cada dançarino executa movimentos agitados de braços e pernas, e passos que aproximam e afastam os joelhos. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈtʃɑrlstən/ [ing.] *s.m.* (1925) DNÇ MÚS variante de foxtrote sincopado, em compasso quaternário, muito em voga na década de 1920, cujo passo característico consiste em balançar os joelhos para dentro e para fora e afastar as pernas, com um giro rápido e brusco dos calcanhares □ ETIM ing. *charleston* (1925) 'id.', do top. *Charleston*, cidade na Carolina do Sul (E.U.A.); conta-se que a dança foi criada pelos negros do Sul, donde o nome (HOUAISS 1.0, 2001)

Nove registros são encontrados dessa unidade no Corpora:

Alguns jogadores brasileiros mal conseguiam ficar em pé—suas pernas tremiam como se eles estivessem dançando **charleston**. A única maneira de parar os húngaros era aos pontapés. (ESTRELA SOLIDÁRIA)

Nos bailes do Clube Comercial moças e rapazes das melhores famílias locais dançavam o **charleston**, sob o olhar críticos das matronas. (INCIDENTE EM ANTARES)

(...) inverno de 1926. mais ou menos 5 horas da tarde. momentos antes de se abrir o pano, uma vitrola gritando: "yes sir, that's my baby" e ruídos em cena de quem dança em ritmo movimentado. abre-se o pano. um "living". gente rica e de bom gosto, em cena: Júlia e Marta, mãe e filha. Marta ensaia uns passos de "**charleston**", ao som da Brunswick. logo desiste, fazendo parar o disco. (...) (o disco bem alto "yes, my baby". .. Marta levanta-se e ensaia uns passos de "charleston", cantando com o disco (SANTA MARIA FABRIL S/A)

O rival do Cotton Club era o Small's Paradise, onde os garçons equilibravam as bandejas dançando **charleston** e onde Billie, aos quinze anos, foi considerada muito "crua" para se apresentar. (...)E tão autêntico quanto o **charleston**, o boogie-woogie ou o rock and roll. (SAUDADES DO SÉCULO XX)

Para a unidade léxica *chat*, as obras lexicográficas em análise apresentam as seguintes definições:

[Ingl., 'conversa informal'.]

Inform.

1. Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. a Internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on-line, papo virtual. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/tʃæt/ [ing.] *s.m.* INTERN forma de comunicação à distância, utilizando computadores ligados à internet, na qual o que se digita no teclado de um deles aparece em tempo real no vídeo de todos os participantes do bate-papo □ ETIM ing. *chat* (1530) 'conversa informal', red. de *chatter*, do ing.méd. *to chatteren* 'falar, emitir sons semelhantes ao da fala, de modo rápido, indistinto ou pouco articulado; conversar de modo informal', de orig. expressiva imitativa (HOUAISS 1.0, 2001)

Treze registros ocorrem dessa unidade no Corpora:

No **chat**, eu faço o primeiro contato, me apresento, ali a gente já sabe se somos ou não, digamos assim, almas gêmeas... (ELES ERAM MUITOS CAVALOS)

(...) um "**chat**" onde os alunos se encontram, debatem, lêem material de apoio e realizam testes on-line - além de poderem interagir, ao vivo, com os professores de plantão. (DIÁRIO DO NORDESTE)

Será às 17h de hoje **chat** da Província Crédito Imobiliário com Pierre Schurmann. No ? SKA lança dia 15, na Fiergs, a nova família de produtos da Autodesk com foco na área de mecânica e geoprocessamento. (JORNAL DO COMÉRCIO - PORTO ALEGRE)

A unidade *cherry* apresenta identidade conceitual entre os dicionários em análise e somente uma ocorrência no corpora de Araraquara:

[Ingl.]

S. m.

1. Licor de cerejas. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈtSeri/ [ing.] s.m. licor de cereja obtido pela maceração da fruta no conhaque □ ETIM red. do ing. *cherry brandy*, de *cherry* 'cereja' (< lat.tar. *cerisia*) + *brandy* 'conhaque; aguardente destilada de vinho ou frutas', este red. de *brandywine* 'vinho destilado' (< hol. *brandewijn* 'vinho flamejante', isto é, 'destilado') (HOUAISS 1.0, 2001)

É lá que ele está agora, cochilando com um livro sobre o peito, um copo de **cherry** do lado, sorrindo antes do jantar. (A VELHINHA DE TAUBATÉ)

Há identidade na conceituação da unidade *chroma-key* nos dicionários em análise:

[Ingl.]

S. f. Telev.

1. Técnica utilizada para inserir uma imagem em outra gravada separadamente, dando, p. ex., a impressão de primeiro e segundo planos. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'krowm« k"/ [ing.] s.f. (1970-1975) TV processo eletrônico us. para montar, sobre uma imagem obtida separadamente, determinadas partes da imagem captada por outra câmara, produzindo-se, ger. assim, um efeito visual de primeiro plano e de pano de fundo □ tb. se diz apenas *chroma* □ GRAM pl.: *chroma-keys* (ing.) □ ETIM ing. *chroma key* (1970-1975) 'id.', form. híbrida do gr. *chrôma, atos* 'cor' + ing. *key* 'chave, interruptor, comutador, estilo'; ver *crom(o)-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Somente uma ocorrência é verificada no Corpora:

Olho para o céu, que há três meses está limpo, constantemente azul como um **chroma-key**, para desespero dos agricultores e alegria da meteorologista da Globo, que lê os mapas do tempo sob o ponto de vista do ócio: "Tempo bom em todo o país. Amanhã pode piorar no Sul, com ameaça de chuvas..." (REVISTA IMPRENSA)

Aparentemente, o Aurélio 3.0 (1999) traz uma informação maior para a unidade *clip art*, mas essa informação é referente a etimologia:

[Ingl.]

Edit.

1. Ilustração disponível para pronta e livre utilização em trabalhos gráficos. [Originalmente publicada em catálogos impressos, dos quais era recortada e colada na arte final, encontra-se hoje tb. editada em mídia digital para utilização em editoração eletrônica.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈklɪp ɑrt/ [ing.] *loc.subst.* INF GRÁF ilustração disponível em arquivo de imagens, impresso ou digitalizado, para a livre utilização em trabalhos gráficos. (HOUAISS 1.0, 2001)

No Corpora, uma ocorrência do lexema é registrada:

CorelDRAW vem com escala Pantone, garantindo reprodução de cores com absoluta fidelidade; mais de 150 fontes de tipos; instrumentos de desenho; uma biblioteca com mais de 3.500 símbolos e artes já prontas (**clip art**); poderosos utilitários como WFN Boss, Mosaic e Corel Trace. LITERATURA DE PROPAGANDA - REVISTA EXAME VIP

A unidade *closet* tem uma definição idêntica nos dois dicionários. Nesse caso, é importante ressaltar a presença de uma abonação no Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m.

1. Numa edificação (3), compartimento, ou parte dele, para guardar louças, roupas de cama e mesa, etc., e peças de vestuário, e acessórios: "Esse closet tem chave? Vamos esconder os corpos aí dentro e depois pensar calmamente no que vamos fazer." (Rubem Fonseca, O buraco na parede, p. 59.) (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈklɑzˈt/ [ing.] *s.m.* (sXX) numa habitação, pequeno compartimento interno, ger. sem janela, us. esp. para guardar peças do vestuário, roupas de cama e mesa, louça e outros utensílios domésticos ou mesmo material de limpeza □ GRAM pl.: *closets* (ing.) □ ETIM ing. *closet* (sXIV) 'id.', do fr.ant. *closet* 'id.' dim. de *clos* 'fechado', do lat. *clausus, a, um*, part.pas. de *claudere* 'fechar' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há onze ocorrências da unidade no Corpora:

Precipitei-me por uma porta ao lado da cama, e dei num closet que era mais uma sala, com vista para o pátio interno, clara como um aquário e sem outra saída. Os passos chegaram ao quarto, e eu estava encurralado. Achei que ela entraria no **closet** para trocar de maiô, porque há uma hora em que elas trocam de maiô. (...)Entro hoje naquele **closet** pela segunda vez, e mesmo sem acender a luz, sei por onde ando. (ESTORVO)

10. Versatilidade total: **closet**, nicho para cama de casal ou solteiro, penteadeira, porta de passagem, divisória, etc. Com o sistema Vogue você ganha espaço dentro do espaço. (REVISTA AMIGA)

A unidade lexical *cocker spaniel* apresenta identidade conceitual entre os dicionários:

[Ingl.]

Cinol.

1. Cão de pequena estatura (cerca de 40cm de altura), focinho quadrado, pêlo longo e sedoso e grandes orelhas pendentes. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈkAkɐr ˈspænjɐl/ [ing.] s.m. CINOL 1 raça de cães de baixa estatura (altura média de 38 cm), focinho quadrado, grandes orelhas pendentes, pelagem macia, comprida e densa, levemente ondulada 2 cão dessa raça □ GRAM pl.: *cocker spaniels* □ ETIM ing. *cocker spaniel* (c1880), de *cocker* (c1805), red. *woodcocker* 'cão caçador de galinhola' e *spaniel* (sXIV) 'raça de cão de orelhas caídas e pêlo comprido', do ing.medv. *spaynel* < fr.ant. *espaignol* '(cão) espanhol' (HOUAISS 1.0, 2001)

Duas ocorrência dessa unidade são registrada no Corpora:

Chega um par de **Cocker Spaniel**, novos na praça. Com eles um homem estranho. Alto, de barba bem aparada, a camiseta colada ao corpo e calça jeans muito justas. (...)O dono dos **Cocker Spaniel** comenta... (O ANALISTA DE BAGÉ)

Também a unidade léxica *cockpit* apresenta identidade conceitual, e uma única ocorrência é registrada no Corpora:

[Ingl.]

S. m.

1. Em avião ou nave espacial, compartimento onde fica o piloto, ou este e a tripulação espacial.

2. P. ext. Em carros de corrida, espaço onde fica o piloto ou, eventualmente, um co-piloto. (AURÉLIO 1.0, 1999)

/ˈkAkɐpˈt/ [ing., lit. 'cabine'] s.m. AER AUTOM espaço onde se aloja o piloto nos aviões, nos carros de corrida ou em algumas embarcações □ GRAM pl.: *cockpits* □ ETIM ing. *cockpit* (1580-1590), de *cock* 'galo' + *pit* 'cavidade' (HOUAISS 1.0, 2001)

A descoberta de um bilhete da Flora, escondido entre os mantimentos, o salvamento de um peixevoador desacordado no **cockpit** e tantos outros pequenos acontecimentos foram motivos de grande alegria tornando-se por isso importantes. (CEM DIAS ENTRE A TERRA E O MAR)

Há identidade no tratamento lexicográfico dado a unidade *dancing* pelos dicionários em análise:

[Ingl.]

S. m.

1. Estabelecimento público onde se dança, em geral mediante pagamento. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈdænsiN/ [ing., lit. lit.] s.m. estabelecimento onde se dança, franqueado ao público mediante pagamento; salão de dança □ ETIM prov. ing. *dancing (house)* 'id.' (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade apresenta nove ocorrências no Corpora:

Não quer ir a parte alguma. Se fosse outro, tomaria o destino de um bar, de um dancing, de uma boite. (ANGELA)

Serve como "living and dancing room". (ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA GUARANI)

Quando entrava no "dancing", o porteiro fazia reverência e tirava o boné, derramado de respeitos. (UM GATO NA TERRA DO TAMBORIN – 1977)

Es o oposto do dancing.
Do cock-tail,
Do cassino,
E da boite.
Es leve, es jovem, mas antiga,
Es assim como a palavra Passatempo. (DISCURSOS DE GILBERTO AMADO - IN: DISCURSOS DA ACADEMIA)

A unidade léxica *funding-loan* apresenta identidade de definição nas duas obras lexicográficas. Buscando-a no Corpora, duas ocorrências são verificadas, ambas grafadas com iniciais maiúsculas.

[Ingl.]

Econ.

1. Empréstimo obtido para refinanciamento de débitos referentes a empréstimos anteriores; empréstimo de consolidação. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈfʌndɪŋ ˈloʊn/ [ing.] s.m. JUR concessão de um empréstimo novo para unificar anteriores empréstimos em uma só dívida; *funding* □ ETIM ing. *funding-loan* 'id.', comp. de *funding* 'provisão ou conversão de dinheiro em dívida a juro fixo' (do lat. *fundus, i* 'fundo') + *loan* 'empréstimo'; ver ³*fund-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Campos Salles, já eleito, mas não empossado como Presidente da República, empreendeu viagem à Inglaterra, cujo resultado foi consubstanciado no acordo com o Banco Rothschild denominado **Funding-Loan**: consolidava os empréstimos anteriores de 1883, 1888, 1889 e 1895, no valor total de 37.735.820 libras. O **Funding-Loan** planejara o escalonamento do pagamento da dívida externa brasileira, e de seus juros, a longo prazo. Como garantia, responderia a receita da Alfândega do Rio de Janeiro e, se esta não fosse suficiente, a dos demais portos. (O CORONELISMO, UMA POLITICA DE COMPROMISSOS)

Há também identidade entre os dois dicionários na definição da unidade *garden-party*:

[Ingl.]

S. m.

1. Festa ou recepção social, ao ar livre, que se realiza geralmente num jardim. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈgɑːdn ˈpɑːti/ [ing.] *s.m.* festa ou recepção ao ar livre, ger. num jardim □ ETIM ing. *garden* 'jardim' + *party* 'festa'; no snt. ing. o t. central é *party*, e o outro t. *garden* tem uma função determinante, adjetiva (HOUAISS 1.0, 2001)

Somente uma ocorrência é verificada no Corpora:

Ação do telégrafo sem fio. Escalada de montanhas. **Garden-party** maravilhoso. Danças características por sessenta bailarinas. (O TEMPO E O VENTO)

Apesar da diferente linguagem empregada, a unidade lexical *ghost-writer* exibe identidade de sentido entre as duas obras lexicográficas:

[Ingl., de *ghost*, 'fantasma', + *writer*, 'escritor'.]

S. 2 g.

1. Pessoa que, mediante encomenda, escreve para outra, que lhe compra o trabalho e o assina.

[Sin., em fr.: *nègre*.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈɡowst ɹajtə/ [ing.] *s.2g.* pessoa que prepara ou escreve anonimamente uma obra literária, artística, científica ou política encomendada por quem, passando por autor, a assina; *nègre* <o g. dos discursos de um presidente> □ GRAM pl.: *ghost-writers* (ing.) □ ETIM ing. *ghost-writer* (c1895-1900) 'aquele que escreve para glória e proveito de outrem' (< *ghost* 'fantasma' e *writer* 'escritor') (HOUAISS 1.0, 2001)

Há cinco registros da unidade no Corpora:

JOHN MARVIN (voltando a si, pouco a pouco, e recuperando o sangue frio): Com ajuda de **Ghost Writer** não? (O PRESIDENTE VINICIUS VEIGA)

Quanto ao plágio do Collor, sustenta que o **ghost-writer** é uma instituição contemporânea e existe em todo o mundo. Não vejo muita razão, diz na sua coluna no Jornal do Brasil, para se questionar a autoria de textos que não têm aspiração literária. A autoria não se confunde, no caso, com a "redatoria". (...)Entendo que o silêncio é dever do **ghost-writer**. Dever, digamos, pelo menos contemporâneo. (BOM DIA PARA NASCER)

Também, a unidade *glamour* apresenta essa identidade:

[Ingl.]

S. m.

1. Encanto pessoal; magnetismo, charme. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈglæmə/ [ing.] *s.m.* atração, charme pessoal; encanto, magnetismo □ ETIM ing. *glamour* (1715) 'feitiço, encantamento, magia', este do escos. *glamour*, *glamer*, alt. do ing. *grammar* 'gramática', pela associação que se fazia entre a erudição e as práticas cultas (HOUAISS 1.0, 2001)

Glamour apresenta doze registros no corpora:

Segundo lhe parecia, dona Antonieta, opulenta e elegante, não tinha certo **glamour**, o seu equilíbrio harmonioso deixando entrever a futura matrona. (A VIAGEM NOTURNO)

Bela e talentosa, Vera Fischer, 43, costuma brindar o telespectador brasileiro com a imagem da mulher segura, madura, e, sobretudo, feliz. Fora da TV, no entant, a vida da atriz perde o **glamour** e se transforma em um torrente de casos passionais, com altos e baixos e episódios excepcionais. (REVISTA CARAS)

O fato é que os mocinhos e vilões confessam que um grupo de "**glamour**' girls" como Monroe e Russell, não é tão atraente como vocês vêm. (O CRUZEIRO)

Na unidade *gray*, apesar da linguagem diferenciada, há identidade na definição:

[Ingl.]

S. m. Med. Nucl.

1. Unidade de medida de dose de radiação ionizante absorvida, e que equivale a uma transferência de energia de 1 joule por quilo para um material qualquer, inclusive tecidos do corpo, com capacidade de absorção [símb.: Gy] .[É a unidade do sistema internacional recomendada em substituição ao rad; 1Gy = 100 rads.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/grej/ [ing.] *s.m.* (1975) FÍS.NUC METR no Sistema Internacional, unidade de dose absorvida durante uma irradiação de raios ionizantes, equivalente à energia comunicada por uma radiação ionizante a uma massa de matéria correspondente a 100 rads (1 joule por quilograma) [símb.: Gy] □ ETIM ing. *gray* (1975) 'id.', nomeado em honra de Louis Harold *Gray* (1905-1965, radiobiologista inglês) (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade apresenta oito registros no Corpora, das quais:

No primeiro podem ser utilizados os refratômetros de Smith, de Rayner, de tully, de Erb e **gray**, etc. nos quais a leitura dos índices é feita diretamente em escala graduada. para isso deve-se colocar uma face da gema em contacto com o vidro do aparelho ao qual, previamente, se junta uma gota de líquido de alto índice de refração (geralmente obtido por adição de enxofre e tetraiodoetileno ao iodeto de metileno) (AS PEDRAS PRECIOSAS)

Verifica-se identidade ainda no tratamento lexicográfico dado a unidade *hobby*:

[Ingl.]

S. m.

1. Atividade de recreio ou de descanso, praticada, em geral, nas horas de lazer. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhʌbi/ [ing.] *s.m.* atividade exercida exclusivamente como forma de lazer, de distração; passatempo □ GRAM pl.: *hobbies* (ing.) □ ETIM ing. *hobby* (1816) 'id.', red. do ing. *hobbyhorse* (1557) 'bufão; cavalo-de-pau; um tópico ao qual alguém sempre retorna' (HOUAISS 1.0, 2001)

São registradas 25 ocorrências dessa unidade no Corpora:

E tínhamos achado preciosidades que muitos colecionadores cobiçariam. Descobrir esses esconderijos era uma espécie de **hobby** nosso nos fins de semana, quando (...) (AQUELES CAES MALDITOS DE ARQUELAU)

Martina abandonou as transmissões e inventou outro **hobby**: a fotografia. Ficava horas instalando potentíssimos spots em torno dos objetos mais estranhos. (BLECAUTE)

Existe também um aumento no cultivo de animais de estimação, mantidos e criados como **hobby**. Possivelmente, esta nova onda de domesticação vai acabar por criar novos "cultigens", animais domésticos incapazes de sobreviver na selva. (O QUE É ZOOLOGIA)

A unidade *it* tem identidade definicional nas duas obras lexicográficas:

[Ingl., gír.]

S. m.

1. Magnetismo pessoal; encanto, fascínio, atração, charme. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/it/ [ing., lit. 'aquilo'] *s.m.* um quê, um certo traço ou alguma coisa que fascina, encanta, atrai; charme, magnetismo □ ETIM ing. *it* (a.sXII) 'aquilo', us. como sujeito, objeto direto e objeto indireto (HOUAISS 1.0, 2001)

Há 31 registros dessa unidade, no entanto, muitos deles encontram-se em trecho de língua inglesa e não podem ser definidos por essa acepção:

"Dont touch **it**, master!" ' afastou com um gesto brusco o dedo com que eu quis experimentar, certo dia, o guine da ponta de ferro. A MANILHA E O LIMBEMBO

Nenhumam Dona Nieta. E com todo o meu **it**. MARAFA

Se você puder escrever, do **it**. Eu estou aqui muito sozinho, com esses quatro marmanjos. A menina longe... não há paz. Beijos e felicidades do Vinicius (...)no Magdalen Collegel, so we had to do **it** very secredy. QUERIDO POETA - CORRESPONDENCIAS DE VINCIUS DE MORAES

5.2 Identidade ortográfica, identidade de definição, ausência de registro no Corpora Lex

A unidade *benday* apresenta identidade na definição apresentada por ambos os dicionários:

[Ingl., do antr. Ben(jamin) Day (1838-1916), técnico gráfico americano que desenvolveu este processo.]

S. m. Art. Gráf.

1. Processo de aplicação de padrões de ponto ou linha na reprodução de arte-final a traço, para se obterem tonalidades ou sombreados. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbɛnˈdeɪ/ [ing.] s.m. (sXX) GRÁF técnica us. na reprodução de gravuras a traço que permite dar-lhes extensa variedade de grisês e sombras □ f.aport.: *bendê* □ ETIM ing. *benday* (1903), do antr. *Benjamin Day* (1838-1916, impressor gráfico norte-americano que desenvolveu essa técnica) (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade lexical *black verse* apresenta identidade na definição e não apresenta registro no corpora.

[Ingl.]

S. m. Arte Poét.

1. O verso da tragédia e da epopéia inglesas, de cinco pés, sem rima.

/ˈblæŋk ˈvɪrs/ [ing., lit. 'verso branco'] loc.subst. VRS verso sem rima, esp. o pentâmetro iâmbico (decassílabo com ictos nas sílabas pares), que constitui a métrica usual das poesias dramática e épica inglesas □ GRAM pl.: *blank verses* (ing.) □ ETIM ing. *blank verse* (1588) 'id.'

A unidade *betting* também apresenta identidade definicional nos dicionário em análise:

[Ingl.]

S. m. Turfe

1. Modalidade de jogo dos concursos [v. concurso (7)], cujas apostas só podem ser feitas nos parreiros dos três últimos páreos de cada reunião, combinando os vencedores e os segundos colocados de cada um deles. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbetɪŋ/ [ing.] s.m. TURFE B modalidade de aposta, restrita aos três últimos páreos, em que o apostador deve acertar, seguidamente, todos os vencedores, para receber uma cota ou, se acertar sozinho, todo o montante das apostas □ b. duplo TURFE B aquele em que o apostador deve acertar, seguidamente, todas as duplas vencedoras □ b. simples TURFE B aquele em que o apostador deve acertar, seguidamente, todos os vencedores □ ETIM ing. *betting* (1597) part.pres. substv. de *to bet* 'apostar' (HOUAISS 1.0, 2001)

Ao definirem *factoring*, apesar das diferentes linguagens, as obras lexicográficas em análise, apresentam identidade:

[Ingl.]

S. m.

1. Econ. Sistema pelo qual uma empresa produtora de bens ou serviços transfere seus créditos a receber, resultantes de vendas a terceiros, a uma empresa especializada (factor, ou empresa de fomento mercantil) que assume as despesas de cobrança e os riscos de não pagamento; fomento comercial; fomento mercantil: "A vantagem do factoring reside no suporte gerencial que fornece à pequena e à média indústria, aliviando-a de uma série de serviços e preocupações" " (Gazeta Mercantil, 24.7.93). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈfæktəriN/ [ing., lit. 'fatoração'] *s.m.* ECON JUR contrato pelo qual um comerciante ou industrial cede, total ou parcialmente, a uma instituição financeira créditos de vendas feitas a terceiros, em troca do pagamento de certa comissão, assumindo a instituição o risco do não-recebimento dos créditos □ ETIM ing. *factoring* (1621), do vb. *to factor* 'incluir ou admitir como um *factor*, excluir como *factor*'; ver *faz-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Em *flayback* a identidade de definição está presente nos dois dicionários:

[Ingl.]

S. m. Eletrôn.

1. Num oscilógrafo de raios catódicos, o retorno do feixe de elétrons à posição inicial, depois de atingir o ponto extremo da sua deflexão.
2. O mais curto dos dois intervalos de tempo associados a uma onda em dente de serra. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈflajbæk/ [ing.] *s.m.* ELETRÔN 1 em um tubo de raios catódicos, intervalo de tempo necessário para que o ponto luminoso produzido sobre a tela pelo feixe de elétrons, retorne da posição de deflexão máxima até a posição inicial 2 o menor dos dois intervalos de tempo associados a uma onda periódica em forma de dente de serra □ ETIM ing. *flyback* 'volta à marca zero do ponteiro de segundos em um cronômetro ou cronógrafo', p.ext. acp. eletrôn, de *to fly* 'voar' + *back* 'para trás' (HOUAISS 1.0, 2001)

Também na unidade *half-back* é possível estabelecer essa identidade:

[Ingl.]

S. m. Fut. Desus.

1. Cada um dos três jogadores da linha média.
[Sin. port., obsol.: asa.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhæf bæk/ [ing.] *s.m.* FUTB *obsl.* na formação clássica, cada um dos três jogadores que atuam na linha média; médio □ GRAM pl.: *half-backs* □ ETIM ing. *half-back* (1882) 'jogador que atua entre a defesa e a linha de ataque; médio', de *half* 'metade, meio' + *back* 'costas; parte traseira, parte posterior; verso; fundo; desp posição atrás da linha de frente, jogador que ocupa essa posição' (HOUAISS 1.0, 2001)

A preposição *in* apresenta, nos dois dicionários, duas entradas uma para a unidade proveniente do latim e outra para a oriunda da língua inglesa:

in¹

[Ingl.]

Adv.

1. Na moda.

[Opõe-se a out (2).] (...)

in²

[Lat., 'em'.]

Prep.

1. Us., em bibliografia, antes de título de obra que serve de fonte a uma citação. Ex.: Figueiredo, Fidelino de. "Romantismo". In: História Literária de Portugal (Séc. XII-XX). Coimbra, Nobel, 1944, pp. 414-415.

[Tb. se pode substituir essa indicação por em seu ou em sua.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

¹in/in/ [ing.] *adv.* (d1960) *B* na moda (*o que hoje é in não demorará muito a ficar out*)

□ ETIM substv. da prep. ing. *in* (a sXII) 'em'; designa 'situação ou condição que, num dado momento, corresponde a valores positivos da moda'; do lat. *in* 'em'; cf. ²*in* e *em* (...)

²in

/in/ [lat.] *prep.* BIBL em bibliografia, precede título de obra referida como fonte de citação; em seu, em sua □ ETIM prep. lat. *in* 'em', rege abl. (lugar) ou ac. (direção); ver *em* (HOUAISS 1.0, 2001)

Nesse caso, ao buscar sua ocorrência no Corpora, várias unidades são destacadas, mas todas referentes a unidade latina - *in vitro*, *in vivo* -, a nomes próprios compostos -*Rock in Rio* - ou pertencentes a pequenos trechos de língua inglesa, entretanto, com outras acepções.

A definição de *inning* apresentada pelos dois dicionaristas mostra identidade:

[Ingl.]

S. m. Esport.

1. Um dos nove tempos de uma partida de beisebol ou de críquete. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'iniN/ [ing.] *s.m.* DESP divisão de tempo de uma partida de beisebol ou críquete <*o jogador contundiu-se logo no primeiro i.*> □ ETIM ing. *inning* (1735) 'id.' (HOUAISS 1.0, 2001)

5.3 Identidade ortográfica, semelhança de definição (Houaiss é mais apropriado) e registro no Corpora Lex

O Houaiss 1.0 (2001), em muitos casos apresenta uma definição mais específica e detalhada, registrando ainda novas acepções adquiridas na língua portuguesa pela unidade lexical e acrescentando sintagmas nominais à partir da palavra lema.

O Aurélio 3.0 (2001) apresenta apenas uma acepção para a unidade lexical *approach*, enquanto que o Houaiss 1.0 (2001) apresenta duas, a primeira coincidente com aquela apresentada pelo Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m.

1. Elo, ligação; enfoque. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/«'prowtS/ [ing.] s.m. **1** visão, enfoque sobre determinada prática, situação, problema etc. <o palestrante discorreu sobre novos a. em marketing> **2** modo particular de lidar com uma situação, problema etc.; atitude <um a. pragmático> □ GRAM pl.: *approaches* (ing.) □ ETIM ing.medv. *a(p)prochen* (fins do sXIII), do fr. *approcher* (1080), do lat.ecl. *approprio,as,ávi,átum,áre* 'aproximar-se', do adv. *propius* 'mais perto, mais próximo', comp.sup. do adv. *prope* 'perto, próximo' (HOUAISS 1.0, 2001)

O Corpora do Laboratório de Lexicografia apresenta, em seu banco de dados, três ocorrências da unidade. A seguir são citadas duas dessas ocorrências sendo a primeira definida pela única acepção apresentada pelo Aurélio 3.0 (1999) e também pela primeira acepção registrada pelo Houaiss 1.0 (2001) e, a segunda ocorrência, definida pela acepção dois do Houaiss 3.0 (2001), não registrada no Aurélio 3.0 (1999):

Dois títulos que podem ser úteis para quem trabalha com textos: Chá nas Montanhas, de Paul Bowles, e Atentado, de Sonia Rodrigues Mota. Bowles, americano exilado em Tânger, é sobretudo interessante pelo **approach** inédito e aparentemente simples (aquilo que sempre queremos conseguir quando estamos em busca de uma reportagem, não é?). (REVISTA IMPRENSA)

Ela sempre diz que foi. Algumas agências de publicidade estão incluindo no seu **approach** de marketing um "velhinha Factor", ou a questão: isso passa pela velhinha? (A VELHINHA DE TAUBATÉ)

A unidade lexical *baby* é registrada por ambos os dicionários; no entanto, o Houaiss 1.0 (2001) é mais completo. O Aurélio registra apenas uma acepção:

[Ingl.]

S. m.

1. Criança de peito; bebê. (AURÉLIO 3.0, 1999)

Desse modo, o dicionarista deixa de lado a definição da palavra como tratamento de pessoa querida, acepção que tem seu uso confirmado pelo Corpora e que é apresentada pelo Houaiss 3.0 (2001):

/ˈbejbi/ [ing.] s.m. **1** criança lactente; bebê **2** *infrm.* pessoa querida, com quem, de certa forma, se é paternal ou maternal □ GRAM pl.: *babies* (ing.) □ ETIM ing. *baby* (sXIV) 'bebê, criança', prov. de orig. onom.

São encontrados, no Corpora, 129 registros para a unidade, contagem que também inclui os compostos como *baby-doll*, *baby-sitter*, *baby room*, entre outros. É importante ressaltar que, ao iniciar a busca nesse Corpora, muitos são os nomes artísticos formados com a unidade lexical: *Baby Consuelo*, *Baby do Brasil*.

O Insane Crucifix, por exemplo, tem um **baby** room que é uma espécie de pronto-socorro para maiores carentes. Depois de registrar-se por US\$ 200, o cliente é levado a uma suposta enfermaria e colocado nos braços de uma jovem que o amamenta pelo tempo que for necessário com suas fartas tetas de vaca leiteira. (FAVELA HIGH TECH)

(A Margô) Alô, "**baby**" !

Margô

Esta, Alonso, é a minha amiguinha Irene. (Alonso assobia duas vezes) "Moita, que o broto não é disso ! "(IRENE)

(Nesta última fala, a porta do quarto se abre e uma moça dos seus vinte anos, metida num **baby-doll**, entra na sala na ponta dos pés e olhando para a porta da rua) (...)/M: Bom, você a viu de **baby-doll**, você acha que ela é menor? /B: Eu não tenho que achar nada; quem acha é o Juizado. (...) Ainda de **baby-doll**. (...) (A ILHA DE CIRCE)

Max

Que isso, **baby**. Recado do velho ? Olha que eu me borro todo, hein ? (...)

Max (beija Teresinha)

Eu não demoro, **baby**. (OPERA DO MALANDRO)

Briga "santa" em Canindé. O prefeito Ximenes Filho foi a uma rádio local e fez críticas ácidas ao Frei Carlos, pároco do Santuário de São Francisco. Nem a mãe do padre escapou dos impropérios. Mas, a revolta maior do povo foi porque Ximenes lançou São Francisco a candidato a vereador. Nem, tanto **baby**, nem tanto. (DIÁRIO DO NORDESTE)

Têm namoradas bonitas, com cara de anúncio, que se deixam beijar, bolinar. Todo mundo quer casar, ter o seu "home", o seu "**baby**", tudo também, homes e babies, com a mesma cara. (QUERIDO POETA: CORRESPONDÊNCIAS DE VINÍCIUS DE MORAES)

O dicionário Aurélio 3.0 (1999) registra três acepções para a unidade lexical *background*, já o dicionário Houaiss 1.0 (2001) registra cinco:

[Ingl.]

S. m.

1. Aquilo que constitui o fundo de uma cena (8) (vozes, músicas, ruídos, etc.).
2. Os elementos ou fatos que constituem a base, os antecedentes, de um acontecimento, de uma situação, etc.
3. O conjunto dos conhecimentos, experiência, etc., que compõem a base intelectual, técnica, etc., de alguém. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbækgrawnd/ [ing.] s.m. (sXX) **1** som (vozes, rádio, música etc.) que se ouve em segundo plano em determinado ambiente, filme etc., e ao qual se presta menor atenção **2** conjunto das condições, circunstâncias ou antecedentes de uma situação, acontecimento ou fenômeno **2.1** o conjunto de informações ou fatos cujo conhecimento é necessário para o entendimento de um assunto **3** a totalidade dos elementos (antecedentes familiares, classe social, educação, experiência etc.) que contribuíram para a formação de um indivíduo, moldaram sua personalidade, e influenciam seus rumos **4** ART.PLÁST conjunto de elementos que, numa gravura, cena etc., são representados com menor destaque em relação aos elementos principais **5** cor, estampa ou motivo que serve de fundo a desenho, fotografia, quadro etc. □ GRAM pl.: *backgrounds* (ing.) □ ETIM ing. *background* (1672) 'o que fica em segundo plano e serve de fundo ou de base para objetos, acontecimentos ou fenômenos que ocorrem no primeiro plano' (HOUAISS 1.0, 2001)

Ao analisar os sete registros encontrados no Corpora, é possível afirmar que as três acepções apresentadas pelo Aurélio 3.0 (1999) coincidem com as três primeiras apresentadas pelo Houaiss 1.0 (2001) e se confirmam no uso :

Enquanto os modelos, cheios de "charme", iam desfilando numa passarela especialmente construída para o "show", a orquestra do navio tocava música suave no "**background**". (- O CRUZEIRO)

Certamente, este **background** social e econômico, mais típico de Minas, viria dar força ao que era comum em todo o Brasil: a Câmara Municipal. (A DEMOCRACIA COROADA)

O que pode ser explicado pelo próprio **background** do escritor. (A PAIXAO TRANSFORMADORA)

Ao contrário da juventude européia, que trazia às costas todo o peso de uma longa tradição de luta política de esquerda bastante institucionalizada, o jovem norte-americano contava com um **background** radical de esquerda bem menos sólido. (O QUE É CONTRACULTURA)

Na redação onde estou agora há muito mais pessoas de cor, pessoas de **background** hispânico, chinês ou asiático. (...)Quando eu falei sobre jornalistas com **background** hispânico, estava me referindo a norte-americanos de origem mexicana, dominicana, salvadorenha, originários de países que mandaram muitos imigrantes para cá. (REVISTA IMPRENSA)

Ao analisar a unidade lexical *bacon*, observa-se, também, identidade ortográfica e de definição entre ambos os dicionários e, aponta-se, nesse caso, o Houaiss 1.0 (2001) como mais completo pelas informações etimológica e gramatical por ele apresentadas e confirmadas no dicionário de língua inglesa.

[Ingl.]

S. m.

1. Toicinho defumado (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbejkən/ [ing.] *s.m.* (c1930) toucinho defumado □ GRAM em ing., esta pal. ordinariamente não se emprega no pl. □ ETIM ing. *bacon* (1330) 'id.', do fr. *bacon* (sXI) (HOUAISS 1.0, 2001)

O Corpora registra 51 ocorrências dessa unidade lexical, sendo, no entanto, cinco delas nomes próprios (quatro delas referem-se ao filosofo Francis Bacon).

Almoço: salada de agrião; bife enrolado com **bacon**; arroz; feijão: mamão com creme de leite.

Lanche: hambúrguer com salada: milk-shake de chocolate.

Jantar: brócolis refogado; dobradinha com molho; purê de batata; doce de abóbora.

Noite: leite e bolacha com requeijão. (NUTIÇÃO)

Erguendo as tampas de prata, eles iam-lhes mostrando, num solene ritual, um de cada vez, o que haviam trazido: café, leite, chá, chocolate; ovos com **bacon**, ovos mexidos, ovos com presunto, ovos quentes, omeletes de toda espécie; iogurte, Corn-flakes, frios de todas as qualidades... (A FALTA QUE ELA ME FAZ 1980)

É melhor você começar a ler o Estadão. Novo Patê Cremoso Sadia em embalagem de vidro. A Sadia acaba de lançar seu Patê Cremoso nos sabores **Bacon** e Presunto para você passar em torradas, pães ou em outras gostosuras mais. Com sabor suave e marcante, o novo Patê Cremoso Sadia vem em pote de vidro transparente, com tampa inviolável. (VEJA)

A unidade lexical *barman* apresenta aparentemente uma definição muito semelhante nos dois dicionários analisados. No entanto, o Houaiss 1.0 (2001) acrescenta um traço (*aquele que serve as bebidas*) que não é definido pelo Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m.

1. Homem que prepara bebidas em bar (1). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbArmən/ [ing.] *s.m.* aquele que prepara e serve as bebidas em um bar ('estabelecimento') □ GRAM pl.: *barmen* (ing.) □ ETIM ing. *barman* (1837) comp. do ing. *bar* (port. ¹*bar*) + ing. *man* 'homem' (HOUAISS 1.0, 1999)

O corpora registra nove ocorrências dessa unidade lexical, mas em nenhuma delas é possível distinguir se o uso inclui ou não o traço apresentado pelo Houaiss.

O serviço era interrompido, os garçons postavam-se nos cantos, o **barman** pousava a coqueteleira. (SAUDADES DO SÉCULO XX)

O **barman** me prepara um copo de rum com água quente, temperada com cravos e casca de laranja, garantindo que a bebida irá curar meu resfriado. (ELLE)

Os imóveis caem de valor como as ações nas bolsas nos outubros de 1929, Grande Depressão, e de 1987, ainda sem rótulo, mas que comeu US\$ 500 bilhões, devastando as hostes yuppies, que, de pagar a última prestação do BMW à cota do condomínio, se viram da noite para o dia disputando o lugar de **barman** nos bares melhores. (O ESTADO DE SÃO PAULO)

A unidade *best-seller* apresenta semelhança na definição: os dois dicionários apresentam a acepção conhecida e que se mostra recorrente na busca no Corpora; no entanto, o Houaiss 1.0 (2001), apresenta uma segunda acepção formada por extensão da comum:

[Ingl.]

S. m.

1. Livro que é um sucesso de livraria, que vende muito.

/ˈbɛst ˈsɛlɚ/ [ing.] s.m. (sXX) 1 livro que é sucesso de vendas 2 p.ext. qualquer coisa que se vende bem <um disco que se tornou um b.> □ GRAM pl.: *best-sellers* (ing.) □ ETIM ing. *best-seller* (1889) 'publicação ou produto ger. cultural que mais vende na sua categoria', formado do ing. *best* 'o melhor' + *seller* 'vendedor'; snt. substv. no ing. assim us. no port.

Quanto ao registro da unidade no Corpora, verifica-se vinte e dois registros para *best-seller*, sendo três deles com a grafia *bestseller*; todas as ocorrências definem-se pela acepção que é comum aos dois dicionários.

Havíamos aprendido também que o prestígio acadêmico é quase sempre produto de oportunidades mais que do mérito e, por isso, não havia diferenças, no Galilei, entre quem já escrevera um **best-seller** ou tinha ensinado em Harvard ou Oxford e quem ainda estava preparando seu doutorado ou seu primeiro artigo individual. (...)Escreve isto, Emilio: vai ser o nosso best-seller. (...)E então, mudamos o título do (...) **best-seller** para: Gênese, Genética, Genealogia e Genialidade do conhecimento", disse eu, sem muita convicção. Apenas terminei a frase, pensei que talvez Anna se tivesse magoado. (AQUELES CÁES MALDITOS DE ARQUELEU)

É baseada no "**best-seller**" verídico de Kathryn Hulme. "The Nun's Story" ("História de uma Freira"). (...)E, **best-seller**, mil vezes também o "Gone With the Wind" - ou seja "O Vento Levou" que pelo menos tenta reproduzir com relativa honestidade um período da história americana. (O CRUZEIRO)

A unidade *beatnik* tem semelhança na definição apresentada pelos dicionários em análise:

[Ingl.]

S. 2 g.

1. Membro da beat generation [v. beat (2)] ; beat.
2. P. ext. Jovem que, pelo seu modo de vida, comportamento, trajes, etc., demonstra contestação à moral vigente e aos valores tradicionais. (AURÉLIO 30, 1999)

/ˈbitn̩k/ [ing.] s.2g. (1958) indivíduo que rejeita o conformismo burguês, os seus costumes e valores convencionais, assumindo uma filosofia de vida e um comportamento pessoal exóticos para o padrão médio □ tb. se diz apenas *beat* ; cf. *hippie* □ GRAM pl.: *beatniks* (ing.); us. tb. como apos.: *comportamentos beatnik* □ ETIM ing.-n.am. *beatnik* (1958), formada do ing. *beat* (*generation*) '(geração) derrotada' + *-nik* suf. iídiche; ver *beat* (HOUAISS 3.0, 2001)

O que ocorre, nesse caso, é que o Aurélio 3.0 (1999) por registrar também a unidade *beat*⁴ retoma essa unidade e complementando sua definição na segunda acepção (estende-a a jovens que contestem à moral vigente, característica dos *beatniks*). Desse modo, o consulente pode denominar como *beatnik* qualquer jovem que demonstre “contestação a moral vigente e aos valores tradicionais.”

Há dois registros da unidade no Corpora Lex:

Da mesma forma como o On The Road de Kerouac havia feito do **beatnik** um grande assunto da imprensa de todo o mundo, o termo e o assunto hipster são, no mesmo ano de 1958, definitivamente consagrados por um artigo de Mailer intitulado "The White Negro: Superficial Reflections on the Hipster". (...)Assim acima do **beatnik**, ele colocaria o hipster, cuja consciência dos extremos terrores da vida assemelha-se e é derivada da que tem o negro... (QUE E CONTRACULTURA)

Na unidade *bye-bye* a acepção um do Aurélio 3.0 (1999) coincide com a um do Houaiss 1.0 (1999), que apresenta ainda uma outra acepção:

[Ingl.]

Interj.

1. Adeus. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/baj baj/ [ing.] s.m. **1** adeus <*saiu e nem deu um b.*> □ *interj.* **2** voz que expressa saudação de despedida; adeus, até logo □ GRAM pl.: *bye-byes* (ing.) □ ETIM ing. *bye-bye* (1736) 'id.', na linguagem infantil reduplicação de *goodbye* (c1580) 'fórmula de despedida', alt. de *God be with you* 'Deus esteja com você' (HOUAISS 1.0, 2001)

São verificados 15 registros desse lexema no Corpora:

⁴ A unidade lexical *beat* enquadra-se no item 11.

Vender peixe pros homens de linho e camisa esporte. Pras moças bonitas do well, do fine, do **bye-bye**, e de outras conversas que ele não entendia, mas sorria, que siá dona era capaz de se zangar se ele não sorrisse: podia tomar como ofensa. (VINTE HISTÓRIAS CURTAS)

BYE-BYE BRASIL

Emir Sader

O Brasil fecha o século mais importante de sua história de maneira melancólica.(CONTRAVERSÓES, CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE NA VIRADA DO SÉCULO)

"Tea for two". Doris ensaiou um passinho de sapateado, a muleta escorregou, ela caiu e fraturou tudo de novo. Mais um ano no gesso e **bye-bye**, Fred. (SAUDADE DO SÉCULO XX)

Os 43 primeiros migrantes sem-teto a dizerem **bye-bye** Rio deixaram a cidade rumo ao Norte e Nordeste na sexta-feira, 7, em ônibus de carreira. (ISTO É)

A definição da unidade *cash* diferencia-se nos dois dicionários pelo fato que, o Houaiss 1.0 (2001) registrou uma acepção não privilegiada no Aurélio 3.0 (1999), a de *cash* como pagamento à vista:

[Ingl.]

Adj.

Adv.

1. Termo us. para indicar valor em dinheiro, em espécie: pagamento cash; Ele pagou cash. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/kæS/ [ing.] *s.m.2n. (c1916)* **1** dinheiro em espécie; dinheiro vivo <levou apenas c. para a viagem> □ *adv. 2* em dinheiro vivo <pagou a conta c.> □ ETIM ing. *cash* (1596) 'id.', alt. do fr. médio *casse* 'caixa de dinheiro', doc. d1596 com o sentido de 'dinheiro', ou do antigo it. *cassa*, doc. no sXIV como 'soma de dinheiro contida numa caixa', do lat. *capsa,ae* 'caixa, cofre, boceta'; ver *caix-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Doze registros dessa unidade foram verificados no Corpora:

O método do fluxo de caixa descontado - discounted **cash** flow - foi adotado, a primeira vez, pela alta administração da Continental Oil (Usa), no outono de 1955. (...)A terminologia americana discounted **cash** flow foi traduzida para "fluxo de caixa descontado", mas estes valores não representam fluxo de numerário e isto pode trazer confusão entre geração de caixa e fluxo de caixa. (ANÁLISE DE INVESTIMENTOS E TAXA DE RETORNO)

Num mundo sem inflação, sem variedade de títulos de risco e maturação distinta, poder-se-ia admitir a manutenção eventual da poupança em forma de **cash**, tanto em moeda corrente como em depósitos à vista nos bancos comerciais. (O IMPARCIAL SÃO LUÍS)

No caso da unidade léxica *charter*, a definição apresentada parece mais adequada no Houaiss 3.0 (2001):

[Ingl.]

S. m.

1. Avião alugado. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/tSArt«r/ [ing.] s.m. (1922) **1** avião alugado por contrato para fim específico, esp. viagens de turismo **2** p.met. excursão turística em que o transporte é feito nessas condições □ GRAM/USO tb. us. como apos.: *vôo charter* □ ETIM ing. *charter* (sXIII) subst. 'instrumento legal escrito, contrato'; 'garantia de direitos, franquia', 'acordo de viagem, frete'; adj. (1922) 'de ou relativo a um acordo de viagem em que um meio de transporte (um ônibus ou um avião, por ex.) é fretado para um grupo específico de pessoas' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há cinco registros da unidade no Corpora, dentre eles um confirma o uso da acepção dois apresentada pelo Houaiss 1.0 (2001):

O marido voltou sozinho no **charter**. Pó, com que cara ele deve ter enfrentado o resto da família... (MURRO EM PONTA DE FACA)

A meta da Setur é promover 361 vôos **charter** da operadora CVC para Fortaleza durante a próxima alta estação. Segundo o secretário, esses vôos gerarão a possibilidade de vinda de 24.173 turistas. (DIÁRIO DO NORDESTE)

O grupo Libra está reformando o navio próprio Comodal, previsto para voltar aos tráfegos em fevereiro próximo. Até lá, o grupo pretende fretar navios em time **charter**, que estão sendo pesquisados no mercado internacional agora, para imediata colocação naquela rota. (O ESTADO DE SAO PAULO)

A unidade léxica *commodity* é definida de forma mais detalhada pelo Houaiss 1.0 (2001), apesar da definição apresentada no Aurélio 3.0 (1999) ser clara e satisfatória:

[Ingl., 'mercadoria']

S. f. Econ.

1. Produto primário (q. v.), esp. um de grande participação no comércio internacional, como café, algodão, minério de ferro, etc. [Pl.: commodities.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/k«mAd"ti/ [ing.] s.f. ECON **1** qualquer bem em estado bruto, ger. de origem agropecuária ou de extração mineral ou vegetal, produzido em larga escala mundial e com características físicas homogêneas, seja qual for a sua origem, ger. destinado ao comércio externo □ mais us. no pl. **1.1** cada um dos produtos primários (p.ex., café, açúcar, soja, trigo, petróleo, ouro, diversos minérios etc.), cujo preço é determinado pela oferta e procura internacional **1.2** qualquer produto produzido em massa □ GRAM pl.: *commodities* □ ETIM ing. *commodity* (1486) 'mercadoria, produto etc.', do lat. *commoditas,âtis* 'medida devida, oportunidade, utilidade, proveito, proporção', pelo fr. *commodité* (sXIV) 'id.', de *commòdus,a,um* 'conveniente, vantajoso', de *cum + modus,i* 'meio'; ver *mod-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Dois ocorrências dessa unidade são registradas no corpora:

A obra de arte em sua essência não é um objeto para o consumo, não é tampouco uma commodity no sentido francês; ela só é "trabalho produtivo", isto é,

precipuaamente feita para a venda em segundo grau, quando entra no círculo do mercado como uma **commodity** no sentido inglês, uma mercadoria. Literatura técnica - MUNDO HOMEM, ARTE EM CRISE

Um outro aspecto importante é que hoje o petróleo constitui uma **commodity** internacional negociada livremente em mercados, 24 horas por dia, mercado dia, mercado futuro e ter petróleo é o mesmo que ter dinheiro. Literatura oratória POLÍCAS DE PREÇO DA ENERGIA NO BRASIL

A unidade lexical *crack* apresenta-se adequadamente definida nas duas obras lexicográficas; no entanto, o Houaiss 1.0 (2001) apresenta um traço pertinente em sua definição que não é verificado no outro dicionário:

[Ingl.]

S. m. Gír.

1. Substância sólida, cristalina, obtida pelo tratamento de um sal de cocaína, ou de pasta impura que o contém, com bicarbonato de sódio.

[Esta droga (4), tóxica e ilegal, pode ser fumada, o que intensifica a ação do princípio ativo, que é a cocaína, com os seus efeitos danosos à saúde, e a ânsia por drogar-se novamente.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/kræk/ [ing.] s.m. (1905) QUÍM droga de alta concentração e toxicidade, mistura de cocaína, bicarbonato de sódio etc., ger. apresentada em forma de cristais para ser fumada numa espécie de cachimbo [Narcótico de uso ilegal.] □ GRAM pl.: *cracks* □ ETIM ing. *crack* (sXIV 'ruído seco, estalo', 1793 'o que tem capacidade superior', c1900 'cristal de cocaína'), do ant.a.-al. *chrahhón* 'produzir som estrondoso, partir ou quebrar com ruído' (HOUAISS 1.0, 2001)

No Corpora, há 75 registros para essa unidade:

Aí começou a abusar da mais velha, agora de maior, mas na época treze anos. Enfezada, despejou álcool nas partes, riscou cabeça de fósforo, o fogo ardeu a vizinhança, salvou os filhos, mas o tal, aquele, em sonhos de **crack** torrou, carvão indigente. (...)cachimbo improvisado de **crack** - a capa de uma caneta bic espetada lateralmente num frasco de yakult (ELES ERAM MUITOS CAVALOS)

E não pode se envolver numa revolução, numa luta qualquer, só porque lá em Nova Iorque a Bolsa de Valores, coisa que ele nem sabe o que é, deu um **crack!**... (DOMINGO, ZEPPELIN)

Os policiais que monitoravam as câmeras acompanharam os suspeitos durante 20 minutos e as imagens comprovaram que eles estavam fumando maconha e portando pedras de **crack**. (AGORA PARANÁ)

Ao analisar o tratamento lexicográfico dado a unidade *crooner*, pode-se dizer que o do Houaiss 1.0 (2001) é mais apropriado ao consulente, uma vez que no Aurélio esse tratamento se dá por sinonímia:

[Ingl.]

S. 2 g.

1. Vocalista. (AURÉLIO 3.0, 1999)

*/'krun«r/ [ing.] s.2g. (1930) MÚS cantor ou cantora de música popular que canta com orquestra ou conjunto instrumental □ GRAM pl.: *crooners* (ing.) □ USO a palavra é us. para designar os intérpretes ligados a conjuntos musicais e não os cantores de maior projeção na música popular, que se apresentam sozinhos ou com bandas por eles arregimentadas para suas atuações □ ETIM ing. *crooner* (1930) acp. 'cantor em orquestra de música popular', der. do v. ing. *to croon* (sXV) 'cantar ou falar com voz murmurante, suave, modulada por igual, ligeiramente exagerada' (HOUAISS 1.0, 2001)*

Seis ocorrências são registradas no Corpora:

Apesar de relativamente jovem, ela já estava distante da mulher feita que, aos dezoito anos, em 1933, gravara o seu primeiro disco, como **crooner** do clarinetista e futuro rei do swing Benny Goodman. Literatura técnica (...)Ao chegar a cada cidade, a **crooner** tinha de virar-se para aprender (SAUDADES DO SÉCULO XX)

Este rapaz é o cantor vindo lá da minha terra (Pernambuco) e é o "**crooner**" do conjunto . Os outros elementos do sexteto são : Azeitona (contrabaixo) , Valter Arruda (bateria), Heraldo (violão) e Ratinha (pistão) . (REVISTA DO RÁDIO)

Dolby recebe um tratamento lexicográfico mais adequado no Houaiss 1.0 (2001) , já que o Aurélio 3.0 (1999) restringe esse sistema a fitas magnéticas:

[Ingl., marca registrada, do antr. (Ray Milton) Dolby (1933), engenheiro electricista e inventor norte-americano.]

S. m. Eletrôn.

1. Sistema de gravação e reprodução de áudio em fitas magnéticas, que permite redução de ruído inerente a essas fitas.
2. Dispositivo eletrônico munido desse sistema.

[Com cap.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

*/'dowlbi/ [ing., marca registrada] apos. (1978) ENG.ELETRÔN 1 processo de redução do ruído de fundo nos registros sonoros e magnéticos, esp. em gravações musicais 2 p.met. dispositivo que utiliza esse processo □ ETIM ing. *Dolby* 'marca registrada' para dispositivo eletrônico que elimina ruídos de fundo em registros sonoros eletromagnéticos (HOUAISS 1.0, 2001)*

Em uma das ocorrências do Corpora, pode-se notar que um som de última geração pode ser *dolby* por possuir um sistema anti-ruídos:

A diferença talvez seja a de que no caso de João ele mesmo construiu os próprios esconderijos. Mas se os sauros ganharam expressão e voz em dolby stereo, Havelange se tornou um homem que o cinema chamaria de "frizado" ou congelado. (REVISTA IMPRENSA)

Abriu-se um telão azul deslumbrante e uma voz, muito parecida com a minha, só que em dolby-stereo. me perguntou se eu queria a cura ou não (...)Se você está disposto a melhorar cem por cento a sua imagem, você precisa conhecer a nova PHILIPS MATCHLINE 33, com mais de 750 linhas de definição horizontal. Se

you também está disposto a melhorar o som que tem em casa, you precisa ouvir a nova Philips Matchline 33, com SYMPHOBASS HI-FI SYSTEM E DOLBY SURROUND SOUND. Se you está disposto a ir à loja agora mesmo para ver e ouvir tudo isso, aproveite também para conhecer os modelos de 28 polegadas. Nova linha de televisores Philips Matchline. You não imagina como qualquer uma dessas TVs pode melhorar a imagem que you tem em casa. (REVISTA VEJA)

O tratamento lexicográfico dado a *dumping* é mais adequado no Houaiss 1.0 (2001) que apresenta uma acepção não registrada no Aurélio 3.0 (1999)

[Ingl.]

S. m.

1. Econ. Exportação por preço inferior ao vigente no mercado interno para conquistar mercados ou dar vazão a excesso de oferta.
2. P. ext. Venda por preço abaixo do custo para afastar concorrentes. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'dãmpĩN/ [ing.] *s.m.* (a1958 cf. MS¹⁰) COM JUR 1 ação ou expediente de pôr à venda produtos a um preço inferior ao do mercado, esp. no mercado internacional (p.ex., para se desfazer de excedentes ou para derrotar a concorrência) 2 título de crédito nominativo pelo qual o comprador fica obrigado a pagar, em data determinada, a quantia correspondente à fatura da mercadoria vendida a prazo □ ETIM ing. *dumping* (1857) 'id.' < gerúndio do v. ing. *to dump* (1784) 'despejar, desfazer-se de, jogar fora, vender em quantidade a baixo preço' < prov. m.-hol. *dampen* 'imersir, derrubar' (HOUAISS 1.0, 2001)

Buscando a unidade no Corpora, o que se verifica é um uso metafórico e oito usos definidos pelas acepção um e dois do Aurélio 3.0 (1999) que equivalem a um do Houaiss 1.0 (2001):

Viva o holding! Viva o dumping! Viva o truste! Viva o lucro! Viva o luxo! Viva o bicho! Multinacional! (Bis) Viva o bucho! Viva o lixo! Multinacional! (O REI DOS RAMOS)

Contudo, nessa altura, os cirurgiões perceberam que não era a cirurgia ideal para o tratamento da úlcera péptica, sobretudo em virtude dos efeitos secundários indesejáveis por ela provocados: "dumping", emagrecimento, alterações nutritivas (de 5 a 25%) (Goligher, Raia e Mesa Campos). (...) Com esses tipos de operação a incidência de "dumping" baixou para 5,66% a 13,7% (Rosenberg, Goligher). CLINICA CIRURGICA APÍLINIO CORRÊA NETO

Dumping e oligopólio, isto é conversa de desocupado ou desconversa (monopólio cheia a caos ou abismo, à escolha a pregação da desordem não está aqui quem falou). (...) Veladamente, acusação de dumping, o Japão também tomou a sua, quando inundou os Estados Unidos de eletrodomésticos, a preço baixo. CORREIO BRASILIENSE 1979

Para o anglicismo *fast-food*, duas acepções são apresentadas pelo dicionário Houaiss 1.0 (2001) e somente uma pelo Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl., fast, 'rápido', 'ligeiro', + food, 'comida'.]

1. Tipo de alimentação, preparada de modo padronizado e para rápido atendimento, servida em lanchonetes e restaurantes. [Sin. (lus.): comida rápida, pronto-a-comer.] Aurélio 3.0 (1999)

/fæst fud/ [ing.] *s.f.* (1969) ALIM **1** gênero de comida (ger. sanduíches, batatas fritas etc.), preparada e servida com rapidez; comida de lanchonetes e similares **2 p.met.** estabelecimento em que tal gênero de comida é preparado e/ou servido □ ETIM adj. ing. *fast-food* (1969) 'especializado na preparação e no serviço rápido de alimentos', comp. de *fast* 'rápido' e *food* 'comida' Houaiss 1.0 (2001)

Ao verificar a ocorrência da unidade no Corpora (sete), nota-se que, as duas acepções propostas pelo Houaiss 1.0 (2001) se fazem presentes:

Fala-se, hoje, de emergentes - esse setor da sociedade que nasceu pobre, não tem curso superior e, agora, é rico. Como a semântica altera-se com o tempo, emergente é o que outrora se chamava de "novo-rico" (performance era desempenho; fast-food era lanchonete; acusar era meter o pau etc). (CONVENÇÕES BRASILEIRAS OU BARBARIE NA VIRADA DO SECULO

O Estado detém 13,5% do rebanho nacional, com 4,3 milhões de cabeças. São metas do programa, entre outras, incentivar a produção de embutidos, cortes nobres, alimentos prontos e do tipo fast food. (AGORA PARANA)

Para Aguiar, o mercado que oferecia menos riscos era o de alimentos. Guiado por seu faro comercial e pelo próprio paladar, decidiu então investir em fast food. O problema era o que servir, ou seja, qual nicho tentar ocupar no mercado. Já havia muita pizza e hambúrguer, dominados por grandes empresas, diz Aguiar. (REVISTA EXAME)

A unidade *flash* é definida de forma semelhante pelas duas obras lexicográficas:

[Ingl.]

S. m.

1. Clarão rápido e intenso, capaz de fornecer a luz necessária para se fazer uma fotografia em ambiente onde a luz natural não é bastante.
2. Aparelho que produz esse clarão.
3. Cin. Telev. Cena (9) curtíssima.
4. Jorn. Apresentação sucinta e prioritária de uma informação importante, que ger. interrompe a programação em curso de emissora de rádio, ou de televisão. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/flæS/ [ing.] *s.m.* **1** FOT clarão breve e intenso produzido por certa lâmpada de filamento de magnésio, clareando ambientes de luminosidade insuficiente para fotografia **2 p.met.** FOT essa lâmpada **3 p.met.** FOT aparelho que utiliza essa lâmpada **4 p.ext.** CINE TV cena extremamente rápida **5 M.COM** mensagem importante, transmitida com brevidade, freq. em caráter de urgência **5.1 JOR** nota breve sobre algum acontecimento □ ter um f. *infrm.* ter uma idéia súbita ou reviver de repente uma lembrança □ ETIM ing. *flash* (1566) 'clarão repentino, explosão repentina de luz, espaço de tempo breve' (HOUAISS 1.0, 2001)

Houaiss 1.0 (2001), no entanto, apresenta uma acepção que foi registrada no Corpora e não foi registrada pelo outro dicionarista – “ter uma idéia súbita ou reviver de repente uma lembrança”:

O frio aumentara com a carreira do jipe. O jacto de luz do "flash" tremia em frente ao veículo, tateando o caminho. Com a aproximação do rio, o frio tornou-se mais intenso. (...) O jipe principiou a marcha devagar, e a luz do "flash" percorreu novamente o caminho, chamando a atenção para os troncos escondidos no escuro. (ARRAIA DE FOGO)

Que desespero a teria levado a matar-se ? Como é que pode ? Eu apenas vi, quando os fotógrafos bateram flash, uma bola de sangue, carne e vestido branco. (A MORTE DA PORTA STANDART)

Essa conotação apresentada pelo Houaiss 1.0 (2001) em *flash*, é apresentada por ele novamente e pelo Aurélio 3.0 (1999), entre outras, em *flashback*:

[Ingl.]

S. m.

1. Na narrativa literária, cinematográfica ou teatral, registro de recordação ou de fato já ocorrido.
2. P. ext. Lembrança, recordação. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈflæsbæk/ [ing.] s.m. (sXX) **1** CINE LIT TEAT interrupção de seqüência cronológica pela interpolação de eventos ocorridos anteriormente **2** p.met. esse evento anterior **3** ato ou efeito de trazer à memória pensamento, imagem, sensação do passado; lembrança, recordação □ ETIM ing. *flashback* (1903) ‘recuo de uma chama para uma posição indesejada, como num maçarico, retrospecto’ (HOUAISS 1.0, 2001)

O Houaiss 1.0 (2001), nesse caso, apresenta *flashback* não só como uma interrupção em uma composição literária para voltar ao passado, ou algo anteriormente ocorrido, mas também por apresentar a unidade como denominadora desse efeito.

São registradas 45 ocorrências no Corpora:

Atenção Edição: **flashback** cena 47 do capítulo 145. Um momento onde aparece a montanha no sonho de Ana. (A HISTÓRIA DE ANA RAIO E ZÉ TROVÃO)

Flashback

O ácido provoca diversas reações no cérebro, produzindo a "viagem". Depois de um certo tempo os efeitos desaparecem, mas pode ocorrer a bad trip ou um fenômeno chamado **flashback**: o experimentador, dias ou meses depois de ter tomado a droga, pode sentir-se mal e entrar numa "viagem", como se tivesse recebido uma ordem pós-hipnótica, sem o saber.(...) Os autores mencionam três tipos de **flashback**: de percepção, somático e emocional. AS DROGAS - SÉRIE PRINCÍPIOS

Ao definir a unidade *fog*, Houaiss 1.0 (2001) apresenta uma semelhança da unidade não apresentada pelo Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m.

1. Nevoeiro espesso: "Tivemos um domingo de sol pleno, o que não é comum na Serra, ainda sujeita às visitas do 'corrubiana' É um nevoeiro denso que baixa até ao solo, como o fog londrino." (Ciro dos Anjos, Abdias, p. 49.) (AURÉLIO 3.0, 1999)

/fAg/ [ing.] s.m. nevoeiro espesso, em tudo semelhante a uma nuvem □ ETIM ing. *fog* (1544) 'nevoeiro', de orig. esc., ligado ao a.-al. *fochen* 'soprar, ventar', do gr. *phusân* 'soprar, inchar, encher' (HOUAISS 1.0, 2001)

Seis unidades são registradas no Corpora:

Esta é a Torre de Londres. Não se vê bem por causa do **fog**.

Este é o Piccadilly Circus. Não se vê bem por causa do **fog**.

Este é o Palácio de Buckingham. Não se vê bem por causa do **fog**. (O SORRISO DE PEDRA

Não é tempo de previsões, a bola - de - cristal tá embaçada, deve ser o mug (**fog** dos bueiros), em vez de previsão, prevenção. (CORREIO BRASILIENSE)

Footing é melhor definida no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl., 'pé', 'posição', com evolução semântica em francês.]

S. m.

1. Passeio a pé, para espairecer, ou como exercício físico. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/fUtIN/ [ing.] s.m. (1892) B 1 passeio a pé, para espairecer ou à guisa de exercício físico 2 *p.met.* local numa cidade onde se faz esse passeio, esp. com objetivo de arranjar namorado(a) □ fazer f. 1 passear nos locais destinados ao *footing* 2 *tab. m.q. fazer o trottoir* □ ETIM ing. *footing* (sXIV) 'posição firme e estável dos pés, ir a pé, local em que se anda ou corre a pé', do v. ing. *to foot* 'deslocar-se a pé', por sua vez der. de *foot* 'pé' (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade apresenta sete ocorrências no Corpora:

As demais iam fazer o **footing** no Flamengo. BH-R Bbalbino, o homem do mar. Um simples "**footing**" não poderá devolver-lhes o peso normal. GINASTICA PARA A MULHER MODERNA

A unidade *game* apresenta-se mais adequadamente definida no Houaiss 1.0 (2001): o dicionário apresenta duas entradas para *game* diferentemente do outro dicionarista:

[Ingl.]

S. m. Tên.

1. Série de pontos disputados numa partida de tênis. [São necessários 4 pontos para se vencer um game.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

¹**game**

/gejm/ [ing.] s.m. (d1974) **1** em tênis, cada uma das subdivisões (ger. seis) de um *set* vencida pelo jogador ou dupla que completa quatro pontos **2** em bridge, um dos dois escores parciais de 100 ou mais pontos, em valores de vazas contratadas e cumpridas, necessários para vencer um *rubber* □ ETIM ing. *game* (sXII) 'jogo' (...)

²**game**

/gejm/ [ing.] s.m. red. de *videogame* (HOUAISS 1.0, 2001)

As acepções registradas pelo Houaiss 1.0 (2001) encontram contextualização no corpora, conforme exemplos:

Sim. É como apertar a tecla ON de um joguinho eletrônico e está dada a partida para mais um **game** de emoções que se insinua de maneira sutil, transportando-nos para um ponto no espaço e suprimindo a dimensão temporal. QUE É PORNOGRAFIA - COLEÇÃO PRIMEIROS PASSOS

Tive a sensação do que iria acontecer. É o que os ingleses chamam de no winner **game**, um jogo sem vencedor. Perdi. REVISTA CARAS

É a primeira vez que um tenista sul-americano conquista este feito. O primeiro set começou com Guga quebrando o saque do americano logo no 1 **game**. No 4 **game**, entretanto, Guga pôde sentir que a partida seria muito difícil. -DIÁRIO DO NORDESTE

São verificados 20 registros dessa unidade.

Também, na unidade *gap*, a definição do Houaiss 1.0 (2001) parece mais apropriada:

[Ingl.]

S. m.

1. Quebra indesejável de continuidade. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/gæp/ [ing.] s.m. (c1959) **1** quebra de continuidade **2** atraso relativo, descompasso ou disparidade entre coisas, países, pessoas, níveis financeiros, mentalidades etc. <g. industrial> <g. tecnológico> □ ETIM ing. *gap* (sXIV) 'buraco; interrupção; quebra indesejável de continuidade', este de orig. nórdica (HOUAISS 1.0, 2001)

Uma ocorrência apenas da unidade é registrada no Corpora:

Pois não há o *gap* (...) que marca a separação de ricos e pobres? (CORREIO BRASILIENSE)

Para a unidade *hall*, o tratamento lexicográfico do Houaiss 1.0 (2001) parece mais apropriado:

[Ingl.]

S. m.

1. Sala de grandes dimensões; vestíbulo, átrio. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/h†l/ [ing.] *s.m.* (1899-1906) ARQ **1** salão ou vestíbulo espaçoso em prédios particulares ou públicos; saguão **2** saleta pequena que faz as vezes de vestíbulo <um *h. particular de elevador*> □ ETIM ing. *hall* (a1100) 'castelo ou residência de rei ou nobre medieval; sala principal de tal estrutura para refeição, descanso ou entretenimento etc.', do ing. méd. *halle* < ing. ant. *heall*; adp. em port. como *hol* (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade mostrou-se bastante recorrente no Corpora: 109 registros:

(...) apanhou a ficha e desapareceu com ela por uma porta nos fundos do **hall** de entrada, à direita. (AGOSTO)

Do **hall** da entrada vinha o hálito do ar refrigerado. (...)O inspetor esperava no hall do aeroporto. Nem impaciente nem tranqüilo, cumpria sua função. (BALE BRANCO)

(...) quase como decorrência, a entrada lateral da residência, mais íntima, que dava acesso ao **hall**, peça de distribuição horizontal e vertical, cujo nome, importado, demonstrava o sentido de novidade. (NESTOR GOULART REIS FILHO QUADRO DA ARQUITETURA NO BRASIL)

As 7h, ele enfim apareceu no **hall** do aeroporto. CORREIO BRASILIENSE

A unidade léxica *handicap* é melhor definida pelo Houaiss 1.0(2001) porque esse dicionário, além das acepções comuns com o Aurélio 3.0(1999)⁵, traz outra acepção que mostro-se recorrente dentre as três unidades presentes no corpora:

[Ingl.]

S. m.

1. Nas competições esportivas, certa vantagem que algum concorrente dá a outro, a fim de igualar as possibilidades de vitória.
2. Prova em que são admitidos cavalos de todas as classes, igualando-se as possibilidades de vitória pela diferença de peso.
3. Fig. Desvantagem. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhændikæp/ [ing.] *s.m.* (1899 cf. CF¹) **1** DESP em corridas e outras competições, vantagem que se concede a um ou mais competidores (pessoa ou animal) para compensar deficiências de sua parte e igualar as possibilidades de vitória de todos **2** *fig.* qualquer desvantagem que torna mais difícil o sucesso <a *educação conservadora foi um h. em sua vida*> **3** deficiência física ou mental que dificulta as atividades normais de uma pessoa <a *surdez é um h. para certas atividades profissionais*> □ ETIM ing. *handicap* (1754) 'corrida ou competição em que uma

⁵ A acepção 2 e 3 apresentadas nesse dicionário, para essa unidade, equivalem a acepção um apresentada pelo Aurélio; a acepção 3 do Aurélio 3.0 (1999) equivale a 2 do Houaiss 1.0 (2001).

vantagem é concedida ou uma desvantagem é imposta a um participante para igualar as chances de vitória dos competidores; desvantagem que torna mais difícil alcançar uma meta, deficiência física', de *handicap*, alt. de *hand in cap* 'tipo de jogo em que o dinheiro pago como penalidade ficava em um chapéu' (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade *handicap* apresenta três ocorrências no Corpora:

Difícil é concorrer com o passo das suas muletas, eu com o **handicap** da mala que agora carrego nas costas. (O ESTORVO)

(...) Brasil fica com o título de campeão da taxaço no setor de mineração. Trata-se de um **handicap** decisivo contra as empresas brasileiras, já que os custos de produção de minério são semelhantes no mundo inteiro. (REVISTA EXAME)

A unidade *happening* é apresentada de modo mais explicativo pelo Houaiss 1.,0 (2001):

[Ingl., 'acontecimento', 'evento'
S. m.

1. Manifestação artística em que se mesclam artes visuais, improvisações cênicas e objetos não-artísticos, e que é aberta à participação do público. .] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhæp«niN/ [ing.] s.m. (1965) 1 espetáculo dramático inusitado, em geral artisticamente concebido como uma série de acontecimentos sem continuidade, em que o imprevisto e o espontâneo têm papel essencial, envolvendo a participação da platéia **2** *p.ext.* evento coletivo que se compara a esse tipo de espetáculo □ ETIM ing. *happening* (1551) 'algo que acontece'; acontecimento, evento que evoca uma reação espontânea a um estímulo, *p.ext.* algo (como um evento) particularmente interessante, divertido e importante', do v. (*to*) *happen* 'acontecer' (HOUAISS 1.0, 2001)

Ao analisar as unidade lexicais presentes no Corpora, verifica-se que todos os três usos definem-se pela acepção apresentada pelo Aurélio 3.0 (1999) e pela acepção apresentada pelo Houaiss 1.0 (2001):

Imitando Virgínia, ridicularizando seu espetáculo na festa de Afonso, Juracy declama o mesmo poema dito por ela naquela noite. Abelardo trepa na cadeira a seu lado, vitorioso, excitado, puxando as palmas do público que começa a achar engraçado o **happening** (...) (CHUVAS DE VERÃO)

Um **happening** no Aracoara (NOS BASTIDORES DA NOTÍCIA)

A unidade *hippie* é adequadamente registrado por ambos os dicionários. Houaiss 1.0 (2001) apresenta também o contexto em que essa unidade é inicialmente usada:

[Ingl.]

S. 2 g.

1. Membro de um grupo não-conformista, caracterizado pelo rompimento com a sociedade tradicional, especialmente no que respeita à aparência pessoal e aos hábitos de vida, e por um enfático ideal de paz e amor universais.

Adj. 2 g. e 2 n.

2. Relativo ou pertencente aos, ou próprio dos hippies: moda hippie; comunidade hippie. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/hipi/ [ing.] adj.2g.s.2g. (c1960) 1 diz-se de ou pessoa, ger. jovem, que, nas décadas de 1960 e 1970, rejeitava as normas e valores da sociedade de consumo, se vestia de modo não convencional (com influência da moda oriental), deixava crescer os cabelos, desprezava o dinheiro, o trabalho formal, freq. vivia em comunidades, pregava a não-violência, a liberdade sexual e freq. a liberação das drogas □ *adj.2g. 2 p.ext.* diz-se de ou jovem que usa os cabelos compridos e se veste de modo não convencional **3** relativo aos *hippies* e ao seu movimento <filosofia h.> <hábitos h.> <a era h.> □ ETIM ing. *hippie* ou *hippy* (1953) 'id.', pl. *hippies*, do ing. *hip* ou *hep* 'novidadeiro ou interessado nos avanços da modernidade', este de orig. desc. (HOUAISS 1.0, 2001)

A definição do Houaiss tende a ser enciclopédica e situa no tempo o movimento dos jovens.

Há 22 unidades registradas no Corpora Lex:

Olhando a magnífica figura a gente não sabe se esta vendo um dandy da época dos pré-rafaelitas (o monóculo quadrado, um condottiere da Renascença (o olhar de César Borgia na tela atribuída a Giorgione), a um **hippie** (os cabelos e as barbas) ou o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo (a luminosidade aureolar que emana da fisionomia sonhadora e forte). (CHÃO DE FERRO)

A unidade *host* é definida no Aurélio 3.0 (1999) apenas por sinonímia, o Houaiss 1.0 (2001) apresenta essa sinonímia, mas explica anteriormente do que se trata:

[Ingl.]

S. m.

1. V. anfitrião. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/howst/ [ing.] s.m. aquele que recebe ou entretém socialmente hóspedes ou convidados; anfitrião □ GRAM pl.: *hosts* (ing.) □ ETIM ing. *host* (sXIV) 'id.', prov. do lat. *hostis, is* 'estrangeiro, hóspede, peregrino, inimigo'; ver *host-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Somente uma ocorrência é registrada para essa unidade:

O Comandante Hodges agiu como um "**host**" de alta classe. Na sua mesa estavam as sras. James Dunn, esposa do Embaixador americano, Lady Thompson, esposa do Embaixador inglês, (...) (O CRUZEIRO)

A unidade léxica *iceberg* apresenta uma acepção no Aurélio 3.0 (1999) e duas no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m.

1. Grande massa de gelo flutuante que se desprende de glaciário ou de plataforma de gelo continental, e que anda à deriva nos mares árticos e antárticos, ou, às vezes, encalha junto à costa. [A parte imersa é, em média, sete vezes mais alta que a emersa.]

[Cf. *banquisa*.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈajsbɪrg/ [ing.] s.m. (1899 cf. CF¹) **1** GEOL grande massa de gelo flutuante que se desprende de um glaciário e é levada pelo mar; geleira **2** fig. *infrm.* pessoa emocionalmente muito fria <aquela atriz é um i.> □ GRAM pl.: *icebergs* (ing.) □ ETIM ing. *iceberg* (1820) 'id.', prov. do dinam. ou nor. *isberg* 'id.', comp. de *is* (ing. *ice*) 'gelo' e *berg* 'montanha'; f.hist. 1899 *icebergue* (HOUAISS 1.0, 2001)

Há 22 ocorrências no Corpora que definem-se pela aceção comum aos dois dicionários ou pela aceção somente apresentada pelo Houaiss 1.0 (2001):

(Tempo esgotado!, avisou o guarda com a expressão gelada de um **iceberg**, levando a tiracolo um fuzil capaz de deter levantes comunistas). (FAVELA HIGH TECH)

Uma viatura parou diante do bar e só então a cocaína começou a fazer efeito. Senti meu corpo se transformar num **iceberg**. Uma emboscada, eu pensei (...) (O MATADOR)

(...) como um **iceberg**, que na superfície revela apenas uma fração de sua verdadeira dimensão o urbanismo revela, através de suas intervenções, apenas alguns de seus aspectos. (O QUE É URBANISMO)

Também na definição de *impeachment* o Houaiss 1.0 (2001) se destaca por ser mais enciclopédica:

[Ingl.]

S. m.

1. No regime presidencialista, ato pelo qual se destitui, mediante deliberação do legislativo, o ocupante de cargo governamental que pratica crime de responsabilidade; impedimento: “Dois impeachments selaram o destino equatoriano nos anos 90... como remédio as tentações totalitárias e a corrupção.” (Jornal do Brasil, 12.3.1999) (AURÉLIO 3.0, 1999)

/imˈpitSmɔnt/ [ing.] s.m. DIR.CONST **1** processo político-criminal instaurado por denúncia no Congresso para apurar a responsabilidade, por grave delito ou má conduta no exercício de suas funções, do presidente da República, ministros do Supremo Tribunal ou de qualquer outro funcionário de alta categoria [Cabe ao Senado, se procedente a acusação, aplicar ao infrator a pena de destituição do cargo.] **2** este mesmo processo, no nível estadual, em que é apresentada denúncia à Assembléia Legislativa com o fim de destituir o governador de seu cargo **3** processo semelhante, no nível municipal, em que se apresenta denúncia à Câmara de Vereadores com a finalidade de destituir o prefeito **4** *p.met.* a destituição resultante de qualquer desses processos □ ETIM ing. *impeachment* (1387) 'acusação', (1432) 'obstrução, impedimento', (1548) 'dano, prejuízo material', (1568) 'questionamento, desacreditamento, depreciação', der. do v.ing. *to impeach* (c1380) adp. do fr. *empêcher* (sXII, part.pas. *empedicad* = provç. *empedegar*), este, do

lat.tar. *impedicare* 'capturar, caçar, pear' (em Amiano Marcelino, c330-c400), de *im-* 'movimento para dentro' + lat. *pedica* 'laço que prende os pés, armadilha'; no ing. há cruzamento semântico com o v.lat. *impetere* 'atirar-se contra, atacar, investir', na acp. jur (1648) 'acusação e processo de uma pessoa por traição, outro grande crime ou afronta a um tribunal competente' (cp. lat. *absque impetitione vasti* = 'reserva feita a um proprietário de que ninguém o processará por dilapidações feitas'); na Grã-Bretanha é o 'processo judicial pelo qual qualquer homem, do grau de par para baixo, pode ser levado da Casa dos Lordes à instância da Casa dos Comuns'; nos E.U.A. 'o processo semelhante, em que os acusadores são a Câmara dos Deputados e o Tribunal é o Senado'; ger. sem tradução no port. (em esp., do Brasil), na verdade, segundo seus matizes semânticos, corresponde a: *desacreditamento, descredenciamento, despojamento, apeamento* etc., e na acp. jur *impedimento, destituição* (HOUAISS 1.0, 2001)

Somente duas ocorrências dessa unidade são registradas no Corpora:

Por favor publiquem diariamente o nome dos que são contra o **impeachment** em primeira página, eles merecem esta consideração. (FOLHA DE SÃO PAULO – CORRESPONDÊNCIA)

Dias antes da votação pelo Senado do **impeachment** do Presidente Collor, Celso Lafer mantinha em Nova York encontros com os Chanceleres de praticamente todos os principais interlocutores do Brasil (...) (A INSERÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL)

Indoor é definida pelo Aurélio 3.0 (1999) apenas na rubrica do esporte e, pelo Houaiss 1.0 (2001), na do esporte e na da publicidade:

[Ingl.]

Adj. 2 g. e 2 n. Esport.

1. Diz-se de modalidade esportiva praticada em ambiente fechado: alpinismo indoor, atletismo indoor. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈindɨr/ [ing.] *adj.2g.2n.* DESP 1 praticado em ambiente fechado (diz-se de modalidade esportiva) <campeonato de tênis i.> □ *s.m.* PUB B 2 anúncio em forma de cartaz, painel etc., exposto em ambiente fechado □ p.opos. a *outdoor* □ ETIM ing. *indoor* (1711) 'próprio do ou relativo ao interior de um edifício, ou que vive, se situa ou ocorre neste ambiente', alt. da expr. *within-door* 'id.', do snt. *within door* (*in a building*) 'no interior (de um prédio)', de *within* (tb. *in*) 'dentro, no interior etc.' + *door* 'porta, entrada' (HOUAISS 1.0, 2001)

Apenas uma ocorrência dessa unidade é encontrada e define-se pela acepção dois do Houaiss 1.0 (2001):

A premiação é aberta a profissionais envolvidos no uso da mídia publicitária, concorrendo agências, anunciantes, veículos, serviços especializados e fornecedores. As categorias são: Televisão; Cinema; Revista; Rádio; Jornal; Outdoor/Mídia Exterior ou **Indoor**; Internet/New Media, Media Mix e Pesquisa de Mídia. (DIÁRIO DO NORDESTE)

A unidade léxica *insight* apresenta apenas uma acepção no Aurélio 3.0 (1999) coincidente com as acepções um e dois do Houaiss 1.0 (1999). Nessa acepção, Aurélio 3.0 (1999) apresenta uma linguagem mais acessível ao consulente que o outro dicionarista. No entanto, Houaiss 1.0 (2001) traz também outras acepções:

[Ingl.]

S. m. Psicol.

1. Compreensão repentina, em geral intuitiva, de suas próprias atitudes e comportamentos, de um problema, de uma situação. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'insajt/ [ing., lit. 'visão interna'] s.m. **1** clareza súbita na mente, no intelecto de um indivíduo; iluminação, estalo, luz **2** PSIC compreensão ou solução de um problema pela súbita captação mental dos elementos e relações adequados à solução; estalo **3** PSIC nova reação que aparece subitamente, não baseada em experiências anteriores, segundo as teorias da *Gestalt* **4** PSIC capacidade demonstrada por um paciente, em maior ou menor grau, de reconhecer as deformações que seus pensamentos e sentimentos introduzem na realidade <um i. claro e distinto> **5** PSIQ capacidade de avaliar de modo objetivo o próprio comportamento; autoconhecimento **6** REL revelação mística □ ETIM ing. *insight* (sXIII) 'a faculdade ou ato de ver dentro de uma situação; o ato ou resultado de perceber a natureza interior das coisas ou de ver intuitivamente' (HOUAISS 1.0, 2001)

Ao buscar a ocorrência da unidade no Corpora, cinco registros foram encontrados: quatro definem-se pela acepção coincidente entre as duas obras e uma pela acepção três apresentada pelo Houaiss 1.0 (2001):

(...) e foi aí que deu o estalo nela "tive um **insight**" ela disse c'uns ares de heureka, "acho que matei o quebra-cabeça (...) (UM COPO DE CÓLERA)

Numa segunda vez, ele encontrou um doente, um moribundo no meio da rua e lembrou-se que, já homem, seu pai e os amigos lhe ocultavam tais fatos. Tempos depois ele teve seu terceiro "**insight**". (O QUE É BUDISMO)

Ao definir *internet*, Aurélio 3.0 (1999) usou um vocabulário mais técnico e específico do que Houaiss 1.0 (2001); além disso, a definição do Houaiss 1.0 (2001) parece ser mais adequado as ocorrências verificadas no Corpora:

[Ingl.]

S. f. Inform.

1. Qualquer conjunto de redes de computadores ligadas entre si por roteadores e gateways, como, p. ex., aquela de âmbito mundial, descentralizada e de acesso público, cujos principais serviços oferecidos são o correio eletrônico (q. v.), o chat (q. v.) e a Web (q. v.), e que é constituída por um conjunto de redes de computadores interconectadas por roteadores que utilizam o protocolo de transmissão TCP/IP.

[F. red.: net. Tb. se diz rede.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

s.f. (sXX) INF TEL rede de computadores dispersos por todo o planeta que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura □ inicial por vezes maiúsc. □ ETIM ing. *internet* 'id.', red. de *internetwork* 'ligação entre redes' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há 143 registros no Corpora:

(..) o alemão falou tem retrato meu na **internet** qualquer dia mostra diz que deposita na caderneta de poupança a paga do trabalho diz que a mão zona estropia meu ombro quisesse poderia esfarelar minha cabeça aponta gringo aos amigos(...) (ELES ERAM MUITO CAVALOS)

Nos próximos dias, o alvará comercial fornecido pela Prefeitura também terá em anexo um informativo explicando o que o comerciante deve fazer antes de instalar qualquer tipo de publicidade. A legislação sobre o assunto também vai estar disponível em breve na **internet**, no site da Prefeitura (www.curitiba.pr.gov.br). (AGORA PARANÁ)

Jamboree é registrado pelo Aurélio como um evento internacional e pelo Houaiss como um evento que pode ou não sê-lo:

[Ingl.]

S. m.

1. Congresso internacional de escoteiros. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/dʒæmbɔːri/ [ing.] *s.m. (c1918)* congresso de escoteiros, não raro internacional □ ETIM ing. n.-am. *jamboree* (1872) '*infrm.* festa barulhenta', prov. de orig. indígena, difundido na acp. do escotismo; cp.f.aport. *jamboré* c1960 □ SIN/VAR *jamboré* (HOUAISS 1.0, 2001)

De acordo com a única ocorrência, a definição do Aurélio 3.0 (1999) estaria mais adequada; no entanto, ao buscar a unidade nos dicionários de língua inglesa⁶, nenhum deles dá ao encontro de escoteiros o traço de internacionalidade, apresentando-o apenas como uma possibilidade, como faz Houaiss 3.0 (2001).

Na semana passada, a secretária visitou o campo do XI **Jamboree** Pan Americano (Jampan), encontro de escoteiros que aconteceu em Foz do Iguaçu. (AGORA PARANÁ)

A unidade *jam session* é apresentada de forma muito semelhante pelos dois dicionários, no entanto, a definição do Aurélio 3.0 (1999) pode levantar dúvidas ao

⁶ Dicionários referidos: Dicionário Michaelis (2005) e Dicionário de Língua Inglesa Longman (1993).

consulente: a reunião é improvisada, organizada na última hora, sem antecedência ou preparativos, ou o que se toca na reunião é que é improvisado?

[Ingl.]

S. m. Mús.

1. Reunião de músicos de jazz que improvisam livremente.
2. Qualquer concerto de jazz. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈdʒɑm sɛs/ [ing.] *loc.subst.* (sXX) MÚS reunião ger. informal de músicos de jazz para tocar e improvisar □ GRAM pl.: *jam sessions* (ing.) □ ETIM ing. *jam session* (1933) 'id.', lit. 'sessão de aperto' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há somente um registro da unidade no Corpora:

Mais adiante um pouco, a Capitol Tower, igualzinha à capa do long-playing **Jam** Session at the Tower, com Ray Anthony, que comprei em 1957. Fiquei na calçada, do outro lado da rua (...) (NOS BASTIDORES DA NOTÍCIA)

No caso da unidade *jazz*, também, a definição do Houaiss 3.0(2001) parece mais relevante, no entanto, esse dicionarista poderia tê-la feito de um modo mais simples e acessível a diferentes perfis de consulentes:

[Ingl.]

S. m.

1. Música profana, vocal ou instrumental, dos negros norte-americanos, que se tornou progressivamente, depois da I Guerra Mundial, uma forma de expressão quase universal.

[Pl.: jazzes.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/dʒæz/ [ing.] *s.m.* (1935 Careta 1428 p.3) MÚS música moderna de origem negro-americana, muito difundida após a guerra de 1914-1918, caracterizada pelo improvisado e pelas sonoridades e ritmos sincopados, basicamente extraídos do *ragtime* e do *blues* [Em sua forma mais popular, o *jazz* é esp. vocal ou dançado; em suas formas elaboradas, destina-se a um público de concertos.] □ f.aport.: *jaze* □ cool j. MÚS forma de *jazz* surgida na segunda metade da década de 1940, mais cerebral, disciplinada e contida que as formas anteriores advindas do *bebop* □ GRAM pl.: *jazzes* (ing.) □ ETIM ing. *jazz* (1909) 'id.', de orig.contrv. ou mesmo obsc.; o voc. griesco surge nos E.U.A. na acp. pej. 'ter relações sexuais', cedo ligado ao próprio nome do gênero musical; o *Webster's Dictionary of the English Language* (ed. 1964) limita-se a dizer que o voc. *jazz* é "do crioulo *jass*, termo sexual aplicado a danças conguesas (New Orleans)"; na ed. de 1966, porém, considera-o de orig.desc.; *The Oxford English Dictionary* (1961, 13º vol.) registra "origem desconhecida, geralmente tida como negra"; Tom Brown, líder de uma orquestra branca de New Orleans, afirma ter sido quem usou pela primeira vez a palavra *jass*, com referência ao tipo de música que apresentou em 1916 no Lamb's Cale, de Chicago; segundo Arnold Lovcano, membro da orquestra de Brown, a acp. mús foi atribuída ao voc. porque pessoas do Norte (Chicago) achavam animada e incontida (*jazzy*) a música dos negros do Sul (New Orleans); num jornal de São Francisco, de 1913, no entanto, a pal. *jass* aparece com referência à música com valor pej.; o *jazz* seria uma *jass music* ou "música de bordel"; para alguns estudiosos, a orig. estaria no v.fr. *jaser* 'tagarelar, entreter, divertir'; tal hipótese

conta com muitos adeptos, por motivo da colonização de New Orleans pelos franceses, e pela infl. do crioulo na criação do *jazz* (vários pioneiros do *jazz* eram crioulos franco-negros, como Sidney Bechet, Alphonse Picou, Buddy Petit, Barney Bigard, Honoré Dutrav); ver ²*jaz-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Há 64 registros dessa unidade no Corpora:

(Quirino, toca bandolim, é do tempo das valsas e não gosta do **jazz**. Mas que é que se vai fazer? A gente tem de amarrar o burro à vontade do dono... Querem **jazz**? Lá vai **jazz**! Transformou sua orquestra de flautas, cavaquinhos, violões e bandolins num **jazz** como os das fitas de cinema, uma banda barulhenta com pancadaria, saxofone, trombones, banjos e pistons.) (MÚSICA AO LONGE)

"Eu toco as harmonias mais loucas do **jazz** e cabe tudo na música dele". (DORIVAL CAYMMI, O CULTO POPULAR)

Tocou com grandes nomes da música brasileira e internacional. Pesquisador profundo cujo solo fundamenta-se na linha do **jazz**. (A GAZETA. VITÓRIA)

5.4 Identidade ortográfica, semelhança de definição (Aurélio é mais apropriado) e registo no Corpora Lex

Apesar de trazer novas acepções adquiridas pelas unidades lexicais ao se incorporarem na Língua Portuguesa, ou conotações mais recentes já adquiridas em sua língua de origem, o Houaiss 1.0 (2001) apresenta, também algumas definições equivocadas ou menos completas que as do Aurélio 3.0 (1999).

A unidade lexical *assembler*, por exemplo, é melhor definida pelo Aurélio 3.0 (1999), apesar das informações etimológicas trazidas pelo outro dicionário.

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. V. montador (2). (...) Programa que converte em linguagem de máquina (q. v.) as instruções escritas em mnemônicos da linguagem assembly. [Corresponde ao ingl. assembler.]

2. Linguagem de programação de baixo nível, na qual cada instrução de máquina é escrita sob a forma de um mnemônico; linguagem *assembly*. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/«'sEmbl«t/ [ing., lit. 'montador'] *s.m.* (c1964) INF programa capaz de montar código de máquina ou de converter um código-fonte de linguagem *assembly* em código de linguagem de máquina □ GRAM pl. *assemblers* □ ETIM ing. *assembler* (c1964) 'id.'; voc. ing. formado do v. *to assemble* (< v. fr. *assembler* 'reunir') + suf. de agente ing. *-er*; ver *semelh-* (HOUAISS 1.0, 2001)

O primeiro dicionarista registra duas acepções para a unidade, sendo que, ao consultar a ocorrência da unidade do Corpora Lex apenas um registro é verificado, registro esse definido pela segunda acepção apresentada pelo Aurélio 3.0 (1999), mas não apresentada pelo Houaiss 1.0 (2001).

Quando um programa é feito com esta linguagem natural do computador, dizemos que estamos utilizando uma linguagem de máquina ou **Assembler**. No entanto, essa linguagem oferece alguns inconvenientes. Um deles é que, para utilizá-la, é preciso conhecer a natureza do hardware (tipo de máquina, organização da memória etc.). (ISO-T - INFORMÁTICA E SOCIEDADE)

Para a unidade lexical *baby-sitter* o dicionário Aurélio 3.0 (1999) traz um traço apresentado pelos dicionários de língua inglesa⁷ e que não é apresentado pelo outro dicionário em análise. Na tentativa de ser mais explicativo, o Houaiss 1.0 (2001) acabou por apresentar um equívoco em sua definição, como se pode observar a seguir:

[Ingl.]

S. 2 g.

1. Pessoa que se contrata para tomar conta de crianças temporariamente, em especial à noite, na ausência dos pais. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbeɪbi sɪtər/ [ing.] s.2g. (d1947) pessoa que ganha para tomar conta de criança(s), ger. por pouco tempo, na ausência dos pais ou responsáveis □ GRAM pl.: *baby-sitters* (ing.) □ ETIM ing. *baby-sitter* (1947) 'id.', de *baby* 'criança' + *sitter*, v. *to sit* 'sentar; chocar'

Ao recorrer aos dicionários de língua inglesa os dois traços apresentados pelo Aurélio 3.0 (1999) – “temporariamente, em especial à noite” – são apresentados.

Ocorrem dois registros da unidade no Corpora e, é importante notar, as diferenças ortográficas existentes entre eles.

Ninguém vai ser **babysitter** ou office-boy. Usando as melhores grifes e perfumes, os novos free lancers inovam. Criam curiosas atividades, investindo com o próprio capital social. ESP - O ESTADO DE SÃO PAULO

Seu filho ainda terá rotisserie, supermercado, shopping center, TV com circuito fechado, sauna, cabeleireiro, lavanderia, telefone com discagem direta e linhas internacionais, telex, sala de convenções e espetáculos, ginásio de esportes e **baby sitter**. P-VEJ - VEJA - MAIO 94 - S.P. ED ABRIL

A unidade lexical *big* apresenta duas acepções no Aurélio 3.0 (1999) e apenas uma delas é verificada também Houaiss 1.0 (2001). A acepção dois apresentada pelo Aurélio 3.0

⁷Dicionários referidos: Dicionário Michaelis (2005) e Dicionário de Língua Inglesa Longman (1993).

(1999) parece, no entanto, ser bastante recorrente no Corpora. Na acepção comum entre os dois dicionários a definição se dá por sinonímia.

[Ingl., 'grande'.]

Adj. 2 g. e 2 n. Gír.

1. Grande (1).
2. Fig. Notável, extraordinário (AURÉLIO 3.0, 1999)

/b"ɡ/ [ing.] *adj.2g.2n.* ver **grande** □ ETIM ver em *bigue* (HOUISS 1.0, 2001)

Ao buscar essa unidade no Corpora Lex, são encontrados 76 registros, entre eles, são recorrentes nomes próprios como *Big Bang*, *Big Brother*.

Servindo-se das equações usadas para reconstruir o fio da história, o homem poderia obter, como na época do **Big Bang**, uma densidade e uma temperatura infinitamente elevadas. (FOLHA DE SÃO PAULO)

Caveirinha

Eu queria que a senhora me contasse um **big** crime, uma assassinato bacana. (...)

Boca De Ouro

Vem cá ! Tive uma idéia, uma **big** idéia ! (ri, pesadamente) Quero ser assassino contigo ! Tu vais ser assassina comigo ! (BOCA DE OURO)

O mais novo sexygenário da praça é o cardiologista José Feldmann, que teve sua entrada nos sessentões comemorada comme il faut: A sra. Odaléa Brando Barbosa, anfitriã de um **big** almoço com Jorge, recebeu o homenageado com uma faixa cheia de corações. (O LIBERAL)

A unidade *blues* é mais adequadamente definida pelo Aurélio 3.0 (1999), apesar de, Houaiss 1.0 (2001) apresentar um número maior de acepções:

[Ingl.]

S. m. 2 n.

1. Canção popular dos negros norte-americanos, em tom menor, e de caráter melancólico e andamento lento.
2. Modalidade de foxtrote (q. v.) de andamento lento, surgida no fim da década de 1920; fox-blue. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/bluz/ [ing.] *s.m.2n.* MÚS **1** gênero de canção do folclore negro norte-americano, de cunho melancólico e ritmo sincopado, em compasso binário ou quaternário e andamento moderado [É produto da individualização e secularização do *spiritual*.] **2** *p.ext.* qualquer canção desse gênero **3** m.q. **fox blue** □ ETIM ing. *blues* (1741) 'id.', derivado p.ana. (devido ao caráter triste desse tipo de canção) do ing. *blues* 'melancolia, depressão', este, por sua vez, uma acp. metafórica do subst. *blue* 'azul' (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade apresenta 35 registros no corpora:

Como canta bem sambas e **blues!** (COBRA CEGA)

Enquanto o senhor, com esta cegueira mental que tão bem o caracteriza, me convidava para ouvir discos de Sinatra e dançar **blues**. (TRILOGIA DO HEROI GROTESCO)

E enquanto eruditos como Turíbio Santos e Arthur Moreira Lima arregaçam momentaneamente a manga da casaca para caírem no choro ostensivo, vem do Estácio o rebelde Luís Melodia, no Mico de Circo, mostrar, em Fadas, onde podem encontrar-se o **blues** urbano e o choro suburbano. (O SOM NOSSO DE CADA DIA)

No caso da unidade *body-board*, pode-se dizer que o registro é mais adequado no Aurélio 3.0 (1999) porque esse dicionário apresenta uma entrada para a prancha e, como é usado na língua coloquial, uma outra entrada para o esporte, as manobras sobre uma *body board*. O Houaiss 1.0 (2001) enquadra ambas as acepções sobre a nomenclatura *body board*. É importante ressaltar a diferença ortográfica entre o registro em ambos os dicionários *body-board* e o registro das ocorrências verificadas no Corpora *bodyboard*.

[Ingl.]

S. m. Esport.

1. Pequena prancha us. na prática do body-boarding. (...)

body boarding

[Ingl.]

S. m.

1. Esport. Modalidade de surfe que utiliza prancha curta e sem quilhas, sobre a qual o surfista se deita. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbʌdi ˈbɔːrd/ [ing.] s.m. DESP LUD **1** prancha curta e flutuante, us. para apoiar o tórax (na atividade descrita na acepção seguinte) **2** ato de deslizar sobre essa prancha por impulsão das ondas do mar, ger. executando movimentos ou exercícios pré-fixados □ GRAM pl.: *body-boards* (ing.) □ ETIM ing. *body-board* 'prancha de corpo', de *body* 'corpo' e *board* 'tábua, peça lateral de navio' (HOUAISS 1.0, 2001)

São encontrados dois registros no Corpora.

Com a categoria feminina cancelada devido a poucas inscrições, sobrou para Fábio Di Franco representar o **bodyboard** capixaba na quinta etapa do Circuito Carioca que será realizado de hoje até domingo, em Ipanema. O bodyboarder quer aproveitar esta competição para se preparar melhor com vistas à primeira etapa do Circuito Brasileiro, de 23 a 25 deste mês, em Bertioga, São Paulo. (...)

Fábio Di Franco, equipe Elias Miguel Ford Imports, viajou ontem sem as presenças das suas companheiras Neymara Carvalho, líder do circuito, Trícia Navarro, Maylla Venturin e Flávia Márcia. Elas desistiram logo que foram informadas pela organização que o feminino havia sido cancelado por falta de inscrição. (...)

Líder do Circuito da Associação de Surf do Estado do Espírito Santo (Asees) com 1.556,1 pontos, Fábio garantiu que fará de tudo para confirmar o bom momento que atravessa o **bodyboard** capixaba. Para isto, ele treinou três horas por dia, pois além do Circuito Brasileiro tem como objetivo participar da primeira etapa do Mundial que será realizado no Japão, em novembro. (A GAZETA DE VITÓRIA)

A unidade lexical *buffer* é apresentada de forma mais completa pelo Aurélio, apesar da linguagem mais técnica.

[Ingl.]

S. m.

1. Inform. Dispositivo de armazenamento de caráter transitório, utilizado durante uma operação de transferência ou transmissão de dados entre unidades de armazenamento ou de processamento que operam com tempo de acesso, velocidades ou formatos distintos.
2. Eletrôn. Circuito com alta impedância de entrada e baixa impedância de saída, e que se interpõe entre dois outros circuitos para minimizar o efeito de carregamento da impedância de entrada de um deles na saída do outro; circuito isolador.
3. Eletrôn. Amplificador seguidor de emissor, ou amplificador seguidor de fonte, ou amplificador seguidor de tensão, us. como *buffer* (2). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbʌfə(r)/ [ing.] *s.m.* (d1960) **1** INF região de memória us. como área de armazenamento temporário de dados durante sua transferência entre dispositivos de diferentes taxas de transferência □ f.aport.: *báfer* **2** ELETR circuito isolado que se usa para impedir que um circuito alimentador influencie outro do mesmo tipo □ GRAM pl.: *buffers* (ing.) □ ETIM ing. *buffer* (1834) orig.desc. 'elemento ou mecanismo auxiliar que preserva temporariamente força, energia, informações, dados, para evitar danos' (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade é registrada apenas uma vez no corpora, com uma acepção diferente da registrada por ambos os dicionários:

Logo minha mãe dispôs os móveis e estou vendo o guarda-comidas no seu canto, o **buffer**-credance com os restos dos cristais e das pratas de Inhá Luísa, a mesa patriarcal, a cadeira de balanço, as cadeiras austríacas. CHÃO DE FERRO

Na unidade *camping*, os dois dicionários tem definições bastante semelhantes; no entanto, o dicionário Houaiss 1.0 (2001) atribui a acepção um, um sinônimo que se refere a acepção dois do Aurélio: acampamento é a área destinada a atividade ou a área onde ela ocorre:

[Ingl.]

S. m.

1. Atividade coletiva, turística ou esportiva, que consiste em viajar e acampar ao ar livre, geralmente em lugar apropriado, com o equipamento necessário.
2. Local especificamente preparado para tal atividade.

[Sin. (p. us.): acampamento e campismo.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'kæmp"N/ [ing.] *s.m.* **1** hábito turístico e/ou esportivo de excursionar e acampar ao ar livre fazendo uso de barraca, tenda, reboque móvel ou outros equipamentos; acampamento **2** *p.met.* terreno reservado para esse tipo de atividade □ GRAM pl.: *campings* (ing.) □ USO em Portugal, usa-se, mais apropriadamente, a pal. *campismo* em lugar de *camping* □ ETIM ing. *camping*, gerúndio do v. *to camp* (1543)'fazer ou ocupar um acampamento' (HOUAISS 1.0, 2001)

Dez ocorrências da unidade são encontradas no Corpora, sendo a maioria definida pela aceção um.

No meio do bambuzal abriram uma picada que vai dar num roçado novo, onde foi montado um **camping**. (...)Dirijo-me à casa principal, e julgo avistar sombras arrastando-se das vertentes para as bandas do camping, como um exército escangalhado. Convergem para o **camping** e enfurnam-se nas barracas, dois a dois. (O ESTORVO)

Localizadas junto a pequenas cidades do interior, elas funcionam como consórcios municipais, que utilizam os excedentes da mão-de-obra agrícola e fabricam de tudo, de papel a barracas de **camping**, de roupas a eletrodomésticos. (REVISTA EXAME)

No verão, no inverno, no escritório, na discoteca, no **camping**, em casa, de dia, de noite, o Moccasin Saméllo o acompanha onde quer que você ande. (REVISTA VEJA)

Ao definirem a unidade *clean* os dois dicionaristas diferenciam-se apenas por um traço apresentado pelo Aurélio 3.0 (1999) que é pertinente:

[Ingl.]

Adj. 2 g. e 2 n.

1. Diz-se de estilo de decoração, de vestuário, etc., sem excesso de ornatos, e em tons claros ou pastel. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/klin/ [ing., lit. 'limpo'] *adj.2g.* (1965) *infrm.* despojado, sem excessos (diz-se de estilo de decoração, de vestuário etc.) □ ETIM emprt. ing. *clean* (1040) (HOUAISS 1.0, 2001)

Como se pode notar, o Houaiss 1.0 (2001) define a unidade por sinonímia.

Onze ocorrências são registradas, sendo que todas elas com o sentido de despojado, claro, sem excessos, mas não apenas no que diz respeito a decoração e vestuário:

Nos anos 50, ela se caracterizara justamente por sua imagem irradiante, **clean** e otimista - feliz talvez demais, além dos padrões permitidos. Uma torta de maçã pincelada de joie de vivre. SAUDADES DO SÉCULO XX

O sr. France cometeu um erro tremendo: o de ser um homem só, sem um partido, sem um "**clean**" financeiro, sem um interesse econômico a defender. Compreende-se pois, que "je ne sais pas ou vous allez! O ESTADO DE SAO PAULO

Come **clean**, Mané, e me manda um bilheteinho dizendo que você está bem, e que tudo está bem, senão eu fico aflito. Literatura Jornalística, Crônicas e Correspondência - QUERIDO POETA: CORRESPONDÊNCIA DE VINÍCIUS DE MORAIS

Suas limpezas, feitas pelo processo "bio-**clean**-skin" (Bcs), regeneram as glândulas sebáceas fazendo com que elas voltem a funcionar com o mesmo equilíbrio da infância. REALIDADE

Durante o dia, o prêt à seduire vem com as confortáveis rendas de lycra. Tudo muito **clean**. Sofisticado. Gostoso de usar. Literatura de Propaganda - VEJA

Assim como ocorre com a unidade *CD* (que será analisada no item 5.9) e com a unidade *CD-R* (item 5.6), a unidade léxica *CD-ROM* também apresenta uma definição mais adequada no Aurélio 3.0 (1999):

Inform.

1. Sigla do ingl. compact disc read-only memory, que designa um tipo de CD (q. v.) gravado por processo industrial e não regravável, capaz de armazenar cerca de 650 megabytes de programas e dados (inclusive imagens, sons, vídeos) para computador.

[Tb se diz apenas CD.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/sidi'rAm/ [ing.] *s.m.* (1983) INF disco, us. esp. em computadores, que contém informações digitalizadas (texto, imagens, sons e vídeo) capazes de serem recuperadas através de leitura óptica, mas não alteradas □ cf. *CD-R* □ ETIM acrônimo do ing. *compact disc read-only memory*, lit. 'disco compacto de memória apenas para leitura' (1983) (HOUAISS 1.0, 2001)

Há um registro da unidade *CD-ROM* no Corpora.

Veronika lembrou-se de ter escutado algo a respeito da festa, que fora um acontecimento especial na cidade: não apenas pelo fato de que o castelo tinha sido redecorado para aproximar-se ao máximo do ambiente medieval do tal **CD-Rom**, como também pela polemica que se seguira na imprensa local: havia jornalistas alemães, franceses, ingleses, italianos, espanhóis - mas nenhum esloveno tinha sido convidado. (VALKIRIA DECIDE MORRER)

A unidade *dopping* é melhor tratado lexicograficamente no Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m.

1. Aplicação ilegal de estimulante em competidor (pessoa ou animal) para lhe aumentar o rendimento (5).

2. Fis. Part. Adição de substância química ou impureza a um material de forma a dar-lhe propriedade desejada. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'dowpiN/ [ing.] *s.m.* **1** TURFE substância química que se dá a um cavalo para estimular artificialmente o seu desempenho **2** DESP substância química que se ministra ilicitamente a um atleta, a fim de alterar-lhe por momentos o condicionamento físico, aumentando-lhe a resistência e o desempenho muscular □ ETIM ing. *doping* (1889) 'aplicação ilegal de estimulante', do gerúndio do v. *to dope* 'dar um narcótico, tratar com um dopante'; ver *dop-* □ SIN/VAR *dope* (HOUAISS 1.0, 2001)

Apenas um registro é verificado no Corpora Lex:

Sem **dopping**.
Desalienada... PATÉTICA

Os dois dicionários não deixam clara a definição de *dry-farming*, no entanto, a do Aurélio parece mais esclarecedora:

[Ingl., 'lavoura-seca'.]

S. m.

1. Processo de agricultura típico de regiões de chuvas escassas. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'draj 'fArmiN/ [ing., lit. 'plantação seca'] s.m. AGR plantação em terras não irrigadas □ ETIM ing. *dry-farming* (1878) 'id.', comp. de *dry* 'seco' + *farming* 'plantação, fazenda' (HOUAISS 1.0, 2001)

A primeira apresentação, não deixa claro se o processo trabalha ou não com a irrigação; recorrendo a tradução literal essa dúvida parece, no entanto, ser esclarecida. Já a segunda, deixa margem ao consulente a pensar numa área que não precisa de irrigação, por condições climáticas, por exemplo.

Em *ecstasy* a definição parece adequada em ambos os dicionários, mas a do Aurélio 1.0 (2001) apresenta uma linguagem mais acessível aos consulentes. Apenas uma ocorrência é registrada no Corpora:

[Ingl., lit., 'êxtase'.]

S. m. Pop.

1. Droga (4) sintética, constituída principalmente de metilendioximetanfetamina. (v. MDMA). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'Ekst«si/ [ing.] s.m. (sXX) QUÍM substância (C₁₁H₁₅NO₂) derivada da anfetamina, us. ilegalmente por suas propriedades alucinógenas, euforizantes e estimulantes; metilendioximetanfetamina □ ETIM ing. *ecstasy* (sXIV) 'privação da razão e de controle'; 'anfetamina sintética us. ilicitamente por suas propriedades alucinógenas e euforizantes', pelo ing. e pelo fr. medievais, este último do lat. *ecstàsis* ou *extàsis, is* 'êxtase' < gr. *ékstasis, éós* 'êxtase, arrebatamento, pasmus' (HOUAISS 1.0, 2001)

No segundo semestre de 1983, foi "redescoberta" nos Estados Unidos e passou a ser fabricada e vendida clandestinamente na Califórnia, com o nome de fantasia **Ecstasy**, uma antiga droga, despertando as atenções do público e das autoridades de saúde. (AS DROGAS)

Fox terrier apresenta uma definição satisfatória em ambos dicionários, mas o Aurélio 3.0 (1999) apresenta alguns traços não apresentados pelo Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

1. Cinol. Designação comum aos cães da raça terrier (q. v.), originários da Inglaterra, com altura média de 0,36m, pelagem densa, macia ou dura, em geral branca com manchas escuras, treinados inicialmente para perseguir raposas. [F. red.: fox2.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/faks 'tɾiɐ/ [ing.] *loc.subst.* CINOL raça inglesa de cão pequeno e peludo, originalmente us. na caça de raposas □ tb. se diz apenas ¹fox □ ETIM ing. *fox-terrier* (1823) 'raça *terrier* de cão de pêlo curto e liso ou de pêlo de arame, crespo e encaracolado, origin. us. na caça à raposa' (ing. *fox*) (HOUAISS 3.0, 1999)

Três ocorrências dessa unidade são registradas no Corpora:

Que raça? A cidade não dispunha de animais finos; o único que por lá andou foi um **fox terrier**, na casa do médico, e morrera há anos. (CONTOS DE APRENDIZ)

E olha que a gente teve um cachorro, um **fox terrier**, que o filho da mãe não deixava pedra sobre pedra, entrava correndo pela porta da sala e saía voando pela porta da cozinha, o rabo estabonado derrubando tudo, vaso de flor, xaxim de samambaia, criança relento, até uma lata de biscoito dinamarquês vazia, que ficava em cima do armário, o diabo conseguiu deitar ao chão, amassar. (ELES ERAM MUITO CAVALOS)

A unidade léxica *full time* apresenta-se mais adequadaemtn e definida no Aurélio 1.0 (1999), uma vez que o outro dicionário traz um traço (trabalho) que nem sempre é pertinente:

[Ingl.]

Loc. s. m.

1. Tempo integral (q. v.). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/fʊl 'tʃajm/ [ing.] *loc.subst.* tempo integral de trabalho □ ETIM ing. *full time* (1898) 'período normal de tempo de trabalho adotado numa dada atividade, pessoa empregada nesse regime de tempo de trabalho', comp. de *full* 'cheio, pleno, completo' e *time* 'tempo' (HOUAISS 3.0, 1999)

A unidade apresenta seis registros no Corpora:

Fanny é uma artista. Toca bem a guitarra, não dá vexame na bateria, tira música de ouvido. No palco, narcotiza: suas botas pretas de cano alto encruzilham as penugens loiras das coxas bem torneadas, a minissaia de couro preta insinua uma Vênus calipígia, as asas negras da blusa terminam em garras fesceninas, os cabelos, agora ruivos, espalham-se selvagens pelos ombros, a voz rascante, janisjoplinianá. Bernardo pensa em largar tudo, dedicar-se **full time** à carreira da menina. S, Som! (ERAM MUITO CAVALOS)

Afinal, o tempo passou, Deus sabe como, mas pelo menos te dei **full time** para a realização integral do teu terceiro romance. Emenda-o mais uns meses. (A LADEIRA DA MEMÓRIA)

Estamos trabalhando **full time** - disse a MANCHETE um servidor da Justiça. (MANCHETE)

Grid é definido de modo semelhante pelos dois dicionários:

[Ingl.]

S. m. Autom.

1. Disposição dos carros na largada de uma corrida. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/grid/ [ing.] s.m. AUTOM nas corridas de *Fórmula*, colocação de largada dos carros
 □ ETIM ing. *grid* (1839) 'grade de metal us. como condutor numa bateria; uma rede de condutores para distribuição de energia elétrica; uma rede de linhas perpendiculares e horizontais uniformemente espaçadas; posições iniciais dos carros em uma corrida etc.'; red. de *gridiron* (sXIV) 'grelha, grade' (HOUAISS 3.0, 1999)

Nesse caso, ao percorrer o Corpora, é possível afirmar que a conceitual do Aurélio 3.0 (2001) é mais coerente porque em alguns casos *grid* não refere-se a corridas de Fórmula:

Há um videogame parado na televisão, carros de fórmula 1 no **grid** de largada. (ESTORVO)

Robson Caetano não passou das semifinais da prova dos 100 metros rasos nas Olimpíadas de Barcelona, terminando em sexto lugar com o tempo de 10seg32, ficando fora do **grid**. (CORREIO BRASILIENSE)

Antes da tomada de tempos de Rahal , que acabou na segunda posição, a primeira fila do **grid** estava constituída em sua totalidade pela equipe Penske, com Sullivan e Mears ao lado de Emerson. (O ESTADO DE SÃO PAULO)

A unidade *hamster* é definida pelo Aurélio 3.0 (1999) por essa obrar apresentar uma definição mais simples e acessível aos consulentes:

[Ingl. (< al.)]

S. m. Zool.

1. Designação genérica de vários mamíferos roedores, cricetídeos, que podem atingir até 30cm; têm cauda curta e são providos de bolsa na face interna da bochecha. O hamster comum (*Cricetus cricetus*) tem o dorso pardo e o ventre preto, e o dourado (*Misocricetus auratus*) tem coloração parda tirante a dourado. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'hæmstɛr/ [ing.] s.m. MASTZOO 1 design. comum a diversos roedores, pequenos e atarracados, da fam. dos murídeos, encontrados na África e Ásia, dotados de grande bolsa facial e de cauda muito curta 1.1 roedor nativo da Síria (*Mesocricetus auratus*), encontrado no mundo todo como animal de estimação ou como cobaia □ ETIM ing. (1607) *hamster* 'id.', do a.-al.ant. *hamustro*, de orig. eslava, conexo com o antigo eslv. *chomèstorù*; cp. al. *Hamster* (HOUAISS 3.0, 1999)

Apenas uma ocorrência é registrada no corpora:

O meu esforço não rendeu nada, passei um dia absolutamente normal, limpando merda de **hamster**(...) (O MATADOR)

Hit é mais adequadamente definida pelo Aurélio 3.0 (1999); para essa unidade o dicionarista apresenta um exemplo:

[Ingl.]

S. m.

1. Aquilo que está na moda, que faz sucesso no momento, na temporada, etc.: O hit desse verão são os minivestidos de malha. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/hit/ [ing.] *s.m.* (c1930) aquilo que tem grande popularidade; o que fez ou faz muito sucesso <os bate-papos na internet são o hit do momento> □ ETIM ing. *hit* (sXV) 'ato de atingir ou ser atingido; de ter sucesso em algo', donde 'um golpe de sorte, um imenso sucesso' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há onze unidades registradas no corpora, todas se aproximam muito do exemplo apresentado pelo Aurélio 3.0 (1999):

As rádios, como sempre, mantiveram-se à parte, como se não fosse com elas: o boom do choro, apesar de sua permanência mais longa, por exemplo, que a febre efêmera da discothèque, não deixou nenhum **hit**. (O SOM NOSSO DE CADA DIA)

Lambaeróbica é o novo **hit** de Porto Seguro (...) Cada verão, no entanto, Porto Seguro lança um novo modismo. (FOLHA DE SÃO PAULO)

Holding apresenta duas acepções no Aurélio 3.0 (1999) e uma única acepção no Houaiss 1.0 (2001):

[Do ingl. holding company.]

S. m.

1. Empresa cujo capital é constituído exclusivamente de ações de outras, que são, assim, por elas controladas, e cujo controle é a sua única atividade.

2. Empresa que adquire a totalidade ou a maioria das ações de outras, que passam a ser suas subsidiárias. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhowldiN/ [ing.] *s.f.* (sXX) ECON empresa que detém a posse majoritária de ações de outras empresas, ger. denominadas subsidiárias, centralizando o controle sobre elas [De modo geral a *holding* não produz bens e serviços, destinando-se apenas ao controle de suas subsidiárias.] □ GRAM pl.: *holdings* (ing.) □ ETIM ing. *holding company* (1906) 'id.' (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade apresenta 18 registros que se definem ora pela acepção um, ora pela acepção dois Aurélio 3.0 (1999), que coincide com a única acepção exibida pelo Houaiss 1.0 (2001).

Viva o **holding**! (...) Quase todos esses limites, entretanto, tendem a ser bastante reduzidos com a criação das empresas **holding**. Elas vieram transformar a estrutura de comando de capital, ao mesmo tempo que carregavam os indícios de uma possível passagem do capitalismo industrial para o capitalismo financeiro. (O QUE É BUROCRACIA)

As inscrições são somente para os filhos dos funcionários do GEQ, e irão até o dia 24 de janeiro e poderão ser feitas na sede da **holding** do GEQ ou pelo telefone 466.8602, com o coordenador de esportes Joacy Filho. (DIÁRIO DO NORDESTE)

O tratamento lexicográfico dado a unidade *home page* é mais adequado no Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl., lit., 'página original' ou 'página de base'.]

S. f. Inform.

1. Página de entrada em um site da Web, ou de outro sistema de hipertexto ou de hiperímia, que ger. contém uma apresentação geral e um índice, com elos de hipertexto que remetem às principais seções de conteúdo do site, visando facilitar a navegação pelo sistema; página inicial, página default.

[Usa-se, impr., como designação de qualquer página da Web, ou mesmo, por sinédoque, de todo um site.]

[A forma mais correta, e mais us., em ingl. é home page.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhowm pejdZ/ [ing.] *loc.subst.* (d1990) INTERN **1** página principal, de abertura de um *site*, e através da qual o programa navegador, uma vez indicado o seu endereço (URL), tem acesso ao referido *site* [No caso de haver mais de uma página, é por essa que se passa às outras.] **2** *impr.* m.q. *site* □ USO **a**) embora se use dizer *home page* por *site*, tal emprego é impróprio por se tratarem de dois conceitos diferentes **b**) *home page* tb. se traduz simplesmente por *página* no Brasil: veja a *página da nossa empresa na internet* (cf., porém, o verbete *página*, rubrica intern, neste dicionário) □ ETIM ing. *home page* (déc.1990) 'id.' < *home* 'casa; base de operações' + *page* 'página' (HOUAISS 1.0, 2001)

São encontrados três registros da unidade no Corpora Lex:

Nos equipamentos instalados, os clientes podem navegar pela **home page** do Unibanco, conhecer todos os produtos e serviços, além de efetuar operações bancárias. (...)Com esse novo formato, Fernando Borges afirma que a lista pode ser levada no carro e usada como guia da cidade. A Listel também possui um "site" na Internet com 45 mil anunciantes e também está realizando a confecção de "**home-page**" para os seus clientes. "Queremos ser o maior site de compras do País", acrescenta. (DIÁRIO DO NORDESTE)

A unidade *hot* é melhor definida pelo Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

Adj.

1. Diz-se do jazz praticado pelos grandes improvisadores negros, entre 1925 e 1930, que empregavam a escala de vibratos, os portamentos [v. portamento (1)], etc., para dar colorido ao som. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/hAt/ [ing.] *adj.* (c1920) MÚS de ritmo muito acentuado e melodia livremente improvisada (diz-se do jazz característico da década de 1920) □ ETIM ing. *hot of jazz* 'emocionalmente excitante, fortemente ritmado e com improvisações melódicas livres' (HOUAISS 1.0, 2001)

No entanto, a definição apresentada por ambos os dicionários não define as ocorrências registradas pelo Corpora:

Pão de queijo! Tem azeitona, picles, salame, provolone, sardinha. Hot-dog. (O GANHADOR)

(...) eu brigava com a Cledir, eu telefonava para as garotas da hot line, eu cheirava... (O MATADOR)

Um dos experimentos mais conhecidos em Gestalt, por ter sido muito usado por Perls, é o hot seat (assento quente). (O QUE É PSICOTERAPIA)

Conhecido como hot line, o telefone vermelho dos estadistas e chefes militares é, mais propriamente, uma cod line, pois funcionou como antitérmico, quando o calor do desentendimento político entre Washington e Moscou se fez sentir, perigosamente, nos arsenais nucleares (e ainda funciona assim). (TELEFONIA BÁSICA)

5.5 Identidade ortográfica, semelhança de definição (Houaiss é mais apropriado), ausência de registro no Corpora Lex

A definição apresentada pelo Houaiss 1.0 (2001), para a unidade *abstract*, é mais detalhada e apresenta, como na maioria dos registros do dicionário, a etimologia. O Aurélio 3.0 (1999) apresenta uma definição sintética.

[Ingl.]

S. m. Docum.

1. Resumo (AURÉLIO 3.0, 1999)

/æb'strækt/ [ing.] *s.m.* (sXX) resumo dos pontos principais de um artigo, tese, conferência etc.; sinopse □ ETIM ing. *abstract* (sXV) 'id.' < lat. *abstractus, a, um* 'separado, levado por força, abstrato'; ver *traz-* (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade léxical *airglow* é melhor definida pelo Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m. Astr.

1. Fraca luminosidade do céu, invisível ao olho humano, que é provocada pela ionização de minúsculas partículas da atmosfera; emissão atmosférica. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/E«rglow/ [ing.] s.m. ASTR tênue luminescência da atmosfera causada prov. pela dissociação de moléculas do ar com a radiação solar e sua subsequente recombinação □ GRAM pl.: *airglows* (ing.) □ ETIM ing. *airglow* (c1950) 'luz observada especialmente durante a noite, que se origina na alta atmosfera de um planeta, como p.ex. a Terra, associada a reações fotoquímicas de gases, causadas por radiação solar' (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade lexical *bush* é bem explicada pelo dicionário Houaiss 1.0 (2001), no entanto, o Aurélio 3.0 (1999) a define por sinonímia na língua de origem:

[Ingl.]

S. m. Geogr.

1. Brousse | (AURÉLIO 3.0, 1999)

/buS/ [ing.] s.m. FITOG na África oriental, em Madagascar e na Austrália, vegetação composta de mato rasteiro, de folhas reduzidas, e árvores esparsas, adaptada à aridez □ GRAM pl.: *bushes* (ing.) □ ETIM ing. *bush* (sXIV) 'arbusto, mato, área coberta por vegetação rasteira', do germ.**bosk* 'mata' (al. *Busch*) (HOUAISS 1.0, 2001)

Nenhum registro ocorre da unidade com essa acepção no Corpora; são verificados 166 registros, todos referindo-se a Geoge W. Bush.

A unidade *caddie* é apresentada de forma muito próxima em ambos os dicionários, no entanto, o Houaiss 1.0 (2001) é mais específico, definindo para a unidade um traço que é pertinente nos dicionários de língua inglesa:

[Ingl.]

S. m.

1. Atendente de golfista que, sobretudo, lhe carrega os tacos durante o jogo. [Var.: caddy.] (AURÉLIO 1.0, 1999)

/'kædi/ [ing., lit. 'cadete'] s.m. (c1900) DESP no golfe, garoto que secunda um jogador carregando-lhe os tacos □ ETIM ing. *caddie* ou *caddy* (c1730) 'auxiliar de jogador de golfe, encarregado de carregar os tacos' (HOUAISS 3.0, 2001)

A unidade léxica *comercial paper* apresenta uma definição mais adequada no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

Econ.

1. Nota promissória comercial (q. v.). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/k«'mÍrS«l pejp«r/ [ing.] *loc.subst.* qualquer título que serve para a realização de empréstimos entre empresas intermediados por bancos □ *cf. nota promissória* □ ETIM ing. *commercial paper* (1836) 'documento escrito de curto prazo, ger. negociado entre empresas, para suprir de imediato a necessidade de obter dinheiro vivo', combinação de *commercial* adj. 'relativo a comércio' e *paper* 'papel, documento escrito' (do lat. *papyrus*, pelo fr. *papier*; cp. ¹*papel*) (HOUAISS 1.0, 2001)

Há vários registros no Corpora para as unidades simples *commercial* e para *paper*, mas nenhum registro do composto *commercial paper*.

A unidade léxica *cross-country* também têm uma definição mais apropriada no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m. Esport.

1. Corrida que não se realiza em pistas convencionais, e na qual os competidores enfrentam obstáculos naturais, durante o percurso. (AURÉLIO 3.0, 1999)

'kr†s kÃntri/ [ing.] *s.m.* (d1980) DESP corrida de atletismo, ciclismo ou esqui que não tem lugar em pista tradicional, ou estrada, mas sim em um terreno rural de obstáculos naturais □ *cf. enduro* □ GRAM/USO **a**) empr. tb. apositivamente (p.ex., competição *cross-country*); **b**) esta pal. ordinariamente não se empr. no pl. □ ETIM ing. *cross-country* (1767) 'id.', comp. do v. ing. *to cross* 'cruzar' + subst. *country* 'campo, província'; ver ²*cross-*; a datação é para a acp. apos. s.m. □ SIN/VAR corta-mato (HOUAISS 1.0, 2001)

Em *delivery order* apresenta uma definição mais detalhada no Houaiss 1.0 (2001), porque sua definição está mais próxima da exibida pelos dicionários de língua inglesa contemporânea:

[Ingl., 'ordem de entrega'.]

Jur.

1. Título à ordem (endossável), que confere ao portador legitimado o direito de exigir do capitão do navio a entrega de mercadorias nele embarcadas e constantes de determinado conhecimento relacionado ao título. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/diliv«ri '†rd«r/ [ing.] *loc.subst.* JUR carta que autoriza a entrega de mercadorias □ ETIM ing. *delivery* 'entrega', der. do v. *to deliver* (1325) 'livrar' e este do fr. *délivrer* (sXIV) 'id.', do comp. lat. *deliberáre* + fr. *orne* < fr.ant. *ordre* 'ordem' (< lat. *ordo, ordinis*); ver ¹*livr-* e *ord-* (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade lexical *demarketing* apresenta uma definição mais apropriada no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

Market.

1. Estratégia de marketing us. para reduzir a demanda de produtos e serviços. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/di'mArkitiN/ [ing.] s.m. (c1975) MKT uso de estratégias de *marketing* com objetivos opostos aos do *marketing* convencional (p.ex., estimular o público a limitar o consumo de certo produto numa época de escassez do mesmo) □ ETIM ing. *de + marketing* 'id.' (HOUAISS 1.0, 2001)

A definição apresentada pelo Houaiss 1.0 (2001) para a unidade *fair play* é apropriada; a definição escolhida pelo Aurélio 3.0 (1999) foi a tradução do inglês:

[Ingl.]

S. m.

1. Jogo limpo (2). Aurélio 3.0 (1999)

/fE«r plej/ [ing.] *loc.subst.* **1** tratamento imparcial; equidade <*dirige seus empregados com f.*> **2** conformidade com as regras estabelecidas de um esporte, ramo de negócios etc.; jogo limpo <*o f. do jogador durante a temporada valeu-lhe um prêmio*> **3** *p.ext.* aceitação serena, elegante, de uma situação difícil ou adversa <*aceitou com f. o divórcio*> □ GRAM não tem pl. em ing. □ ETIM snt. ing. *fair play* (1595) 'tratamento eqüitativo ou imparcial' (inicialmente, por juízes), depois 'jogo leal' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há uma ocorrência da unidade no Corpora, mas trata-se de um troféu, um nome próprio.

A unidade *five* é definida de forma semelhante em ambos os dicionários, a identidade, nesse caso, não se dá pela presença do traço “incluindo-se o curinga” no Houaiss 1.0 (2001):

/fajv/ [ing.] s.m. LUD no jogo de pôquer, jogada em que se expõem cinco cartas de mesmo valor, incluindo-se o curinga □ ETIM red. do ing. *five of a kind* (1897) 'quatro cartas do mesmo valor mais um curinga, no jogo de pôquer'; formado do ing. *five* (a.sXII) 'cinco' + prep. *of* 'de' + art.indef. *a* 'um' + *kind* (a.sXII) 'natureza, categoria, tipo'

[Ingl., 'cinco'.]

1. No jogo de pôquer (quando joga o curinga), é o lance em que o jogador apresenta cinco cartas do mesmo valor

Todos os registros do corpora para essa unidade referem-se ao numeral cinco.

A unidade *flint-glass* é definido apropriadamente pelas duas obras, mas o Houaiss 1.0 (2001) apresenta um traço distintivo pertinente: usado para fins ópticos:

[Ingl.]

S. m.

1. Vidro com base de chumbo, de poder fortemente dispersivo e refrigerante. (Aurélio 3.0, 1999)

/flint glæs/ [ing.] *s.m.* vidro à base de chumbo, dispersivo e refringente, us. para fins ópticos □ ETIM ing. *flint-glass* (1683) 'id.', comp. de *flint* 'quartzo muito duro que produz faíscas sob o impacto de um objeto de ferro' e *glass* 'vidro' (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade léxica *freelance* apresenta definição mais explicativa no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m.

1. Trabalho avulso realizado por profissional autônomo, ger. para empresa jornalística, agência de publicidade, editora, etc.; frila.

2. Profissional que realiza freelance (1); freelancer. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/frilæns/ [ing.] *adj.2g.s.2g.* (sXX) COMN 1 diz-se de ou trabalho extraordinário, avulso, que não apresenta vínculo empregatício 2 que ou o que trabalha freq. por conta própria, oferecendo seus serviços profissionais, sem qualquer vínculo empregatício, e é remunerado por tarefa, por trabalho apresentado □ *adj.2g.* 3 não regido por contrato de longo prazo ou vínculo empregatício (diz-se de trabalho ou atividade) □ GRAM pl.: *freelances* (ing.) □ ETIM ing. *freelance* (1820) 'trabalho feito por conta própria, sem vínculo empregatício' □ SIN/VAR freelancer (HOUAISS 1.0, 2001)

O Houaiss 3.0 (2001) apresenta para a unidade *ginger ale* um maior número de informações:

[Ingl.]

Refrigerante efervescente feito com essência de gengibre. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/dZ"ndZ«r 'ejl/ [ing., lit. 'cerveja clara de gengibre'] *loc.subst.* refrigerante doce, não alcoólico, gasoso, com sabor predominante de extrato de gengibre □ GRAM pl.: *ginger ales* □ ETIM ing. *ginger ale* (1886) 'bebida carbonatada não alcoólica, sazoadada basicamente com extrato de gengibre', do ing. *ginger* 'gengibre' e *ale* 'cerveja clara, bebida fermentada' (HOUAISS 1.0, 2001)

É importante, no entanto, ressaltar que, o Houaiss 1.0 (2001) apresenta uma pequena incoerência: refrigerante é definido como bebida não-alcoólica, definição desnecessária e que pode levar o consulente a dúvida se é um refrigerante não alcoólico, pressupõe a existência de um alcoólico.

A unidade *glide* é assim definida pelos dicionários em análise:

[Ingl., 'deslize'.]

S. m. E. Ling.

1. Som de transição produzido enquanto os órgãos do trato vocal preparam a articulação do som seguinte.

2. Semivogal. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/glajd/ [ing.] *s.m.* FON 1 som de transição, não distintivo, produzido pela passagem dos órgãos fonadores e articuladores de uma posição para outra (p.ex., na fala carioca, entre uma vogal e uma chiante final é pronunciada a semivogal [i], que é

um *glide*: n[ói]s 'nós', p[ai]s 'paz' etc., por influência da chiante que, como o [i], é pronunciada perto do palato duro) **2** m.q. *semivogal* □ ETIM ing. *glide* (1596) 'ação de deslizar, em vários sentidos'; fon (1867) 'som da fala que tem características de consoante e de vogal; semivogal'; (1888) 'som de transição ouvido durante a articulação que liga dois sons fonemicamente contíguos' (HOUAISS 1.0, 2001)

Na acepção apresentada por sinonímia os dicionários estabelecem identidade, mas o Houaiss 1.0 (2001) define de forma científica.

Haboob recebe tratamento semelhante nos dois dicionários:

[Ingl.]

S. m. Met.

1. Vento forte, quente e úmido, observado no Sudão, ao longo do deserto do Saara, e a que se podem associar violentas tempestades de areia e poeira, grandes temporais e pequenos tornados. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/h«'bub/ [ing.] s.m. tempestade de areia que ocorre nos desertos do Norte da África, na Arábia e nas planícies da Índia □ ETIM ing. *haboob* (1897) 'id.' < ár. *habúb* 'vento violento, tempestade violenta' (HOUAISS 1.0, 2001)

O que os diferencia é que Houaiss 1.0 (2001) define a unidade já como tempestade, enquanto que, Aurélio 3.0 (1999), diz que é um tipo de vento que pode vir com tempestade.

A unidade *hardware* é apropriadamente definida em ambos dicionários:

[Ingl., lit., 'conjunto de peças (ger., metálicas); ferragens, maquinaria, aparelhagem'.]

S. m. Inform.

1. Componente, ou conjunto de componentes físicos de um computador ou de seus periféricos [Cf. software.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/hArdwE«r/ [ing.] s.m. **1** qualquer utensílio metálico, como ferramentas, fechaduras, dobradiças, talheres etc. **2** equipamento mecânico necessário para realização de uma determinada atividade **3** INF conjunto dos componentes físicos (material eletrônico, placas, monitor, equipamentos periféricos etc.) de um computador □ p.opos. a *software* □ ETIM ing. *hardware* (c1515) 'utensílios feitos de metal; instrumentos elétricos e eletrônicos de um veículo ou de um aparelho'; acp. de inf (1955-1960) 'id.' (HOUAISS 1.0, 2001)

Nesse caso, a diferença reside no número de acepções apresentadas para a unidade pelo Houaiss 1.0 (2001).

A unidade lexical *husky* é definida de forma muito semelhante pelas duas obras, entretanto, o Houaiss 1.0 (2001) apresenta uma descrição mais minuciosa do animal:

[Ingl.]

S. m. Cinol.

1. Raça de cão de pelagem densa, originário da região ártica do Novo Mundo.

Husky siberiano. Cinol.

1. Raça de cão desenvolvida para puxar trenó, no N.E. da Sibéria. Constitui-se de animais de porte médio, pelagem densa, em duas camadas, branca, cinza ou preta, ou, por vezes, malhada com esses três tons. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/hãski/ [ing.] s.m. CINOL cão de raça siberiana, de olhos azuis e pelagem densa, bege e negra □ h. siberiano CINOL husky de tamanho médio, desenvolvido na Sibéria, muito us. para arrastar trenó □ GRAM pl.: *huskies* (ing.) □ ETIM ing. *husky* (1852) 'id.', adp. do *cree* [língua algonquina do Canadá central] *Huskemaw* 'esquimó' (HOUAISS 1.0, 2001)

As duas obras definem de forma muito semelhante a unidade *irish coffee*, mas Houaiss 1.0 (2001) apresenta uma definição mais específica:

[Ingl.]

S. m.

1. Café (2) com uísque e creme de leite. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'ajriS 'kɔfi/ [ing., lit. 'café irlandês'] loc.subst. (d1950) CUL café quente a que se adiciona uísque irlandês, açúcar e creme de leite □ ETIM ing. *irish* 'irlandês' + *coffee* 'café' (HOUAISS 1.0, 2001)

5.6 Identidade ortográfica, semelhança de definição (Aurélio é mais apropriado), ausência de registro no Corpora Lex

Ao observar a apresentação do verbete *backing vocal* em cada um dos dicionários em análise, tem-se a impressão de ser do Houaiss 1.0 (2001) a definição mais completa, no entanto, essa impressão se desfaz após uma leitura mais atenta. Apesar de apresentar uma definição mais explicativa, o Houaiss 1.0 (2001) peca por restringir a presença do *backing vocal* apenas a um solista:

[Ingl.]

Mús.

1. Acompanhamento vocal. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'bæk"N 'vowk«l/ [ing.] loc.subst. (sXX) som de vozes, ger. em segundo plano, que acompanha um solista, num arranjo musical □ GRAM pl.: *backing vocals* (ing.) □ ETIM ing. *backing* 'o que faz de fundo' (1793) + *vocal* 'música feita com voz(es) humana(s)' (1582); a loc. é do sXX (HOUAISS 1.0, 2001)

A definição dada pelos dicionaristas Aurélio 3.0 (1999) e Houaiss 1.0 (2001) parece ter identidade, no entanto, o Aurélio 3.0 (1999), além de mais explicativo deixa clara uma

característica da bebida *bitter*, ela é alcoólica. O Houaiss diz que geralmente a bebida é alcoólica, podendo, desse modo, não o ser.

[Ingl.]

S. m.

1. Bebida alcoólica feita com ervas, raízes, etc., amargas, us. em aperitivos, no gim, em molhos, etc., ou como estimulante do apetite, digestivo, etc. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbɪtə/ [ing.] s.m. (1871 cf. DV) bebida aperitiva amarga, ger. alcoólica □ f.aport.: *bíter* □ ETIM ing. *bitter* (a.sXII) 'amargo'; f.hist. 1871 *bítter* (HOUAISS 1.0, 2001)

No caso da unidade *brunch*, os dois dicionários apresentam uma definição bastante semelhante, apenas um traço a mais é apresentado pelo Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl. br(eakfast) + (l)unch.]

S. m.

1. Refeição farta e substanciosa, ingerida esp. nos fins de semana e feriados, e que substitui o desjejum e o almoço. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/brʌntʃ/ [ing.] s.m. CUL refeição matinal que serve ao mesmo tempo de desjejum e almoço □ GRAM pl.: *brunches* (ing.) □ ETIM ing. *brunch* (1896) 'id.', braq. de *br(eakfast)* 'desjejum' e *(l)unch* 'almoço' (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade *byte* é apresentada em ambos os dicionários com uma aceção comum e, no caso do Aurélio 3.0 (2001), uma segunda aceção: unidade usada para medir a capacidade de uma memória:

[Do ingl. b(inar)y te(rn), 'termo binário'.]

S. m. Inform.

1. Seqüência constituída de um número fixo de bits adjacentes, considerada como a unidade básica de informação, e cujo comprimento geralmente é constituído de 8 bits; octeto.

2. Unidade de quantidade de informações, equivalente a 8 bits, us. (ger. na forma de seus múltiplos, kilobyte, megabyte e gigabyte) na especificação da capacidade de memória de computadores, tamanho de arquivos, etc.

[Abrev.: B.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/baɪt/ [ing.] s.m. (1959) INF conjunto de *bits* adjacentes, ger. constituído por oito *bits*, que forma a unidade de informação, us. para representar um caractere [símbo.: B] □ f.aport.: *baite* □ GRAM pl.: *bytes* (ing.) □ ETIM ing. *byte* (1959) forjado como t.cien. do ing. *bite* 'mordida, dentada, corte' (HOUAISS 1.0, 2001)

Ao definir a unidade *call-girl*, o dicionário Houaiss 3.0 (2001), deixou margem a uma dupla interpretação:

[Ingl.]

S. f.

1. Prostituta que marca os encontros por telefone. (AURÉLIO 3.0, 2001)

/kʰl gʷrl/ [ing., lit. 'moça de chamado'] *s.f.* (1940) prostituta que atende seus clientes pelo telefone □ GRAM pl.: *call-girls* (ing.) □ ETIM ing. (origin. n.-am.) *call girl* (1940), mesmo sentido, de *call* 'ato de chamar, chamada, telefonema' e *girl* 'menina, moça; garota' (HOUAISS 1.0, 2001)

Desse modo, o consulente pode alimentar uma dúvida: o atendimento é feito pelo telefone ou marca-se o atendimento pelo telefone?

Quanto a grafia, o Houaiss 1.0 (2001) apresenta a idêntica a da língua de origem: *call-girl* e o Aurélio 3.0 (1999) apresenta a forma não hifenizada.

No caso da unidade *camcorder*, o que diferencia a definição dos dois dicionários é que, o Houaiss privilegia o lado TV do aparelho em questão, enquanto que, na verdade, a principal função do eletrodoméstico é a gravação de imagens:

[Abrev. do ingl. camera recorder.]

S. f.

1. Câmara portátil de vídeo com gravador de VT embutido. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/kæmkʰrdæ/ [ing.] *s.f.* (1982) TV câmera leve, portátil, que incorpora sistemas de gravação e reprodução de imagens e sons □ ETIM ing. *camcorder* (1982) 'id.', de *camera* 'câmera' + *recorder* 'gravador' (HOUAISS 1.0, 2001)

Assim como a unidade *CD* (que será analisada no item 5.9), uma outra unidade pertencente ao mesmo campo semântico mostra uma definição com maior adequação no Aurélio 3.0 (1999). O Houaiss 1.0 (2001) restringe a gravação de *CD-R* ao computador, o que o deixa essa definição menos adequada do que o do outro dicionário. Desse modo, a diferença ocorre pelo distinto emprego da preposição no Houaiss 1.0 (2001), para e, no Aurélio 3.0 (1999) em:

Tipo de CD (q. v.) virgem, que pode ser us. pelo usuário para gravação de dados para computador; CD gravável. (AURÉLIO 3.0, 1999)

[ing.] *s.m.* (d1984) INF tipo de *compact disc* que pode ser us. para gravar informações (textos, imagens e sons) em computador □ cf. *CD-ROM* □ ETIM acrônimo do ing. *recordable compact disc*, lit. 'disco compacto gravável' (HOUAISS 1.0, 2001)

Ao analisar a unidade *design* em ambos os dicionários a definição apresentada pelo Aurélio, apesar de mais simples, é mais adequada. Talvez, por um excesso de explicações e exposição de detalhes, o Houaiss 1.0 (2001) apresenta uma definição mais restrita.

[Ingl.]

S. m.

1. Concepção de um projeto ou modelo; planejamento.
2. O produto desse planejamento.
3. Restr. Desenho industrial.
4. Restr. Desenho-de-produto.
5. Restr. Programação visual. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/di'zajn/ [ing.] *s.m.* DES.IND **1** a concepção de um produto (máquina, utensílio, mobiliário, embalagem, publicação etc.), esp. no que se refere à sua forma física e funcionalidade **2** *p.met.* o produto desta concepção **3** *p.ext.* (*da acp. 1*) m.q. **desenho industrial** **4** *p.ext.* m.q. **desenho-de-produto** **5** *p.ext.* m.q. **programação visual** **6** *p.ext.* m.q. **desenho** ('forma do ponto de vista estético e utilitário' e 'representação de objetos executada para fins científicos, técnicos, industriais, ornamentais') □ d. gráfico DES.IND GRÁF conjunto de técnicas e de concepções estéticas aplicadas à representação visual de uma idéia ou mensagem, criação de logotipos, ícones, sistemas de identidade visual, vinhetas para televisão, projeto gráfico de publicações impressas etc. □ ETIM ing. *design* (1588) 'intenção, propósito, arranjo de elementos ou detalhes num dado padrão artístico', do lat. *designāre* 'marcar, indicar', através do fr. *désigner* 'designar, desenhar'; ver *sign-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Partindo dos dicionários de língua inglesa, a unidade léxica *desktop* é melhor definida pelo Aurélio:

[Ingl., lit., 'tampo de mesa de trabalho'.]

S. m. Inform.

1. Microcomputador de mesa, não portátil.
2. Interface gráfica (q. v.) básica de alguns sistemas operacionais, baseada numa analogia entre o ambiente apresentado na tela do computador e o espaço, objetos e procedimentos típicos numa mesa de trabalho.
Desktop publishing. Inform.
3. V. editoração eletrônica (AURÉLIO 3.0, 1999)

/dEsktAp/ [ing.] *s.m.* (*déc.1960*) parte da interface gráfica de sistemas operacionais que exhibe, no vídeo, representações de objetos usualmente presentes nas mesas de trabalho, como documentos, arquivos, pastas e impressoras □ sugere-se, em seu lugar, a locução *área de trabalho* □ ETIM ing. *desktop* (1929) 'tampo de mesa; mesa de escritório simulada por computador; computador de mesa' (HOUAISS 1.0, 2001)

Isso ocorre porque o Aurélio registra as mesmas acepções encontradas nos dicionários de língua inglesa. É importante ressaltar ainda que, ao comparar apenas a acepção comum aos dois dicionários, verifica-se uma maior adequação naquela exibida pelo Houaiss 1.0 (2001).

A unidade léxica *dolly* é apresentada de forma simples e adequada no Aurélio 3.0 (1999). O Houaiss 1.0 (2001) apresenta na acepção dois um sinônimo, que na verdade apenas pertence ao mesmo campo semântico:

[Ingl.]

S. m. Cin. Telev.

1. Carrinho us. para movimentar câmara ou microfone. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈdʌli/ [ing.] *s.f.* **1** CINE TV pequeno veículo ou plataforma, ger. equipados com rodas ou roldanas, us. para movimentar uma câmara de cinema ou de televisão; carrinho **2** *p.ext.* m.q. **travelling** □ GRAM/USO pl.: *dollies* □ ETIM ing. *dolly* 'bonequinha; plataforma sobre rodas'; adp. na acp. do v. *to dolly* (1878) 'mover ou transportar sobre um *dolly*; mover uma câmara de cinema ou de televisão durante a tomada de uma cena' (HOUAIS 1.0, 2001)

Freeware é adequadamente definido pelas duas obras em análise, mas Aurélio apresenta uma informação mais completa:

[Ingl., de free, 'livre, gratuito', + (soft)ware (q. v.).]

1. Programa de computador oferecido gratuitamente pelo seu autor, em geral disponível na Internet para download. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/friwE«r/ [ing.] *s.m.* (sXX) INF programa de computador posto gratuitamente à disposição dos usuários □ GRAM pl.: *freewares* (ing.) □ ETIM ing. *freeware* 'id.', de *free* 'livre' + *ware* 'produto eletrônico us. em computador' (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade léxica *hang five* apresenta uma definição mais simples e acessível aos consulentes no Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m. Surf. (AURÉLIO 3.0, 1999)

1. Manobra em que o surfista coloca os dedos de um dos pés no bico da prancha.

/ˈhæN' fəjv/ [ing.] *loc.verb.* DESP no surfe, manobrar a prancha com o corpo inclinado para a frente, tendo os dedos do pé que está adiante dobrados sobre a borda da prancha □ ETIM ing. *hang five* 'id', do v. (*to*) *hang* 'pendurar, suspender; enforcar; fazer uma curva, ao dirigir; curvar, pender; fixar' + *five* 'cinco', em alusão à posição dos dedos do pé para fora da prancha (HOUAISS 3.0, 1999)

A unidade *happy few* exibe uma definição mais adequada no Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

1. Os poucos felizes; a elite intelectual. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhæpi 'fju/ [ing.] *loc.subst.* conjunto de poucos privilegiados □ ETIM ing. *happy* 'feliz, afortunado' + *few* 'poucos, raros' (HOUAISS 3.0, 1999)

5.7 Identidade de definição, diferença ortográfica e registro no Corpora Lex

Para o substantivo *airbag* são apresentadas definições semelhantes nos dicionários analisados, no entanto, a ortografia é distinta: *airbag* (AURÉLIO 3.0, 1999) ; *air bag* (HOUAISS 1.0, 2001).

[Ingl.]

S. m.

1. Saco fixo que infla automaticamente à frente dos passageiros de um veículo automóvel, impedindo que, em caso de acidente, estes sejam atirados contra as partes sólidas do carro. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'Eʌrbæg/ [ing.] loc.subst. (1969) bolsa de ar inflável us. como equipamento de segurança em veículos, acionada automaticamente para proteger o passageiro em caso de colisão; balão de ar □ GRAM pl.: *air bags* (ing.) □ ETIM ing. *air bag* (1969) 'equipamento de segurança de veículos desenhado para inflar automaticamente na frente de um ocupante em caso de colisão' (HOUAISS 1.0, 2001)

No Corpora Lex, vários foram os registros encontrados para a unidade lexical *air*, sendo a maioria, no entanto, nomes próprios de companhias aéreas. Apenas um registro foi encontrado dessa unidade lexical formando o composto *air bag*. Veja:

O principal foco do levantamento são as empresas com atuação em eletrônica embarcada, que são componentes inseridos no carro, como ignição eletrônica e **air bag**, acionados eletronicamente de forma inteligente. (AGORA PARANÁ)

No caso da unidade *black-tie*, Aurélio 3.0 (1999) registra apenas o substantivo composto hifenizado, definindo-o por sinonímia. Enquanto que, o Houaiss 1.0 (2001), dá a entrada ao adjetivo (forma hifenizada), mas em sua definição explica o uso diferenciado entre a unidade hifenizada e a outra.

[Ingl.]

S. m.

1. Smoking (q. v.). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'blæk 'tʃ/ [ing.] s.m. (1933) VEST ver **smoking** □ GRAM pl.: *black ties* (ing.); em inglês, a loc. (sem hífen) é um subst. com os sentidos de 'gravata preta' e '*smoking*'; a forma composta *black-tie* é um adj. (p.ex.: *a black-tie party* 'uma festa que exige *smoking*') □ ETIM ing. *black tie* (1933) do adj. *black* 'preto, negro' + *tie* por *necktie* 'gravata' (HOUAISS 1.0, 2001)

Apenas um registro é encontrado no Corpora e, partindo das considerações acima pode ser questionado quanto a sua ortografia.

Estamos ou não estamos numa democracia? Gente de roupa esporte, de **black-tie** e longo, de fantasia. (REALIDADE)

A unidade *check-up* é apresentada hifenizada pelo Aurélio 1.0 (1999) , como é registrada em sua língua de origem, e sem hífen pelo Houaiss 3.0 (2001). Apesar da diferente organização dada a definição dentro do verbete, a unidade apresenta identidade definitória nos dois dicionários.

[Ingl.]

S. m.

1. Med. Um completo exame de saúde, seja com objetivo profilático, seja para investigar o significado e a extensão de algum indício de doença.
 2. P. ext. Exame de saúde geral.
 3. Fig. Diagnóstico, análise, de (situação, organização, etc.).
- [Sin. (acepç. 1 e 2): vistoria clínica.]

/tSEkÃp/ [ing.] *s.m.* (1921) **1** MED exame médico minucioso que inclui, p.ex., inspeção clínica, exames laboratoriais e radiológicos, realizado esp. com finalidade profilática **2** *p.ext.* exame profundo ou análise detalhada para verificação de um fato, de uma situação, de um funcionamento <*c. de um automóvel*> **3** *fig.* <*o c. da saúde política nacional*> □ ETIM ing. *checkup* (1921) 'exame, verificação, vistoria; med exame físico geral', der. do v. *to check* 'conferir, comparar, examinar, inspecionar, fiscalizar' □ SIN/VAR (aport.) *checape*

As oito ocorrências privilegiam a forma hifenizada:

Embaixador foi ao hospital onde Eduard estivera internado. Conversou com o diretor, explicou o problema do filho, e solicitou que - a pretexto de um **check-up** de rotina - fizessem um exame de sangue para detectar a presença de drogas no organismo do rapaz. (VERÔNICA DECIDE MORRER)

Para manter seu guarda-roupa sempre em dia, cada vez em que mudar a estação, você deve fazer um **check-up** em seu guarda-roupa. (CURSO BÁSICO DE CORTE E COSTURA)

Prefeito Juraci fez **check-up** em Recife e está em plena forma. Diariamente anda a pé dezenas de quilômetros mostrando que ainda tem fôlego de gato (DIÁRIO DO NORDESTE)

Regular o tempo de abertura de portas, ativar e desativar módulos operacionais, realizar ajustes com absoluta precisão, monitorando o sistema de forma total. A unidade remota de monitoração proporciona um **check-up** completo no próprio ambiente, e economiza tempo e dinheiro em manutenção. (VEJA)

5.8 Semelhança de definição, diferença ortográfica e registro no Corpora Lex

A unidade lexical *blow-up* apresenta uma definição semelhante, e o Houaiss 1.0 (2001) registra uma acepção não registrada pelo Aurélio 1., (1999)

[Ingl.]

S. m. Fot.

1. Ampliação de detalhe de uma fotografia.

/ˈblɔwˌʌp/ [ing.] s.m. **1** FOT ampliação fotográfica **2** CINE conversão de filmes cinematográficos de uma bitola para outra maior □ GRAM pl.: *blowups* (ing.) □ ETIM ing. *blowup* (1807) 'ampliação fotográfica', ligado ao ing.ant. *bláen* 'soprar, distender por meio de sopra'

Quanto à ortografia da unidade, a do Aurélio, com hífen, é a mesma da utilizada na língua de origem da unidade.

Aurélio 3.0 (1999) apresenta a unidade *blue jean* e a unidade *blue jeans*:

blue jean

[Ingl.]

1. Ganga2 azul-índigo, usada, ger., em roupa esportiva. (AURÉLIO 3.0, 1999)

blue jeans

[Ingl.]

1. Calça de blue jean.
[Tb. se diz apenas jeans.] (HOUAISS 1.0, 2001)

Houaiss 1.0 (2001) faz registro apenas da unidade *blue jeans*, apresentando em sua etimologia a unidade *jean*, singular. Sua definição é, nesse caso, mais adequada:

/ˈbluːdʒiːnz/ [ing.] loc.subst. (sXX) **1** TÊXT m.q. *jeans* **2** VEST tipo de calças confeccionadas em tecido *jeans* azul e com costura reforçada e aparente **3** p.ext. VEST qualquer peça de vestuário confeccionada com esse tecido □ nas acp. 2 e 3, tb. se diz apenas *jeans* □ GRAM pl.: *blue jeans* (ing.) □ ETIM ing. *blue jeans* (1901), 'calças de brim azul', formado de *blue* 'azul' + *jeans*, redução da loc. *jean fustian* 'fustão (ou brim) genovês', der. do top. *Genoa* 'Gênova' (Itália), cidade onde se produzia esse tipo de tecido grosso de algodão; o adj. *jean* (às vezes tb. no pl. *jeans*), tornado subst.com., p.met. passou a significar aquele tecido e, tb. p.met., as calças feitas com esse tecido (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade apresenta cinco registros no Corpora, sendo todas da Literatura Jornalística:

As crianças procuraram um estilo delas, do **blue jeans** aos cabelos longos, que imaginavam contestação, enquanto os fabricantes de jeans e outros produtos da contracultura, como a bolinha, diziam "Business as usual", ou "Caixinha, obrigado". (FOLHA DE SÃO PAULO)

O frio, cínico, calculista e carreirista Guilherme de Pádua Thomaz, michê, expert em representar papéis violentos em peças com temas gays, como Pasolini, Vida e Morte "Querelle", "**Blue Jeans**" (quando dividiu o camarim com o ator Maurício Mattar e não se cansava de lhe admirar o pênis) e a curta passagem de vinte dias pelo show erótico "A Noite dos Leopardos" (INTERVIEW)

(...)os ex-movimentos hippies, a defesa da ecologia e o uso de **blue-jeans** velhas e desbotadas -- que se transformaram, graças à publicidade, em sinônimos de liberdade. (ISTO É)

Chego à cidade num dia de festa : é o aniversário da Revolução de noventa e dez . Os rancheros de hoje vestem **blue-jeans** e Western jackets (REALIDADE)

A unidade *CD* é melhor definida pelo Aurélio 3.0 (1999):

[Sigl. do ingl. compact disc.]

1. Disco óptico (q. v.) us. para armazenamento digital de áudio (v. CD-DA) ou de dados e aplicações para computador (v. CD-ROM), de diâmetro pequeno (cerca de 12cm) e em que a gravação de dados é feita apenas numa face, em superfície metalizada com camada de prata. [Tb. se diz disco a laser.]

2. P. ext. Equipamento para reprodução do CD de áudio. (AURÉLIO 1.0, 1999)

[Ger. com cap.]

[ing.] (1983) sigla de *compact disc* (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade é apresentada com grafia minúscula pelo Aurélio 3.0(1999) e com grafia maiúscula pelo Houaiss 1.0 (2001).

Como se pode observar, no Houaiss 1.0 (2001), essa definição é feita por sinonímia e fica clara após a consulta de *compact disc* (unidade não registrada no Aurélio):

/ˈkɔmpækt dˈsk/ [ing.] *loc.subst.* (1983) disco de aproximadamente 12 cm de diâmetro, no qual informações, músicas, sons etc. são digitalmente gravados para serem lidos (escaneados e decodificados) por um feixe de raios *laser*, e, então, transmitidos a um sistema de reprodução sonora, a um computador ou a um televisor [sigla: *CD*] □ cf. *DVD*, *CD-R*, *CD-ROM*, *disco compacto* e *videodisco* □ GRAM pl.: *compact discs* □ USO emprega-se mais a sigla (AURÉLIO 3.0, 1999)

Quanto ao uso, as duas unidades mostram-se recorrentes no Corpora, sendo 173 registros para a unidade *CD* e dois para *compact disc*:

Esse perfil é ainda mais óbvio se for levada em consideração a média de preços de outro produto da indústria cultural mundial: o compact disc, ou **CD**, tido como a grande revolução da indústria fonográfica. (...) Variedade - Na loja 2001 do Conjunto Nacional, o gerente Antônio Paulino Cândido, conta que, antes do **CD**, (...)caprichosas, atrás da qualidade dos produtos estrangeiros. Já houve até quem encomendasse o **CD** importado do último trabalho da Marisa Monte, o Mais, só porque dizia que a qualidade do **CD** estrangeiro(...) (CORREIO BRASILIENSE)

Ao lado de outras oito bandas de diferentes estados brasileiros, a banda gravará um CD demo, com duas músicas e 50 cópias. (...)O **CD** está nas lojas. (...) História de Trancoso Uma dessas semanas, o Governo do Estado ostentava nos jornais "a glória" de haver industrializado o interior do Ceará. (...)O lançamento de um **CD** e

show cultural também marcaram a programação, no último domingo, em Santana do Acaraú. (DIÁRIO DO NORDESTE)

Esse perfil é ainda mais óbvio se for levada em consideração a média de preços de outro produto da indústria cultural mundial: o **compact disc**, ou CD, tido como a grande revolução da indústria fonográfica. (CORREIO BRASILIENSE)

Os outros dois discos digitais para informática têm qualidades que transcendem o volume de informações. O CDI (**Compact Disc** Interactioion) possui, como acessório, o sistema de áudio, e pode ser empregado de maneira semelhante ao ROM. (ISTO É)

A unidade lexical *disco-music* é definida pelos dois dicionários:

[Ingl.]

S. f. Mús.

1. Tipo de música popular dos anos 1970, caracterizada pela batida repetitiva, forte e acelerada, ger. acompanhada de efeitos sonoros eletrônicos. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'diskow 'mjuzik/ [ing.] loc.subst. (1976) MÚS gênero de música dançante de estilo popular, caracterizado por letras redundantes, sons eletrônicos e ritmo eletrizante, que foi divulgado esp. pelas discotecas □ ETIM *disco* 'discoteca' + *music* 'música'; ver *disc(i/o)*- (HOUAISS 1.0, 2001)

Quanto à definição, ela se diferencia porque, apesar de apresentarem a mesma quantidade de traços definitórios, o Houaiss apresenta um traço que não é registrado pelo Aurélio 3.0 (1999) – música divulgada pelas discotecas - , assim como o Aurélio apresenta um traço não apresentado no Houaiss 1.0 (2001) - música comum nos anos 70.

Houaiss 1.0 (2001) registra a forma sem hífen, enquanto que Aurélio 3.0 (1999) registra a forma hifenizada, como aparece nas quatro ocorrências registradas no Corpora:

Em 1984, Giorgio Moroder (o espertalhão que inventou a **disco-music**) coloriu o filme por cromatização, acrescentou uma trilha sonora com roquinhos de segunda e o relançou. O resultado ficou muito aquém do original em preto e branco, mas o filme pelo menos pode ser visto por uma geração que não o conhecia. (falta bibliog.)

Grillroom é apresentado de maneira mais explicativa no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m.

1. Sala de restaurante em que as carnes e os peixes são grelhados à vista do freguês. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'grilrum/ [ing.] s.m. (d1910) 1 no restaurante, lugar em que as carnes e os peixes são grelhados à vista do freguês **2** restaurante cuja especialidade é preparar e servir carnes grelhadas **3** restaurante ou sala de refeições informal (esp. em um hotel) □

ETIM ing. *grillroom* (1883) 'restaurante ou lanchonete informal', de *grill* 'grelha' e *room* 'sala' (HOUAISS 1.0, 2001)

Quanto à grafia, a forma é hifenizada somente no Aurélio 3.0 (2001).

A unidade *hangten* apresenta uma definição mais apropriada no Aurélio, por ter essa uma linguagem mais clara parece acessível a consulentes de diferentes conhecimentos de mundo:

[Ingl.]

S. m. Surf.

1. Manobra em que o surfista coloca os dedos dos pés no bico da prancha. . (AURÉLIO 3.0, 1999)

/hæN 'tEn/ [ing.] *loc.verb.* DESP no surfe, manobrar a prancha com o corpo inclinado para a frente, tendo os dedos dos dois pés dobrados sobre a borda da prancha □ ETIM ing. *hang ten* 'id', do v. (*to*) *hang* 'pendurar, suspender; enforçar; fazer uma curva, ao dirigir; curvar, pender; fixar' + *ten* 'dez', em alusão à posição dos dedos dos pés para fora da prancha (HOUAISS 1.0, 2001)

Aurélio 3. 0 (1999) registra as unidades que formam o composto separadas: *hang ten*.

A unidade *horse power* apresenta uma diferença ortográfica entre o Aurélio 3.0 (1999) – *horse-power* – e o Houaiss 1.0 (2001)- *horsepower*:

[Ingl.]

S. m. 2 n.

1. Unidade de medida de potência igual a 746 W.
2. 2. Unidade de medida de potência igual a 735,499 W para o HP métrico [símb.: HP] . (AURÉLIO 3.0, 1999)

/h†rs 'paw<ɑr/ [ing.] *s.m.2n.* FÍS METR unidade de potência na Inglaterra que equivale aproximadamente a 745,7 W (símb.: *HP*) □ ETIM ing. *horsepower* (1806) 'id.', de *horse* 'cavalo' e *power* 'força, potência' (HOUAISS 3.0, 1999)

A definição apresentada pelo Aurélio 3.0 (1999) parece mais clara.

5.9 Semelhança de definição (um dos dicionários apresenta uma definição mais completa ou um número maior de informações), diferença ortográfica e ausência de registro no Corpora Lex

A unidade lexical *backup*⁸ é registrada por ambos os dicionários, mas ortograficamente não há identidade entre esses registros. O dicionário Houaiss 1.0 (2001) considera a possibilidade da unidade vir grafada com hífen; segundo Houaiss a unidade é grafada como em sua língua de origem; tal afirmação não é confirmada em nenhum dos dois dicionários utilizados para eventuais dúvidas durante a pesquisa⁹.

Quanto à definição, o Aurélio 3.0 (1999) mostra-se mais completo, pois além da acepção registrada pelo Houaiss (cópia de um arquivo armazenada para caso de perda do original) registra, também, a definição da unidade enquanto procedimento para recuperação de um arquivo perdido.

[Ingl., 'substituto, reserva'.]

S. m. Inform.

1. Procedimento, método ou unidade empregados em caso de falha do procedimento, do método ou da unidade do computador original ou principal.

2. Cópia de um arquivo, que é guardada como reserva para o caso de destruição ou inutilização do arquivo original; cópia de segurança.

[Tb. usado adjetivamente, após um substantivo, e ligado ou não a este pela preposição de.]

[F. aport.: becape.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'bæk ˈɒp/ [ing.] s.m. (1951) INF ver *cópia de segurança* (...) Rubrica: informática. cópia de um arquivo, ou de um conjunto de arquivos, feita para preservar os dados, em caso de dano ou destruição do original; becape □ f. aport.: *becape* □ GRAM **a**) pl.: *back-ups* (ing.) **b**) em inglês, tb. grafado sem hífen □ ETIM ing. *back-up* (1951) 'o que serve como substituto ou suporte', substv. do verbo (*to*) *back up* 'reter, armazenar' (HOUISS 1.0, 2001)

A unidade lexical *banana-split* é registrada com hífen pelo Aurélio 3.0 (1999) e sem o hífen no Houaiss 1.0 (2001). Quanto à definição, ambas se assemelham muito, no entanto, o Houaiss 1.0 (2001) apresenta um número maior de informações. Não há nenhum registro da unidade no Corpora.

[Ingl.]

⁸ Optou-se por grafar *backup* como nos dicionários de língua inglesa.

⁹ Tanto no Dicionário Inglês-Português Michaelis como no Dicionário de Língua Inglesa Longman a unidade lexical *backup* é assim grafada.

S. m.

1. Banana partida ao meio, acompanhada de sorvete, creme chantilly, nozes ou castanhas de caju picadas, calda de chocolate ou morango, etc.; banana-real. [Pl.: bananas -split.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ba'næn« spl''t/ [ing.] s.m. (1920) CUL m.q. **banana-real** ('sobremesa') □ GRAM pl. *bananas split* (ing.) □ ETIM ing. *banana split* (1920) 'sorvete servido sobre fatias de banana e coberto com calda' (lit. 'banana cortada'), formado de *banana* e *split*, do v. *to split* 'quebrar, separar, partir ou cortar no sentido longitudinal' (HOAUISS 1.0, 2001)

5.10 Ausência de identidade na definição, identidade ortográfica e registro no Corpora Lex

A unidade lexical *beat* é registrada por ambos os dicionários, entretanto, não há identidade na definição:

[Ingl.]

Adj. 2 g. e 2 n.

1. Relativo aos beatniks (q. v.), ou próprio deles.
2. Da beat generation, movimento que surgiu nos E.U.A. nos anos 50, formado por jovens artistas e intelectuais que se declaravam contra o modo de vida burguês e os valores da sociedade de consumo, ou relativo a esse movimento.

S. 2 g.

3. Beatnik. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/bit/ [ing.] s.m. MÚS **1** andamento rítmico pronunciado, principal característica do jazz **2** compasso quaternário acentuado, principal característica do rock □ GRAM pl.: *beats* (ing.) □ ETIM ing. *beat* (1615) 'pancada, batida, golpe, pulsação', regr. do v. *to beat* (a.sXII) 'bater, golpear, abater, derrotar' (HOAUISS 1.0, 2001)

Ao recorrer ao Corpora Lex, verifica-se seis ocorrências, sendo duas delas com a acepção. apresentada pelo Hoauiss 1.0 (2001) e as outras como a apresentada pelo Aurélio 3.0 (1999):

Esse espírito libertário e questionador da racionalidade ocidental, que viria a marcar tão fortemente isto que ficou conhecido como a contracultura, já se anunciava nos Estados Unidos, desde os anos 50, com uma geração de poetas - a **beat** generation - que produziu um verdadeiro símbolo do fenômeno com o poema "Howl" (Allen Ginsberg, 1956) (...) É no interior desta geração de rebeldes marginalizados dos bairros boêmios que surge a poesia **beat**, à qual se ligam nomes como Allen Ginsberg, líder e inspirador do flower power (o poder da flor) dos anos 60.(O QUE E CONTRACULTURA)

Uma mistura, interessante, dos instrumentos experimentais de Jorge Pombo aos sons eletrônicos de Jorge Simpson, sem deixar de fora o **beat** jazzístico de Marco Antônio Grijó e o som andino e caribenho de Renato Pablo. São quatro performances individuais que se juntam para atacar com um diálogo inteirado. (A GAZETA VITÓRIA)

Não há identidade na definição da unidade léxica *girl* nas obras lexicográficas em estudo:

[Ingl., 'moça'.]

S. f.

1. Corista de teatro ou cinema. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/gîrl/ [ing.] s.f. vedete de teatro ou cinema □ ETIM ing. *girl* (sXIV) 'criança do sexo feminino; moça solteira; mulher, solteira ou casada, de qualquer idade' (HOUAISS 1.0, 2001)

Analisando os 13 registros encontrados no Corpora, pode-se concluir que é a definição apresentada Aurélio 3.0 (1999) a que se encontra contextualizada:

A definitiva **girl** next door, cuja efigie loura, sardenta e lindamente dentuça só faltou sair em selos e moedas comemorativos da época. Grandes tempos. (SAUDADES DO SÉCULO XX)

Nunca param; e correm quando os outros param. E vivem atentos ao minuto exato, a esse instante que, fora de tempo pode transformar o sorriso belo da "show **girl**" num horrível berro de justificado pânico. (VIDA DOMÉSTICA)

5.11 Definição remissiva em uma das obras lexicográficas; registro no Corpora Lex

O Aurélio 3.0 (1999) apresenta uma definição remissiva para a unidade *blazer*. O Houaiss apresenta uma definição explicativa e que, certamente, esclarecerá qualquer consulente:

[Ingl.]

S. m.

1. Japona¹ (2) (q. v.). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'blejz«t/ [ing.] s.m. VEST 1 casaco esporte, ger. de flanela azul-marinho ou preta (antigamente em listras coloridas) 2 B casaco ou paletó esporte de dois ou três botões, feito de tecido leve □ GRAM pl.: *blazers* (ing.) □ ETIM ing. *blazer* (1635) 'paletó esporte de cores vivas' (acp. d1880) der. do verbo *to blaze* 'brilhar' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há seis ocorrências no corpora:

Estava acompanhada de um homem calvo, de meia idade, ar esportivo e saudável, com um **blazer** azul-marinho e camisa de seda de gola aberta. (A FACA DE DOIS GUMES)

O mais alto traja um **blazer** azul-marinho com botões dourados, e usa gel nos cabelos grisalhos. (ESTORVO)

Tudo começou por volta das oito horas de ontem, quando PMs da viatura **Blazer** CP-671 capturaram Erivaldo Pereira Moreira e José Vicente Holanda Pastor, o 'Galego', na Avenida E daquele conjunto habitacional. (DIÁRIO DO NORDESTE)

O Houaiss 1.0 (2001) apresenta uma definição remissiva para a unidade *blizzard*. A definição do Aurélio 3.0 (1999) é simples, mas satisfatória.

[Ingl.]

S. m.

1. Furacão de vento e neve que, com frequência, obscurece a paisagem polar. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈblɪzərd/ [ing., lit. 'lampejo'] s.m. (d1830) MET ver **blizar** □ GRAM pl.: *blizzards* (ing.) □ ETIM ing. dial. *blizzer, blizzom* (1830) 'brilho' (HOUAISS 1.0, 2001)

Duas ocorrências são registradas dessa unidade no Corpora:

Sapin Jaloustre definiu o poder de resfriamento do **blizzard** como a quantidade de calor que o vento faz com que dado corpo com uma temperatura dada perca na unidade de tempo(...) No caso de um pingüim Adélia completamente coberto de neve em uma massa arrastada pelo vento a -20°C, o poder de resfriamento será de 0,6cal/s, ao passo que chegará a 19 cal/s, ou seja, 32 vezes mais, no **blizzard** que sopra a 144km/h no alto da torre meteorológica. (ECOLOGIA GERAL)

A definição dada a unidade *budget* pelo Aurélio 3.0 (2001) é bastante apropriada, mas no Houaiss 1.0 (2001) essa definição é remissiva.

[Ingl. (< fr. ant. bougette, 'pequena bolsa de couro').]

S. m.

1. Cálculo das receitas e despesas de um Estado ou de uma comunidade qualquer (em geral), e, p. ext., de um particular; orçamento. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbʌdʒɪt/ [ing.] s.m. ECON COM m.q. **orçamento** □ ETIM ing. *budget* (sXV), do m.ing. *bowgette* emprt. ao fr. *bougette*, dim. de *bouge* 'bolsa de couro', do lat. *bulga,ae* 'bolsa de couro', de orig. céltica (HOUAISS 1.0, 2001)

Há um registro da unidade no Corpora:

Tudo dentro do "**budget**" dos estúdios, de modo que, no balanço final, as contas se equilibravam. (VIDA DOMÉSTICA)

A unidade lexical *cameraman* é registrada pelas duas obras de modo remissivo:

[Ingl.]

S. 2 g.

1. V. câmara (16).

[Pl.: cameramen.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'kæmɾ«mæn/ [ing.] s.m. (sXX) CINE TV operador de câmara □ cf. *câmara* □ ETIM ing. *cameraman* (1908) 'quem opera uma câmara (p.ex., de cinema)' (HOUAISS 1.0, 2001)

Quatro registros são encontrados para a unidade no Corpora:

Aí a índia perde a razão, agarra as lapelas do repórter e desata a chorar no microfone e berrar "ele não é criminoso!, meu filho é um moço decente!", mas o **cameraman**, que está trepado no capô da camionete, grita "não valeu, não gravou nada, troca a bateria!". (ESTORVO)

O **cameraman** Gilmar Lima Sobrinho, o Baiano, vê Daniela e Guilherme conversando. A caminho do seu Fiat, ele passa pelo Santana de Guilhenme e percebe que no banco traseiro há um enorme volume coberto por um lençol, como diria mais tarde em depoimento à polícia. (INTERVIEW)

No caso da unidade *canyon* as duas obras lexicográficas apresentam definição remissiva:

[Ingl.]

S. m.

1. V. canhão (3). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'kænj«n/ [ing.] s.m. ver **canhão** (geol) □ f.aport. não pref.: *cânion* □ ETIM ing. *canyon* (1837) 'vale estreito e profundo com lados escarpados e por onde, geralmente, passa um curso de água' (HOUAISS 1.0, 2001)

O Corpora registra 15 ocorrências para essa unidade:

Vahalla hesitou por um momento, mas não disse nada. Em vez disso, caminhou para a parede do **canyon**, e começou a subir. (...)hegamos no final do **canyon**, paramos, e começamos a escalar a montanha, até bem no alto. Tudo que vimos foram algumas trilhas de coiotes. (AS VALKIRIAS)

Passamos a tarde caminhando pelo **canyon**, lembrando os tempos de infância. Era a primeira vez que ele fazia isto; em nossa viagem até Bilbao, parecia não se interessar mais por Soria. (NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI)

A unidade lexical *center-forward* parece adequadamente definida pelo Houaiss 1.0 (2001) e é definida pelo Aurélio 3.0 (1999) através de remissa:

[Ingl.]

S. m. Fut. Desus.

1. V. forward. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'sEntɾ 'fʃɾw«rd/ [ing.] s.m. FUTB *obs.* ver **centroavante** □ ETIM ing. *center-forward* (1890-1895, f. britânica *centre-forward*) 'jogador que atua no centro do

ataque', formado de *center* 'centro' + *forward* 'dianteiro, avante, atacante' (HOUAISS 1.0, 2001)

Apenas um registro da unidade é verificado no Corpora:

De início o futebol era visto no Brasil com estranheza: tratava-se de um esporte de estrangeiros, trazido por Charles Miller, paulista do Brás, filho de pai inglês e mãe brasileira. Em 1874 Miller foi estudar na Banister Court School, de Southampton. Lá, aprendeu a jogar o soccer, tornando-se um bom **center-forward**. Ao regressar, trazia consigo uma bola - e o firme propósito de introduzir o esporte no Brasil. (SATURNO NOS TRÓPICOS)

Na unidade *center-half* os dois dicionaristas lançam mão da remissão:

[Ingl.]

S. m. Fut. Desus.

1. V. cabeça-de-área. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈsɛntɚ hæf/ [ing.] s.m. FUTB *obsl.* ver **médio-volante** □ ETIM ing. *center-half* (1891, f. britânica *centre-half*) 'jogador que atua na faixa intermediária do campo' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há quatro registros dessa unidade no Corpora:

Foi quando Kruschner decidiu experimentar Fausto de "back", numa posição menos exposta do que a do "**center-half**" sobretudo no sistema de jogo que ia adotar. Fausto também não reclamou: chegou a treinar de "back".(... O argumento que apresentou, ou que o advogado apresentou, foi o de que, sendo "center-half" e tendo adquirido fama como tal, não podia jogar noutra posição. "Não obtive o mandado de segurança para jogar de "**center-half**". (TÉCNICAS DE FUTEBOL)

Esse gordo era Roberto Vaca Brava, nosso "**center-half**", homem capaz de jogar em qualquer posição. Até hoje lembro do time como da letra de uma velha canção: Joca, Liberato e Zico; Tão, Roberto e Sossego; Baiano, eu, Coriolano, Antonico e Fuad. (A BORBOLETA AMARELA)

Para definir a unidade léxica *chip*, o Aurélio 1.0 (1999) remete a circuito integrado:

[Ingl., abrev. de microchip, do pref. ingl. micro- (v. micr(o)-) e ingl. chip, lit., 'lasca', 'fragmento'.]

S. m. Eletrôn.

1. V. circuito integrado. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/tʃɪp/ [ing., lit. 'ficha'] s.m. (c1920) **1** ELETRÔN pequena lâmina miniaturizada (em geral de silício), us. na construção de transistores, díodos ou outros semicondutores, capaz de realizar diversas funções mais ou menos complexas **1.1** INF ver **circuito integrado** □ ETIM ing. *chip* 'circuito integrado etc.', voc. do ing.méd. (sXIV) (HOUAISS 1.0, 2001)

Há seis exemplos no Corpora e, a definição dada pelo Houaiss, confirma-se nesses exemplos:

Nos Estados Unidos, produtores de música e fabricantes parecem ter chegado a um acordo: cada gravador conterá um **chip** que irá determinar um código digital específico na fita, quando esta receber a primeira cópia. SUPER INTERESSANTE)

Enfim, a Ibm mostrou a última criação de seus pesquisadores no campo dos microcomponentes eletrônicos - um **chip** menor que um botão de camisa e que pode armazenar mais de quinhentas e vinte e quatro mil unidades de informações em sua superfície, oito vezes mais do que os **chips** de memória atualmente em uso. (REVISTA VEJA)

Ao tratar a unidade *clipping*, ambos os dicionários empregam a remissiva como procedimento para a definição:

[Ingl.]

S. m.

1. V. clipagem. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈklɪpˈN/ [ing.] s.m. JOR **1** recorte de jornal **2** ver *clipagem* □ c. eletrônico ver *clipagem eletrônica* □ GRAM pl.: *clippings* (ing.) □ ETIM ing. *clipping* 'id.', gerúndio de *to clip* 'cortar' (HOUAISS 1.0, 2001)

Quatro ocorrências se fazem presentes no Corpora:

Não espera nem o **clipping** com os recortes das principais notícias do dia. (A PROVÍNCIA DO PARANÁ)

Também para o item *close* os dois dicionários remetem a uma outra unidade:

[Ingl.]

S. m.

1. V. close-up. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/klowz/ [ing.] s.m. CINE FOT TV red. de *close-up* (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade conta com 101 registros no corpora, dentre os quais muitos nomes próprios e, a grande maioria, na Literatura Dramática:

(...) colocou no aparelho. havia um **close** de Luciana, depois a câmera apanhava apenas seus olhos em big-**close-up** gravado por ela, constatou, perturbado => (O BEIJO NÃO VEM A BOCA)

Principalmente em **close**. No entanto, ainda é uma coisa bem amadora, sem maiores pretensões. (REVISTA CARAS)

"Assim, quando a carta aparecer em **close** no vídeo, o nome da minha empresa estará no papel à mostra também, planeja. (O ESTADO DE SÃO PAULO)

A unidade *clown* é definida pelo Aurélio 3.0 (1999) por meio de equivalente e, pelo Houaiss 1.0 (2001) por remissão, ou seja, a unidade traduzida:

[Ingl.]

S. m.

1. Palhaço (1). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/klawɲ/ [ing.] s.m. ver *palhaço* □ GRAM pl.: *clowns* (ing.) □ ETIM ing. *clown* (c1555) 'palhaço', talvez do b.-al. (HOUAISS 1.0, 2001)

Onze registros são encontrados dessa unidade no Corpora:

Daí nasceu se não me engano, a minha vocação de **clown** (...)Eu, o clown, Banabó, ex- burocrata, ex-espião comunista, ex-sentenciado à cadeira elétrica (...) (A LUVA VEM DA ÁSIA)

O que triunfal chega à cara de **clown**: - Razoável, é? (CONTOS DA VIDA BREVE)

E este **clown** mais operário que palhaço. .. Este andarilho das Américas latinas. (PATÉTICA)

A unidade léxica *copyright* é apropriadamente definida pelo Houaiss 1.0 (2001), tem sua definição apresentada por remissão no Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m.

1. V. copirraite. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'kApirajt/ [ing.] s.m. JUR direito exclusivo do autor, compositor ou editor de imprimir, reproduzir ou vender obra literária, artística ou científica; direito autoral □ f.aport.: *copirraite* □ GRAM pl.: *copyrights* (ing.) □ ETIM ing. *copyright* (1735) 'id.', comp. do ing. *copy* 'cópia, reprodução' + *right* 'direito'; em port. usa-se tb. dizer, em seu lugar, 'todos os direitos reservados' ou 'direitos de reprodução e tradução reservados'; ver *-cópia* e *op-* (HOUAISS 1.0, 2001)

É importante ressaltar que o Aurélio 3.0 (1999) remete a uma forma já adaptada à fonética do português.

Três o ocorrências foram registradas dessa unidade no Corpora:

PAULO COELHO 95ª EDIÇÃO - Rio de Janeiro - 2002 Copyright (c) 1990 by Paulo Coelho Direitos desta edição reservados à EDITORA ROCCO LTDA. (BRIDA)

5. Data da publicação ou do "copyright". (...)
 3. Data da publicação ou do "copyright". Literatura Técnica – (A BIBLIOTECA)

Em *cowboy* apresenta-se uma definição remissiva em ambos os dicionários:

[Ingl.]

S. m.

1. V. caubói. (AURÉLIO 3.0, 1999)
 /'kawbɔj/ [ing., lit. 'moço das vacas'] s.m. ver *caubói* □ GRAM pl.: *cowboys* (em ing.) (HOUAISS 1.0, 2001)

Há doze registros dessa unidade no corpora:

Elas preferiam William S.. Hart, o **cowboy** de olhos azuis, herói dos westerns, cuja especialidade era enfrentar, numa roda de baralho, o adversário. (ANARQUISTAS GRAÇAS A DEUS)

(...) Inesperada por quê? Eu estou lhe propondo um contrato na América... Eu quero te lança como peão, como um grande **cowboy** there. (A ESTÓRIA DE ANA RAIÓ E ZÉ TROVÃO)

O diretor de "A Queda do Império Romano" é Anthony Mann, que dirigiu "El Cid" com mão firme e que, antes, vegetava em Hollywood, dirigindo filmes de **cowboy**, por falta de melhores oportunidades. (MANCHETE)

De certa forma, assiste-se com o advento do **cowboy** Ronald Reagan, dentro de uma nação que se fez no dorso de um cavalo, ao renascer do impulso da fronteira, o da redescoberta interior ... (O GLOBO)

A definição lexicográfica é utilizada por Houaiss 1.0 (2001) para a unidade *diesel* . Aurélio 3.0 (1999) emprega o recurso da remissiva:

[Ingl. (< antr. al. [Rudolf] Diesel [1858-1913], inventor alemão).]

S. m.

1. V. motor diesel. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/dízel/ [ing.] *adj.2g.s.m.* (1958 cf. CABr) QUÍM diz-se de ou fração líquida do petróleo, incolor ou meio amarelada, que destila logo depois do querosene em seu processamento [Us. em certos motores de combustão interna como, p.ex., em embarcações, locomotivas e caminhões.] □ ETIM ing. *diesel* (1894), do antr. Rudolf *Diesel* (1858-1913, engenheiro alemão) inventor do motor □ SIN/VAR dísel (HOUAISS 1.0, 2001)

O Corpora registra 139 ocorrências da unidade:

Na biblioteca da Politécnica, estudando os detalhes da instalação de geradores elétricos movidos a óleo **diesel**. (BLECAUTE)

(...) fumo de gasolina e **diesel** de ônibus entocados nas praças da Sé e do Patriarca. (ELES ERAM MUITOS CAVALOS)

Tinha sido comprada pela "Companhia Construtora" uma locomotiva **diesel** elétrica o que permitia que se transportasse areia, do ponto onde a estrada já havia chegado, para Poços. (O NOME DO BISPO)

Ei-los. Estão dormindo. Estiveram ontem entre as quatro praças e juntos levaram um caminhão **diesel**. (CAIXA DE NASCIMENTO)

(...) mistura tem na sua composição 89,4% de óleo **diesel**, 8% de álcool anidro e 2,6% do aditivo derivado de óleo de soja, o "aditivo ecológico", que permite que o álcool se misture ao **diesel**. Os testes do **diesel** aditivado foram feitos na cidade entre fevereiro de 97 e março de 99. (AGORA PARANÁ)

Para *diet*, os dois dicionários apresentam uma definição remissiva:

[Ingl., 'dieta1'.]

Adj. Impr.

1. V. dietético. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'dajit/ [ing., lit. 'dieta'] *adj.2g.2n.* (1969) ALIM ver **dietético** □ ETIM ing. *diet* (1969) acp. 'de baixo teor calórico'; ver *diet-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Ao buscar ocorrências no Corpora, apenas três registros são verificados, sendo dois no sentido exposto por dietético e um com sentido metafórico:

(...) vodca, gim ou campari com tônica (diet, se você não quer engordar). (...) Além das novas gelatinas e pudins, Cristaldiet tem a melhor linha de produtos **diet** em pó composta de adoçante, chocolate e refresco, para você curtir tudo o que tem direito. (ELLE)

O atual ocupante do cargo, Alex de Oliveira, um arquiteto de 28 anos, se intitula o primeiro "Rei Momo **Diet**". Há um ano, ele se submeteu a uma cirurgia para reduzir o tamanho do estômago e conseguiu perder 60 dos 210 quilos que pesava. (GAZETA ALAGOAS)

A unidade lexical *download* é definida com maior clareza pelo Aurélio 3.0 (1999), mas ao definir acepção que ocorre no corpora, que é hoje a mais usual, assim como o Houaiss 1.0 (2001) lança mão da remissão:

[Ingl., de down(line), 'linha abaixo (i. e., seguindo o fluxo de informações)', + load, 'carga', 'ato de carregar'.]

S. m.

1. Numa rede de computadores, obtenção de cópia, em máquina local, de um arquivo originado em máquina remota.

[Cf. upload.]

Fazer (um) download.

1. V. baixar (4). (AURÉLIO 3.0, 1999)

*/ˈdawnlowd/ [ing.] v. (1980) INF t.d. ver **baixar** □ GRAM/USO tb. us. como subst.: *fazer download* □ ETIM v. ing. *to download* (1980) 'transferir dados ou programas ger. de um computador central ou de grande porte para outro aparelho ger. menor', formado de *down* 'embaixo, para baixo, em posição mais baixa' e *to load* 'fornecer ou transferir um carregamento, suprir de carga' (HOUAISS 1.0, 2001)*

Roma - Um promotor público italiano acusou 1.491 pessoas, entre italianos e estrangeiros, por oferecer e fazer o **download** de material pornográfico infantil. Alfredo Ormani ordenou que 831 italianos fossem julgados e convocou 660 estrangeiros à Itália para responder às acusações. A maior parte dos acusados foi pega num site falso de pedofilia construído pelas autoridades italianas. (GAZETA DO ALAGOAS)

A unidade lexical *e-mail* é definida por remissão em ambos os dicionários:

[Ingl., abrev. de e(lectronic) mail.]

S. m.

1. V. correio eletrônico.

[Tb. us. como equivalente de endereço eletrônico (q.v.).] (AURÉLIO 3.0, 1999)

*/i mejl/ [ing.] s.m. (1982) INTERN ver **correio eletrônico** □ GRAM pl.: *e-mails* (ing.) □ ETIM ing. *e-mail* (1982), abrev. de e(lectronic) 'eletrônico' + *mail* 'correio' (HOUAISS 1.0, 1999)*

Essa unidade apresenta 22 ocorrências no Corpora:

Aí, se der, trocamos o número do ICQ, o **e-mail**... (ELES ERAM MUITO CAVALOS)

Os orientadores acadêmicos, que também têm formação especializada, serão responsáveis pelo auxílio às pesquisas e poderão atender aos professores a qualquer horário por **e-mail**. (...)Os contadores podem solicitar os carnês através de **e-mail**, e a Prefeitura fará a entrega diretamente no escritório. Basta enviar a relação de prestadoras de serviço (no mínimo 10) junto com o número de identificação fiscal, além do endereço e telefone do escritório de contabilidade. O **e-mail** para fazer os pedidos é (augusto@pmc.curitiba.pr.gov.br). (AGORA PARANÁ)

Para a unidade *fade* temos a definição abaixo:

[Ingl.]

S. m.

1. Cin. Telev. Aparecimento (fade-in) ou desaparecimento (fade-out) gradual da imagem. [Cf. clareamento (2), escurecimento (2) e fusão.]

2. Cin. Telev. Rád. Son. Aumento (fade-in) ou diminuição (fade-out) gradual do volume do áudio (AURÉLIO 3.0, 1999)

*/fejd/ [ing., lit. 'desaparecimento'] s.m. (sXX) 1 CINE RÁD TV ver **fade out** 2 CINE TV ver **fusão** □ ETIM ing. *fade* (1918) 'troca gradual de uma imagem para outra em um filme ou em uma seqüência televisiva; perda de freio (no automóvel); arremesso da bola de golfe com efeito, ger. intencional' (HOUAISS 1.0, 2001)*

A definição do Houaiss 1.0 (2001) é remissiva. Ao comparar as entradas *fade-in* e *fade-out*¹⁰, verifica-se uma situação oposta: nos dois casos, a definição dada pelo Aurélio 3.0 (1999) é remissiva:

fade-in

[Ingl.]

S. m.

1. V. fade. (...)

fade-out

[Ingl.]

S. m.

1. V. fade (AURÉLIO 3.0, 1999)

fade in

/fejd'iN/ [ing.] (sXX) **1** s.m. CINE TV efeito de aparecimento gradual de imagem; abertura **2** s.m. RÁD efeito de aparecimento gradual de som em gravações □ ETIM ing. *fade-in* (1917) 'aparecimento gradual de uma imagem no início de um filme ou seqüência televisiva' (...)

fade out

/fejd awt/ [ing., lit. 'desaparecer'] s.m. (sXX) **1** CINE TV desaparecimento gradativo da visibilidade de uma imagem no final de uma seqüência; escurecimento **2** RÁD efeito de desaparecimento gradual do som nas gravações □ ETIM ing. *fade-out* (1917) 'desaparecimento gradual de uma imagem numa seqüência de filme' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há duas ocorrências da unidade *fade* no Corpora formando outros compostos e três da *fade-in*, acima exposta:

Consuelo beija Carlos Magno, num requinte de vingança, beija-a também. **Fade in.** (FÁBULAS FABULOSAS)

Há roteiristas e diretores que preferem o escurecimento (**fade-in**) para mudar de cena, sendo que a seguinte começa com a iluminação da imagem (**fade-on**). É um recurso desaconselhável para filmes em que a ação e o ritmo são essenciais. (O ROTEIRISTA PROFISSIONAL - TV E CINEMA)

Em *ferry* há uma explicação de forma clara e objetiva no Aurélio 3.0 (1999), e destaca-se, nesse caso, o sentido de “transporte pelo ar”, não apresentado pelo dicionário de Houaiss 1.0 (2001). O Houaiss 1.0 (2001) também usa a remissiva para definir a unidade *ferry*:

[Ingl.]

¹⁰ A unidade léxica *fade-out* não apresenta ocorrência no Corpora.

S. m.

1. Barco, aeronave, etc., para transporte de passageiros, mercadorias, etc., com serviço regular: "No último ferry da noite entre Cacilhas e Lisboa os dois homens falam em francês, muito perto um do outro" (João Maria Mendes, *A Mulher do Terrorista*, p. 107). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈferi/ [ing.] s.m. red. de *ferryboat* □ GRAM pl.: *ferries* (ing.) (HOUAISS 1.0, 2001)

Há, no Corpora, quatro ocorrências dessa unidade:

(...) sua noiva, a musa que o fazia atravessar na barca **Ferry** a baía, todos os dias, para visitá-la na Engenhoca. Alberto de Oliveira era amigo de juventude de Olavo Bilac e continuaram amigos com o passar dos anos. (A ÚLTIMA QUIMERA)

As obras permitirão ainda uma economia de 133 km no percurso entre Salvador e Itabuna, via **ferry-boat**, facilitando o escoamento da produção e melhorando a infra-estrutura turística do baixo-sul baiano. (A TARDE – SALVADOR)

Chegar a Ilhabela não é difícil: depois da estrada asfaltada que parte da Via Presidente Dutra (São José dos Campos), é só tomar o "**ferry-boat**" e atravessar o canal que a separa da cidade de São Sebastião. (O CRUZEIRO)

O dicionário Aurélio 3.0 (1999) registra duas entradas para a unidade lexical *flat*, sendo uma remissiva:

flat¹

[Ingl., 'chato', 'plano'.]

Adj. Surf.

1. Diz-se do mar sem ondas, que impossibilita a prática do surfe.

flat²

[Ingl.]

S. m.

1. V. apartamento² (1): "Entende que gente de mais idade não se adapte a uma casa de vidro, ou a um apartamento cor de gelo, ou a um flat metálico com painéis vermelhos." (Chico Buarque, Benjamim, p. 63.)

S. f.

2. Moç. V. apartamento² (1): "o aroma do café / sai de chávenas conjugais nas outras flats" (Sebastião Alba, *O Ritmo do Presságio*, p. 73). (AURÉLIO 3.0, 1999)

O dicionário Houaiss 1.0 (2001) apresenta para essa unidade *flat* uma única entrada, correspondente a aceção um do Aurélio 3.0 (1999), e definição remissiva:

/flæt/ [ing.] s.m. B MOÇ ver ²*apartamento* ('moradia privativa', 'unidade privativa')
□ ETIM ing. *flat* (sXIV) 'superfície plana', p.ext. 'apartamento, unidade de moradia num andar, aposento' (HOUAISS 1.0, 2001)

Todas as onze ocorrências do Corpora guardam o significado de apartamento² do Aurélio 3.0 (1999):

(...) ele me escolheu num book que a agência mantinha num **flat** na Rua São Carlos do Pinhal,(...) e voltamos carregados de sacolas de grife pro flat e, enquanto eu me trocava, ele falava sobre a Itália e ia se aprontando dentro do terno Versace. (ELES ERAM MUITO CAVALOS)

Compre hoje o seu **flat**. (O GANHADOR)

A unidade *flutter* apresenta duas acepções no Aurélio 3.0 (2001), sendo uma remissiva e coincidente com a do Houaiss 1.0 (1999), também remissiva; e outra, não:

[Ingl.]

S. m.

1. Card. Vibração ou pulsação rápida, e que sugere batimento de asas; adejo.
2. Acúst. V. intermitência (2). AURÉLIO 3.0, 1999)

/flãtɔr/ [ing.] s.m. ACS ver *intermitência* □ f. atrial CARD m.q. *flutter auricular* □ f. auricular CARD tipo de taquicardia em que as aurículas se contraem em um ritmo extremamente acelerado; *flutter* atrial □ f. ventricular CARD forma de rápida taquicardia ventricular na qual as ondas eletrocardiográficas apresentam um padrão ondulante □ ETIM ing. *flutter* (1641) 'movimento rápido de bater de asas, contração repentina, oscilação de movimento ou de comportamento devido a causas externas', der. do v. ing. *to float* 'flutuar' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há três ocorrências no Corpora Lex, todas referentes a acepção comum aos dois dicionários:

Taquicardia é o aumento da frequência dos batimentos cardíacos acima de 90 por minuto. Elas podem ser simples, paroxísticas e "**flutter**" auricular e causadas por: adrenalina e outros simpaticomiméticos, anfetaminas, anestésicos locais sintéticos, amanita: falina, muscarina, etc; ácido cianídrico, álcool etílico, álcool metílico, antracênicos, beladona, atropina, homatropina, etc. (TOXICOLOGIA CLÍNICA E FORENSE)

Quanto à unidade *freezer*, pode-se dizer que apresenta uma definição remissiva no Aurélio 3.0 (1999) e duas acepções no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m.

1. Congelador (2 e 3).

/frizɔr/ [ing.] s.m. (sXX) **1** aparelho elétrico que consiste em gabinete(s) em que a temperatura é inferior a 18° C, e se destina a conservar alimentos ou ainda medicamentos, sangue, plasma, experimentos, preparados, reagentes e outros materiais afins, nos laboratórios, bancos de sangue, hospitais etc. **2** compartimento de geladeira onde a temperatura é inferior a zero, destinado a fabricar gelo e/ou conservar alimentos; congelador □ ETIM ing. *freezer* (1847) 'aparelho ou compartimento destinado a congelar, congelador'; ver *prur-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Nenhum dos dois dicionários, no entanto, registra o sentido metafórico (dar um gelo, deixar no freezer) que se mostrou bastante recorrente entre as 17 ocorrências registradas no Corpora:

Atirava o modess (se estava ressecado, molhava com óleo de milho) no **freezer** de carnes do supermercado ou dentro das latas de sorvete de morango. (O GUARDADOR)

Atirava o modess (se estava ressecado, molhava com óleo de milho) no **freezer** de carnes do supermercado ou dentro das latas de sorvete de morango. (GLOBO RURAL)

Freezer

Já se sabe por que os fotógrafos foram mantidos longe do encontro de anteontem do presidente do Banco Central Ibrahim Eris, com o do Citibank, John Reed. (O ESTADO DE SÃO PAULO)

A unidade lexical *fuding* é definida por remissiva no Houaiss 10 (2001)

[Ingl.]

S. m. Econ.

1. Suporte financeiro; provisão de recursos financeiros. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈfʌndɪŋ/ [ing.] s.m. JUR m.q. **funding-loan** □ ETIM ing. *funding* 'id.', do v. *to fund* 'prover ou converter recursos ou dinheiro em dívida única de juros fixos', do lat. *fundus, i* 'fundo'; ver ³*fund-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Cinco ocorrências são registradas no Corpora:

O **Funding** veio como uma solução. E para sua época não deixou de o ser. (FICÇÃO E IDEOLOGIA)

Tudo culminou com a postura do BNDS - órgão de que aqui faço a defesa, que, em todo esse processo de 18 anos de alienação, foi uma entidade que, muitas vezes, substituiu os próprios organismos do setor que deveriam criar o **funding**, que deveriam criar as origens de recursos para suprir a demanda, seja do Estado, seja da iniciativa privada. (POLÍTICA DE PREÇOS DA ENERGIA NO BRASIL)

A unidade léxica *gang* é definida por remissão em ambos os dicionários, à sua forma aportuguesada:

[Ingl.]

S. f.

1. V. gangue. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/gæŋ/ [ing., lit. 'bando'] s.f. ver *gangue* □ GRAM pl.: *gangs* (ing.) (HOUAISS 1.0, 2001)

Há 16 registros dessa unidade no Corpora:

Numa espécie de aquecimento para a profissão que as esperava em breve em Rabukicho, cuidavam diligentemente para que os copos da **gang** estivessem sempre bem servidos. (FAVELA HIGH TECH)

Uma **gang** que desviava materiais de construção de uma firma construtora, a qual não foi identificada, teria sido presa à madrugada de ontem, em flagrante por uma guarnição da Rádio Patrulha. (A PROVÍNCIA DO PARÁ)

O deputado Antoninho é que é chefe de **gang**. protetor de prefeitos que tem contas a prestar perante a Justiça. A sua investida contra a nossa pessoa, acusando-nos de "chefe da **gang** peracchista", constitui infâmia de reles caluniador, que se acoberta em imunidades para denegrir a reputação alheia. (CORREIO DO POVO)

Gangster, unidade pertencente ao mesmo campo semântico de *gang*, que também apresenta definição por remissiva:

[Ingl.]

S. m.

1. V. gângster. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/gæNstɔr/ [ing.] s.m. (1934 Fon-Fon XXVIII n° 20 19/05 p.62) ver *gângster* (HOUAISS 1.0, 2001)

Nove ocorrências dessa unidade são registradas no Corpora:

Kubo-san era sem dúvida a pessoa mais interessante da festa, embora não gostasse de falar abertamente sobre sua vida de **gangster**. (FAVELA HIGH TECH)

(Pita bem o charuto, feito **gangster** cinematográfico) (UM ELEFANTE NO CAUS)

(Gabinete do diretor de A Marrêta, o maior jornal do Brasil. Em cena, Dr. J. B. de Albuquerque Guimarães, **gangster** da imprensa, a mascar o charuto da sua sórdida prosperidade. Andando de um lado para outro, ele esbraveja). (VIÚVA PORÉM HONESTA)

"o Governo Collor não sobreviverá muito tempo porque ninguém vai querer fazer negócios com um **gangster**". (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

A unidade léxica *gay* é definida por remissão no Aurélio 3.0 (1999), à sua forma já adaptada na língua portuguesa.

[Ingl.]

Adj. 2 g. e 2 n.

S. 2 g.

1. V. guei. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/gej/ [ing.] *adj.2g.s.2g.* (1953) *infrm.* ver **homossexual** □ ETIM ing. *gay* (sXIV) *adj.* 'alegre'; 'homossexual', (1953) *subst.* 'homossexual', este do fr.méd. *gai* (HOUAISS 1.0, 2001)

Essa unidade possui 36 registros no Corpora:

Zel - Tou na minha . Assumido ! Orgulho **gay** . Adorei percepção, adorei .
(SEGURA TEU HOMEM - IN: REVISTA DE TEATRO)

Especialmente no que se refere aos Estados Unidos, toda a movimentação em torno das várias manifestações da cultura jovem, indo do flower power aos estudantes e intelectuais da Nova Esquerda, passando por movimentos como o **gay** power ou women's lib (...) (O QUE É CONTRACULTURA)

"Dizem que sou um **gay** que deu certo. Já nasci operada". (Cláudia Raia, em um momento de pouca inspiração). (DIÁRIO DO NORDESTE)

Grapefruit é definida por remissão nas duas obras lexicográficas:

[Ingl.]
1. V. toranja. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'grejpfrut/ [ing.] *s.m.* ANGIOS ver **toranja** (*Citrus maxima*, *C. x paradisi*, 'fruto')
□ ETIM ing. *grapefruit* (1814) 'id.', de *grape* 'uva' + *fruit* 'fruta', assim chamada pois os frutos dão em cachos, como as uvas (HOUAISS 1.0, 2001)

Há somente uma ocorrência no Corpora:

Outra sugestão é a metade de um **grapefruit** que __ ácida e diurética __ é a fruta ideal para regimes. No almoço, coma um tomate ou uma fatia de melão, morangos frescos sem açúcar e sem creme. no jantar coma uma pêra ou dois pêssegos como sobremesa. PAIS & FILHOS

Em *handball* as duas definições, tanto Houaiss 1.0 (2001), quanto Aurélio 3.0 (1999), empregam a remissão a entrada adaptada ao português:

[Ingl.]
S. m.
1. V. handebol. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'hændbɪl/ [ing.] *s.m.* DESP ver **handebol** (HOUAISS 1.0, 2001)

Há somente um registro da unidade no Corpora:

Escolha: no mar, tem vela, windsurf, ski aquático. Nas quadras, vôlei, basquete, tênis, squash, paddle, **handball**, futebol de campo e de salão. P. VEJA - MAIO/94

A unidade *input* é apresentado por remissão nas duas primeira acepções do Houaiss 1.0 (2001) e por sinonímia nas duas do Aurélio 3.0 (1999). Há, ainda no Houaiss 1.0 (2001) uma acepção que não é apresentada pelo outro dicionário, e que não é recorrente no Corpora:

[Ingl.]
S. m.
1. Econ. Insumo.
2. Inform. Entrada (16 a 18).
[Cf. output.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈɪnpʊt/ [ing.] s.m. 1 ECON ver **insumo** 2 ELETR ELETRÔN INF ver **entrada** 3 LING no aprendizado de línguas, conjunto de dados que o indivíduo recebe ao ouvir a língua sendo us. ao seu redor □ ETIM ing. *input* (1753) 'algo que é colocado em: energia em uma máquina ou sistema, um componente de produção (terra, trabalho, matéria-prima), informação em um sistema de processamento de dados, conselho, opinião; os meios pelos quais ou o ponto em que o *input* (de energia, dados etc.) é feito; o ato ou processo de colocar em' (HOUAISS 1.0, 2001)

Há somente um registro da unidade no Corpora que se liga a informática e/ou eletrônica:

Nessa seqüência, a saída (output) de matéria ou energia de um subsistema torna-se a entrada (**input**) para o subsistema de localização adjacente. (...) a fim de repartir o **input** recebido de matéria ou energia em dois caminhos(...) (INTRODUÇÃO A GEOMORFOLOGIA)

5.12 Definição remissiva em um dos dicionários; ausência de registro no Corpora Lex

A unidade lexical *ampersand* com registro nos dois dicionários analisados, não apresenta registro no Corpora da Faculdade de Ciências e Letras, fato que já se esperava, uma vez que o verbete denomina um símbolo gráfico:

[Ingl., alter. de and per se and, ' e + lat. per se (= por si) + e'.]
S. m.
1. Sinal gráfico (&) que representa a conj. e, a qual une um substantivo ou uma locução a outro(a), como, p. ex., em Silva & Cia., por Silva (e por si) e Companhia. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'æmp<rsænd/ [ing.] *s.m.* ver **e comercial** □ ETIM ing. *ampersand* (1837), contr. da expr. *and per se and* (e por si e) (...)

e comercial □ substantivo masculino Rubrica: música. **1** a nota mi, na notação alfabética □ numeral Rubrica: matemática. **2** cardinal o número 14 no sistema hexadecimal de numeração **3** cardinal o número 11 no sistema duodecimal de numeração □ símbolos e abreviações **4** *símb.* de *exa-* **5** *símb.* de *este* ou *leste* (na rosa-dos-ventos) Obs.: do ing. *East*; cf. *L.* **6** Rubrica: eletricidade. *símb.* de **intensidade do campo elétrico** **7** Rubrica: física. *símb.* de **energia** **8** Rubrica: lógica. *símb.* quando no desenvolvimento medieval da lógica aristotélica indicando uma **proposição universal negativa** (HOUAISS 1.0, 2001)

Para a unidade lexical *by-pass*, o Aurélio 3.0 (1999) registra duas acepções, do mesmo modo que o Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m.

1. Desvio, circuito, contorno.
2. Cir. V. derivação (3). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'baj pæs/ [ing.] *s.m.* **1** desvio de direção ou caminho; contorno **2** CIR desvio de direção ou caminho; contorno, *shunt* □ b. aortocoronariano CIR m.q. **by-pass coronariano** □ b. cardiopulmonar CIR método de manutenção da circulação extracorpórea, ger. us. em cirurgia cardíaca, no qual o sangue vai do coração do paciente para um coração-pulmão artificial a fim de ser oxigenado, e retorna à circulação arterial □ b. coronariano CIR o que se faz a partir de enxertos venosos ou da aorta para ramos das artérias coronárias, a fim de atingir áreas do coração que deixaram de ser irrigadas devido a um bloqueio daquelas artérias; *by-pass* aortocoronariano □ GRAM pl.: *by-passes* (ing.) □ ETIM ing. *by-pass* (1848) 'id.', de *by* 'próximo, secundário' e *pass* 'passagem' (HOUAISS 1.0, 1999)

Para a unidade léxica *clipboard*, ambos os dicionários apresentam remissivas:

[Ingl., 'prancheta para escrever, dotada de prendedor de papéis', de clip, 'prendedor' + board, 'prancha'.]

S. m. Inform.

1. V. área de transferência.(AURÉLIO 3.0, 1999)

/'kl'pb†rd/ [ing., lit. 'quadro de recortes'] *s.m.* (*sXX*) INF *impr.* ver **área de transferência** □ GRAM pl.: *clipboards* (ing.) □ ETIM ing. *clipboard* (c1905) 'peça lisa e retangular, de madeira ou outro material rígido, dotada de pregador em uma de suas extremidades para fixar folhas de papel', de *to clip* 'segurar, prender' + *board* 'prancha, tábua, placa' (HOUAISS 1.0, 2001)

Cluster é definido pelo Houaiss 1.0 (2001) e remetido a entrada *grupamento* por Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. V. grupamento (2). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈklãstɐ/ [ing.] *s.m.* (d1933) **1** FON seqüência fônica constituída de um grupo de consoantes sucessivas □ cf. *aglomerado* **2** INF conjunto de setores que constitui a menor unidade de alocação capaz de ser endereçada num disco magnético **3** MÚS bloco sonoro de segundas maiores e menores □ GRAM pl.: *clusters* (ing.) □ ETIM ing. *cluster* (a900) 'aglomerado, grupo, molho /ó/, cacho' (HOUAISS 1.0, 2001)

Para a unidade *default*, o Aurélio 3.0 (1999) apresenta uma definição clara e, o Houaiss 1.0 (2001), usa da remissão:

[Ingl. (termo originalmente jurídico, 'na falta de', 'na ausência de'; 'em dívida', 'inadimplente').]

S. m. Inform.

1. Valor (de uma variável, ou de um campo de entrada de dados) assumido automaticamente por programa (9), quando o usuário não o determina explicitamente.

[Tb. us. com função adjetiva (com sentido de 'implícito', 'padrão'), quando posposto a outro substantivo.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/di'fɔlt/ [ing., lit. 'padrão'] *s.m.* (sXX) INF ver **valor padrão** ou **parâmetro padrão** □ GRAM pl. *defaults* (ing.) □ ETIM ing. *default* (sXIII) <ing.ant. *defaute*, *defaulte* <fr.ant. *defaute* der. de *deffailir* 'estar carente, necessitado, faltar' e, este, do lat. *fallo*, *is.fefelli*, *falsum*, ère 'faltar, não cumprir'; acp. sXX 'condição que um programa computacional adquire como padrão, se o usuário não definir outras condições' (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade *endomarketing* é definida de forma clara e explicativa pelo Aurélio 3.0 (1999) e por remissão no dicionário de Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m. Market.

1. Conjunto das atividades de marketing institucional, dirigidas para o público interno da empresa (funcionários, fornecedores, acionistas, revendedores, etc.).

[Sin.: marketing interno.]

/Endow'mArkitiN/ [ing.] *s.m.* MKT ver **marketing interno** □ ETIM ing. *endomarketing* 'estratégias de *marketing* realizadas por uma instituição e voltadas para o seu público interno', comp. do ing. *end-* ou *endo-* (<gr. *éndon* 'dentro, no interior de') + *marketing* (1561), do v. *to market* (1635), no sentido de 'negociar em mercado', do lat. *mercátus* 'negócio, mercado'; acp. mkt c1920 no ing.

A unidade *flap* é definida por remissão no Houaiss 1.0 (2001) e apresenta duas acepções bastante distintas segundo o Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m.

1. Aer. Dispositivo localizado na parte posterior e inferior da asa do avião, entre a fuselagem e o aileron, e destinado a diminuir a velocidade do aparelho na aterragem.

2. E. Ling. Consoante produzida com um único e brevíssimo contato entre dois articuladores (Aurélio 3.0, 1999)

/flæp/ [ing.] *s.m.* (1975 cf. AF¹) AER ver **flape** (Houaiss 1.0, 2001)

A unidade *flush* é definida por remissão no Aurélio 3.0 (1999) e apresenta duas acepções distintas no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.]

S. m.

1. V. pôquer (1). (Aurélio 3.0, 1999)

/flãS/ [ing.] *s.m.* (sXVI) **1** LUD no jogo de pôquer, combinação de cinco cartas quaisquer do mesmo naipe **2** DESP no esqui, série de três ou mais portas de *slalom* dispostas verticalmente numa colina □ ETIM ing. *flush* (1529) 'conjunto de cinco cartas do mesmo naipe, em pôquer'; especialização de sentido do ing. *flush* 'fluxo, expansão, o que corre ou flui numa dada direção', do lat. *flúxus,us* 'o que corre, escorre ou flui numa dada direção'; ver *flu-* (Houaiss 1.0, 2001)

Foul é definida por remissão em ambas as obras lexicográficas:

[Ingl.]

S. m. Fut.

1. V. falta (9 e 10). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/fawl/ [ing.] *s.m.* DESP ver **falta** □ ETIM ing. *foul* (a.sXII) 'falta, infração das regras de um jogo ou esporte' (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade léxica *freelancer* é definida por meio de remissão em ambos os dicionários¹¹, a unidade *freelance*:

[Ingl.]

S. m.

1. Freelance (2). (Aurélio 3.0, 1999)

/fri'laenc(r)/ [ing.] *adj.2g.s.2g.* COMN m.q. **freelance** □ ETIM ing. *freelance* + *-er* suf. de agente (Houaiss 1.0, 2001)

Apenas Houaiss 1.0 (2001) usa esse recurso para definir *freeshop*:

[Ingl., adapt. de duty-free shop.]

1. Loja de acesso restrito a passageiros em viagem internacional, na qual as mercadorias são isentas de impostos de comercialização. (Aurélio 3.0, 1999)

/'fri 'SAp/ [ing.] *loc.subst.* (sXX) red. de **duty-free shop** □ ETIM ing. *free shop*, braq. do snt. *duty-free shop* 'loja (*shop*) [onde se podem comprar mercadorias] livre (*free*) de taxações (*duty*)' (Houaiss 1.0, 2001)

¹¹ A unidade lexical *freelancer* está analisada no item 6.

Para *full hand* o Aurélio 3.0 (1999) emprega a remissão à pôquer:

[Ingl.]

Loc. s. m.

1. V. pôquer (1). (Aurélio 3.0, 1999)

/ˈfʊl ˈhænd/ [ing.] *loc.subst.* LUD no jogo de pôquer, uma trinca e um par; vence aquele que tem a trinca mais alta □ cf. *pôquer* □ ETIM ing. *full hand* 'id.', comp. de *full* 'cheio, pleno' e *hand* 'mão' (Houaiss 1.0, 2001)

A unidade léxica *hollerith* é definida por remissão no Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl. (< antr. Hollerith, de Herman Hollerith (1860-1929), inventor norte-americano, criador de um equipamento eletromecânico para contagens e tabulações estatísticas, que funcionava com cartões perfurados.)

S. m. Inform.

1. V. cartão perfurado. (Aurélio 3.0, 1999)

/ˈhɒlɪˈrɪθ/ [ing.] *s.f.* ENG.MEC PROC.D *B* máquina computadoradora de *cartões perfurados*, criada nos E.U.A. entre 1880 e 1889 □ cf. *holerite* e *código Hollerith* □ ETIM antr. Herman *Hollerith* (1860-1929), engenheiro e estatístico norte-americano, inventor dessa máquina; há tb. a f.aport. *holerite* (Houaiss 1.0, 2001)

Não há nenhum registro da unidade no Corpora, apenas do nome de seu inventor Herman Hollerith:

(...)grande impulso na sistematização do processamento de dados foi dado por Herman Hollerith durante o censo demográfico dos EUA em 1890. INFORMÁTICA E SOCIEDADE TODOS NOMES PRÓPRIOS

Hot money é definido por Houaiss 1.0 (2001) empregando a remissiva à unidade traduzida para o português:

[Ingl.]

Econ.

1. Recursos financeiros que se deslocam entre países para aplicações de curto prazo, atraídos por diferenças nas taxas de juros e alterações nas taxas de câmbio.
2. Empréstimo bancário de curtíssimo prazo. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhɒt ˈmʌni/ [ing.] *loc.subst.* (1936) ECON *infrm.* ver *dinheiro quente* □ ETIM ing. *hot money* (1936) 'id.', de *hot* 'quente' e *money* 'dinheiro' raros' (HOUISS 1.0, 2001)

O dicionário Houaiss 1.0 (2001) apresenta o mesmo tratamento para a unidade *house organ*:

[Ingl.]

1. Designação genérica para periódicos editados por empresas privadas ou públicas, dirigidos para o público interno e/ou segmentos do público externo; jornal de empresa. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhaws ˈʔrg«n/ [ing.] s.m. (sXX) ver **jornal de empresa** □ GRAM pl.: *house organs* (ing.) □ ETIM ing. *house organ* (1907) 'id.', de *house* 'casa' e *organ* 'periódico (jornal)' (HOUAISS 1.0, 2001)

Na unidade *humour* as duas obras lexicográficas lançam mão da remissão:

[Ingl.]

S. m.

1. V. humor (6). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhjum«t/ [ing.] s.m. ver **humor** ('expressão irônica', 'faculdade') □ ETIM ing. *humour* (sXIV) 'fluido corporal (sangue ou linfa), secreção (hormônio); temperamento, capricho; comicidade'; ver ¹*hum-* (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade *hyperlink* é definida por sinonímia no Aurélio 3.0 (1999) e por remissão no Houaiss 1.0 (2001):

[Ingl.; de hyper(text), 'hipertexto', + link, 'elo, vínculo'.]

S. m. Inform.

1. Elo (4) de hipertexto.

[F. red.: link.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈhajp«rliNk/ [ing.] s.m. INF ver **link** □ ETIM ing. *hypertext* 'hipertexto' + *link* 'vínculo' (HOUAISS 1.0, 2001)

Aurélio 3.0 (1999) define a unidade *interview* por sinonímia e Houaiss 1.0 (2001) por remissiva:

[Ingl.]

S. m. Jorn.

1. Entrevista. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈint«rvju/ [ing.] s.m. JOR ver **entrevista** □ ETIM ing. *interview* (1505), de *inter-* 'entre-' + *view* 'vista', do fr. *entrevue* (1498) f. substv. de *entrevu*, part.pas. de *entrevoir* 'vislumbrar, entrever, ver de relance'; ver *vid-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Isopin é definida tanto pelo Aurélio 3.0 (1999) quanto pelo Houaiss 1.0 (2001) por sinonímia. Por não haver nenhum outro dado sobre a unidade o consulente acabará tendo que remeter-se a entrada do sinônimo exibido:

[Ingl., de iso(topic) spin.]

S. m. Fís. Part.

1. Spin isotópico (q. v.). (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈajs«spin/ [ing.] s.m. (1961) FÍS.PART o *spin* isotópico [símb.: *I*] □ ETIM ing. *isospin* (1961) 'id.', de *isotopic spin* (HOUAISS 1.0, 2001)

5.13 Outros casos relevantes

A unidade lexical *bias* é registrada pelos dois dicionaristas e, aparentemente, a definição do Houaiss é mais completa. Entretanto, ao analisar ambas, é possível verificar que: a acepção um do Aurélio 3.0 (1999) coincide com as acepções três e quatro do Houaiss 1.0 (2001); a acepção quatro do Aurélio 3.0 (2001) coincide com a acepção um do Houaiss 1.0 (2001); para a acepção dois do Aurélio 3.0 (1999) não há identidade com nenhuma das acepções apresentadas pelo Houaiss 1.0 (2001); assim como, não há para a acepção cinco do Houaiss 1.0 (1999) identidade no Aurélio 3.0 (1999):

[Ingl.]

S. m.

1. Tendência ou inclinação que leva a preferir ou privilegiar uma pessoa, elemento, etc. em detrimento de outro.
2. P. ext. Parcialidade do juízo ou da opinião.
3. Antrop. Sociol. Ponto de vista parcial ou preconceituoso, que pode levar a distorções, conscientes ou inconscientes, na descrição ou análise de fenômenos sociais.
4. Eletrôn. Tensão de polarização (q. v.).

[Pl.: biases.] (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈbaj«s/ [ing.] s.m. (sXX cf. AGC) **1** ELETR ELETRÔN m.q. **polarização** **2** SOC distorção do julgamento de um observador por estar ele intimamente envolvido com o objeto de sua observação **3** SOC tendência a mostrar preconceito contra um grupo e preferência em relação a outro <um intenso b. contra homossexuais> **4** SOC inclinação de um fenômeno mais para um sentido do que para outro; preferência, favoritismo <as pesquisas indicam um b. a favor dos socialistas> **5** SOC característica, virtude ou aptidão dominante na personalidade de alguém <este candidato tem o b. criativo que o chefe deseja> □ GRAM pl.: *biases* (ing.) □ ETIM ing. *bias* (1530) 'inclinação, de uma linha oblíqua, de temperamento ou de imagem' < fr.ant. *biais* < prov. gr.irreg. *epikarsios* 'oblíquo, transverso' □ SIN/VAR favoritismo, inclinação, parcialidade, *parti pris*, preconceito, preferência, tendência, tendenciosidade, viés (HOUAISS 1.0, 2001)

A unidade lexical *browie* é dicionarizada por ambos os dicionários e a definição apresentada por eles é muito semelhante. O que as diferencia são dois traços pertinentes a unidade, mas distintos. O Houaiss 1.0 (2001) diz, além do que é comum com o outro

dicionário, que *geralmente é feito com nozes*, e o Houaiss que, *é servido em pequenas porções*.

[Ingl.]

S. m. Cul.

1. Bolo de chocolate, muito fino, ger. com nozes, e cortado em retângulos. (AURÉLIO 3.0, 2001)

/'brawni/ [ing.] *s.m.* bolo, ger. de chocolate, achatado e servido em pequenas porções de formato quadrado ou retangular □ GRAM pl.: *brownies* (ing.) □ ETIM ing. *brown* 'marrom, castanho, pardo' + *-ie* (c1500), us. em 1897 com acp. de 'bolo de chocolate'

(HOUAISS 1.0, 2001)

Não há nenhum registro da unidade no Corpora.

A unidade lexical *compound* possui duas entradas no Houaiss 1.0 (2001) e apenas uma no Aurélio 3.0 (1999), coincidente com a segunda apresentada pelo Houaiss, no entanto, mais adequada:

[Ingl.]

S. m.

1. Na África, conjunto de habitações pertencentes a um grupo familiar (chefe de família, suas várias mulheres, filhos ou sobrinhos com suas mulheres e agregados), delimitado, em geral, por muro ou cerca altos.

2. Nos antigos territórios coloniais ingleses, conjunto de casas ou apartamentos onde moram funcionários de uma mesma empresa: "estava num local próximo do compound da mina de Moderby, visitando seus amigos." (Raul Bernardo Honwana, Memórias, p. 53).

3. Moç. Agrupamento de pequenos prostíbulos: "Já a longa caravana de louros marinheiros / dispersa pelos compounds / destila mensal a febre do mar" (Fernando Ganhão, Poetas de Moçambique, p. 46). (AURÉLIO 3.0, 1999)

¹compound

/'kAmpawnd/ [ing.] *adj.2g.* ELETR **1** que combina um enrolamento em série com outro paralelo (diz-se de enrolamento misto) **2** diz-se de um motor de corrente contínua que tem dois rolamentos de campos separados, um conectado em paralelo e outro conectado em série com o circuito do induzido □ *s.m.* **3** ELETR mistura isolante para máquinas elétricas, aplicada esp. a moldes plásticos **4** ENG.MEC motor de vários cilindros que funciona a vapor, ar ou gás quente, no qual a expansão tem lugar seqüencialmente □ ETIM *adj.ing. compound* (sXIV) 'composto', do ing.méd. *compounded*, part.pas. do v. *compounen* (...)

²compound

/'kAmpawnd/ [ing.] *s.m.* **1** área murada ou cercada, dentro da qual há grupos de edificações, esp. residências **1.1** MOÇ acampamento de trabalhadores, sobretudo mineiros; dormitório, camarata □ ETIM ing. *compound*, de orig.contrv. e explicado por etim. popular, do mal. *kampong*, *kampung* 'espaço cercado, grupo de construções; quarteirão ou cidade ocupada por pessoas de determinadas nacionalidades', alterado prov. por infl. do subst. ing. *compound* 'união, combinação, mistura de elementos' (HOUAISS 1.0, 2001)

Os dicionário da língua inglesa registram as duas entradas presentes no Houaiss 1.0 (2001). Nesse caso, o Houaiss 1.0 (2001) mostra mais adequado por apresentar as duas entradas e, ao compararmos a entrada que é comum aos dois dicionários, o Aurélio 3.0 (acepção um, da segunda entrada, apresentada pelo Houaiss 2.0 (2001): 1999) mostra uma definição mais adequada ao consulente.

Há apenas uma ocorrência no Corpora, ocorrência essa que se define pela acepção um apresentada no Aurélio 3.0 (1999) e pela acepção um, da segunda entrada, apresentada pelo Houaiss 2.0 (2001):

Quanto ao lançado, não se iludia sobre sua condição de dependente, mas tampouco ignorava que numa aldeia de um rei, ou no **compound** de um aristocrata, estava seguro. A sua pessoa não seria ,agredida nem seus bens tocados, sem castigo.(...) Cada qual construiu o seu **compound** - uma cerca envolvendo Sua casa e as de suas mulheres, filhos, noras, agregados e escravos. (A MANILHA E O LIMBEMBO)

A unidade léxica *feedback* é definida de forma mais completa no Aurélio 3.0 (1999), no entanto, esse dicionário preocupa-se em definir a unidade com seu uso dentro da biologia. O Houaiss 1.0 (2001) apresenta na acepção dois uma definição que se fez recorrente na busca de ocorrências pelo Corpora:

[Ingl.]

S. m.

1. Eletrôn. V. realimentação (2) e retroalimentação.
2. Fisiol. Volta, a um sistema, de parte do que ele eliminou, de forma a obter-se algum controle sobre esta eliminação.

Feedback negativo. Fisiol.

1. Em um dado sistema, manutenção de eliminação constante, mediante controle, por inibição, de uma etapa fundamental desse sistema por um produto dele.

Feedback positivo. Fisiol.

1. Em um dado sistema, obtenção de eliminação, que aumenta continuamente, mediante estimulação de uma etapa fundamental desse sistema por um produto dele. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/ˈfɪdbæk/ [ing.] s.m. (d1950) 1 reação a um estímulo; efeito retroativo **2** COMN informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão **3** ELETR ELETRÔN m.q. **realimentação** □ ETIM ing. *feedback* (1920) 'realimentação, retroalimentação, recarga, regeneração', do v.ing. *to feed* 'alimentar' + adv. ing. *back* 'para trás, de volta' (HOUAISS 1.0, 2001)

Wiener define o mecanismo regulador das conexões de retorno de dispositivos automáticos como sendo o **feedback**, semelhante ao processo neurofisiológico, ao controle da própria fala de uma pessoa. A prova da voz retardada ou *delayed feedback* representa, por exemplo, a demora do retorno durante o controle da captação vocal, segundo alguns dispositivos cibernéticos. (...) Goas, estudando as relações corticoreticulares, descreve, no estado de vigília, além da ação ativadora do sistema reticular sobre as funções corticais, um verdadeiro mecanismo de

feedback exercido pelo córtex sobre a atividade reticular, facilitando por meio dele as respostas motoras. (AUDIOLOGIA CLÍNICA)

(...) **feedback**: utilize o que lhe ensinou a experiência para aumentar a eficácia de processos futuros. Nos próximos capítulos discutiremos cada um desses pontos em maior detalhe e ilustraremos a sua aplicação através de exemplos reais. (O QUE É MARKETING)

Ela montou um sistema de cobrança chamado **feedback**, que funcionada seguinte maneira: primeiro você entrega o documento decobrança para nós. Automaticamente, é feito um seguro cobrindo a operação que este documento representa. (VISÃO)

Além das ocorrências acima, outras onze foram encontradas no Corpora Lex.

A unidade léxica *flip-flop* não apresenta nenhum registro no Corpora. O dicionário Aurélio apresenta-a de forma clara e objetiva. O dicionário Houaiss dá duas entradas à unidade:

[Ingl.]

S. m. Eletrôn.

1. Circuito digital que alterna seu estado em função de pulsos que recebe em sua entrada. (AURÉLIO 3.0, 1999)

¹**flip-flop**

/flip flAp/ [ing.] s.m.2n. GIN salto para trás, praticado com o apoio das mãos □ ETIM ing. *Flip-Flop* (1600) 'inversão súbita de um movimento, salto para trás', p.ext. 'aparelho ou circuito eletrônico (como em computador) capaz de assumir qualquer um de dois estados estáveis' (...)

²**flip-flop**

/flip flAp/ [ing.] s.m.2n. (d1980) 1 ELETRÔN red. de *circuito flip-flop* (HOUAISS 1.0, 2001)

Nessa segunda entrada, recorre à sinonímia, não deixando clara a definição.

A unidade *globe-trotter* não apresenta identidade entre os dicionários e, analisando as três ocorrências, pode-se dizer que as duas obras deixam de lado um traço muito importante na definição da unidade: “por prazer” (traço ressaltado nos dicionários de língua inglesa:.

[Ingl.]

S. m.

1. Aquele que viaja mundo em fora. (AURÉLIO 3.0, 1999)

/'glɔwb 'trAt<ɾ/ [ing.] s.m. pessoa que está constantemente viajando por diferentes partes do mundo □ GRAM pl.: *globe-trotters* (ing.) □ ETIM ing. *globe-trotter* (1875) 'id.', de *globe* 'globo, mundo' e *trotter* 'que trota, que percorre' (HOUAISS 1.0, 2001)

(...) eu que sou **globe-trotter** e amante de todos os horizontes; (...)Mas, voltando ao que interessa, foi levado por meu espírito de **globe-trotter** ou de pulga que esta manhã pedi carona a um enorme caminhão de carga que ia saindo da cidade e que me levou em pouco tempo para uma estrada muito ampla e muito limpa, cercada de espessa mata por ambos os lados. (A LUA VEM DA ÁSIA)

Houaiss 1.0 (2001) registra a unidade *happy end*, da qual foram encontrados sete registros no Corpora:

/ˈhæpi End/ [ing.] *loc.subst.* **1** CINE LIT M.COM desenlace feliz de enredo de filme, peça de teatro, romance, radionovela, telenovela etc., que ameaça terminar tragicamente **2** *p.ext.* final feliz de qualquer seqüência de episódios na vida real □ ETIM ing. *happy* 'feliz, bem' + *end* 'fim, término' < *ending* 'que termina'; em fr., anglicismo us. desde 1947 (HOUAISS 1.0, 2001)

Vitória

Vai juntar o teu gado e recomeçar o **happy end!** É pra já! (ÓPERA DO MALANDRO)

O que é mais surpreendente - e incomum nesse tipo de literatura - é o **happy end** do livro: Fanny não morre na sarjeta, e tampouco na prisão como sempre acontece às mulheres devassas.(O QUE É PORNOGRAFIA)

Caro leitor, poderia encerrar o livro com um Final Feliz talvez fosse mais agradável para mim e para você. Afinal, nada melhor do que um **happy end**, no estilo dos filmes em que o vilão é vítima de sua própria maldade e os oprimidos encontram a felicidade. (MENINAS DA NOITE)

Aurélio 3.0 (1999) registra, ainda, a unidade *happy ending*, definida por remissão:

[Ingl., 'fim feliz'.]

S. m.

1. V. fim feliz. (...)

Essas unidades têm definições muito semelhantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise feita, pode-se dizer que não há um procedimento lexicográfico uniforme que oriente ou que norteie a inserção de unidades lexicais de língua inglesa nos dicionários Aurélio 3.0 (1999) e Houaiss 1.0 (2001), as maiores obras lexicográficas do português. É importante notar que assim como não há critérios idênticos, não há ainda um método lexicográfico sobre o assunto.

O objetivo inicial do trabalho era verificar o tratamento lexicográfico dado pelos dicionários Aurélio 3.0 (1999) e Houaiss 3.0 (2001), usando-se como metodologia: o levantamento das unidades registradas como provenientes de outras línguas pelo dois dicionários, marcadas lingüisticamente. Diante do grande número de unidades de várias línguas encontradas no Aurélio 3.0 (1999), apenas os anglicismos passaram a ser objeto de análise. A partir dos anglicismos extraídos do Aurélio 3.0 (1999), selecionamos as unidades de origem inglesa registradas no Houaiss 3.0 (2001)

Em um primeiro momento, foram detectados alguns problemas como, por exemplo, a ausência de transcrição fonética no Houaiss 1.0 (2001) justificada, em suas notas introdutórias, pela falta de tempo hábil para essa documentação antes da publicação da obra. Fato que, no entanto, prejudicou o caráter sistemático que a obra se propõe a apresentar.

Além disso, nos dois dicionários, um excesso de definições por sinonímia e por remissivas se faz presente. Em alguns casos, principalmente no Houaiss 1.0 (2001), as definições por remissivas são feitas de modo direto, como no exemplo abaixo:

hyperlink

/ˈhajpɹliŋk/ [ing.] s.m. INF ver *link* □ ETIM ing. *hypertext* 'hipertexto' + *link* 'vínculo' (HOUAISS 1.0, 2001)

Este procedimento contraria o que o autor propõe no manual da obra: apresentar nos casos de definição remissiva “[...] uma *minidefinição* da acepção para qual se remete”(Houaiss 1.0, 2001).

Ainda sobre essa definição remissiva, é importante ressaltar o grande número de remissões a unidades traduzidas, fato verificado em ambos os dicionários.

interview

[Ingl.]

S. m. Jorn.

1. Entrevista. (AURÉLIO 3.0, 1999)

interview

/'intɛrvju/ [ing.] s.m. JOR ver *entrevista* □ ETIM ing. *interview* (1505), de *inter-* 'entre-' + *view* 'vista', do fr. *entrevue* (1498) f. substv. de *entrevu*, part.pas. de *entrevoir* 'vislumbrar, entrever, ver de relance'; ver *vid-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Procedendo a uma comparação entre os anglicismos registrados pelas duas obras lexicográficas, foram percebidas, inicialmente algumas diferenças ortográficas, principalmente em unidades compostas, sendo algumas hifenizadas e outras não:

disco-music

[Ingl.]

S. f. Mús.

1. Tipo de música popular dos anos 1970, caracterizada pela batida repetitiva, forte e acelerada, ger. acompanhada de efeitos sonoros eletrônicos. (AURÉLIO 3.0, 1999)

disco music

/'diskow 'mjuzik/ [ing.] loc.subst. (1976) MÚS gênero de música dançante de estilo popular, caracterizado por letras redundantes, sons eletrônicos e ritmo eletrizante, que foi divulgado esp. pelas discotecas □ ETIM *disco* 'discoteca' + *music* 'música'; ver *disc(i/o)-* (HOUAISS 1.0, 2001)

Ao comparar as unidades, foram verificados alguns casos de identidade de definição.

A semelhança de definição é o resultado mais presente: um dicionário registra uma definição mais completa destacando mais alguns aspectos semânticos ou registra uma definição mais apropriada de acordo com o registro da unidade nos dicionários de língua inglesa; ou ainda, uma definição menos técnica, menos enciclopédica, acessível ao consulente.

Alguns casos de falta de identidade de definição também foram observados:

girl

[Ingl., 'moça'.]

S. f.

1. Corista de teatro ou cinema. (AURÉLIO 3.0, 1999)

girl

/gɪrl/ [ing.] s.f. vedete de teatro ou cinema □ ETIM ing. *girl* (sXIV) 'criança do sexo feminino; moça solteira; mulher, solteira ou casada, de qualquer idade' (HOUAISS 1.0, 2001)

Nesse contraste entre os dois Corpora constituídos a partir dos dicionários, chamou a atenção, ainda, a grande disparidade: das aproximadamente 652 unidades registradas pelo Aurélio apenas 409 eram comuns às 1072 unidades registradas pelo Houaiss como provenientes da língua inglesa.

Fez-se necessário, numa etapa seguinte à análise, verificar a contextualização das unidades. Para tanto, foi usado o Corpora do Laboratório de Lexicografia(Corpora Lex) da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus de Araraquara. Buscou-se, então, para as 409 unidades comuns, o registro ou ausência no banco de dados constituído de textos das Literaturas Técnica, Dramática, Jornalística, Oratória e Romanesca, no período de 1950 a 2000.

Buscando as unidades lexicais de língua inglesa presentes nas duas obras no Corpora Lex, foi encontrada contextualização para 284 dessas unidades.

É importante ressaltar que em alguns casos essa contextualização foi decisiva para apontar qual definição seria a mais apropriada entre duas definições semelhantes, como é o caso da unidade *girl* mencionada anteriormente: após a contextualização foi possível afirmar que a definição dada pelo Aurélio 3.0 (1999) era a mais adequada.

Nunca param; e correm quando os outros param. E vivem atentos ao minuto exato, a esse instante que, fora de tempo pode transformar o sorriso belo da "show **girl**" num horrível berro de justificado pânico. (VIDA DOMÉSTICA)

Em outros casos, entretanto, o Corpora mostrou que nenhuma das definições apresentadas era satisfatória para definir os exemplos:

hot

[Ingl.]

Adj.

1. Diz-se do jazz praticado pelos grandes improvisadores negros, entre 1925 e 1930, que empregavam a escala de vibratos, os portamentos [v. portamento (1)] , etc., para dar colorido ao som. (AURÉLIO 3.0, 1999)

hot

/hAt/ [ing.] *adj.* (c1920) MÚS de ritmo muito acentuado e melodia livremente improvisada (diz-se do *jazz* característico da década de 1920) □ ETIM ing. *hot of jazz* 'emocionalmente excitante, fortemente ritmado e com improvisações melódicas livres' (HOUAISS 1.0, 2001)

Nesse caso, a unidade *hot* parece mais apropriadamente definida pelo Aurélio 3.0 (1999); no entanto, a definição deste dicionário, bem como a definição do Aurélio 1.0 (2001) não contemplam nenhuma das duas ocorrências registradas pelo Corpora Lex:

Pão de queijo! Tem azeitona, picles, salame, provolone, sardinha. **Hot-dog**. (O GANHADOR)

(...) eu brigava com a Cledir, eu telefonava para as garotas da **hot line**, eu cheirava... (O MATADOR)

Desse modo, fica claro a falta de um procedimento lexicográfico comum aos dicionaristas. Muitas vezes, ao proporem em “notas introdutórias” a adoção de um procedimento que oriente e facilite a consulta da obra, tal procedimento não é observado criteriosamente, passando para o consulente uma informação que não pode ser encontrada no interior dos verbetes. Tal fato ocorreu com certa frequência no Houaiss

Espera-se com esta análise ter oferecido uma contribuição para os estudos lexicográficos em Língua Portuguesa, principalmente no sentido de se tentar mostrar a necessidade de se estabelecer procedimentos que permitam, de modo criterioso, inserir nosm dicionários de língua portuguesa, unidades lexicais de origem estrangeira.

7 REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. **Alfa**, São Paulo, nº28, suplemento, p.119-126, 1987.

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical á planificação lingüística. **Alfa**, v.40, 11-16, 1996.

BIDERMAN, M.T.C. **Teoria Lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, M.T.C. O dicionário padrão da língua. In: **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.): 27-43, 1984.

BIDERMAN, M.T.C. O léxico, testemunha de uma cultura. In: Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românica. 19, 1992. Anais... Santiago de Compostela, 1992, p. 397-405.

CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria e editora Ltda,1975.

CARVALHO, N. de **Empréstimos Lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI. Versão 3.0. Lexicon Informática Ltda, novembro de 1999. (Publicação integral do Novo Dicionário Aurélio – Século XXI, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, publicado pela Editora Nova Fronteira.)

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0. Editora Objetiva, dezembro de 2001.(Publicação integral do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, *Instituto Antonio Houaiss*, 2001.)

Dic Michaelis UOL. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/michaelis>>. Dowloand em: 10 jul. 2005.

Longman Dictionary of Contemporary English . Longman, 1993.

SANDMANN, A. J. **Competência Lexical**: produtividade, restrições e bloqueios. Curitiba: UFPR, 1991.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1997.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.